

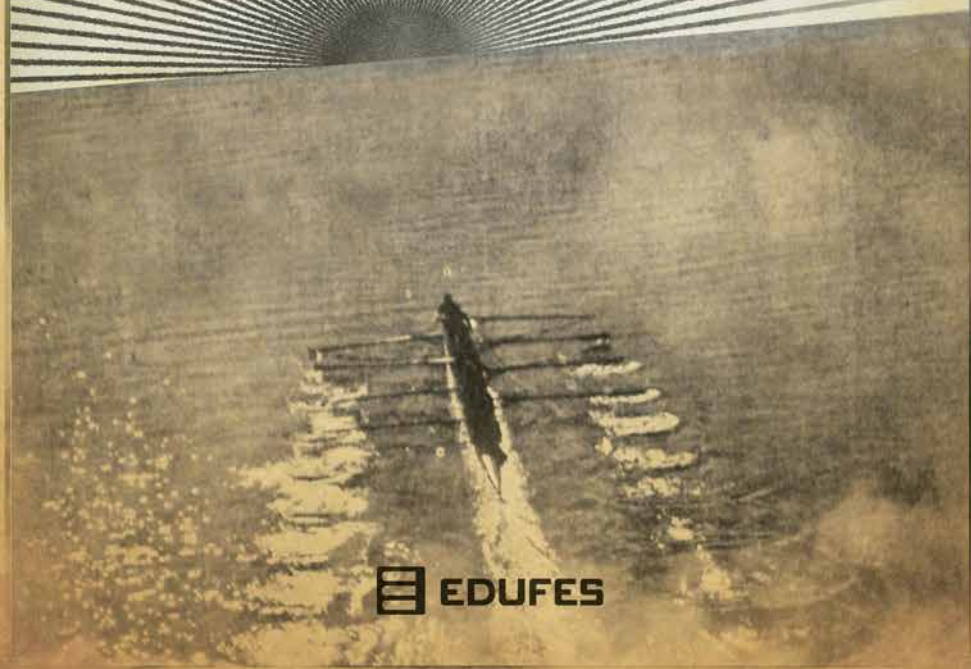
ORGANIZADORES

Ivan Marcelo Gomes • Felipe Quintão de Almeida
Ueberson Ribeiro Almeida • Cláudia Emília Aguiar Moraes



O ESPORTE NA CIDADE

capítulos de sua história em Vitória



 EDUFES

O ESPORTE NA CIDADE

capítulos de sua história em Vitória

Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari · 514 · Campus de Goiabeiras
CEP 29 075 910 · Vitória – Espírito Santo, Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 · E-mail: edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Reitor | Reinaldo Centoducatte

Vice-Reitora | Ethel Leonor Noia Maciel

Superintendente de Cultura e Comunicação | Ruth de Cássia dos Reis

Secretário de Cultura | Rogério Borges de Oliveira

Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial

Agda Felipe Silva Gonçalves, Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Gilvan Ventura da Silva, Glícia Vieira dos Santos, José Armínio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Maria Helena Costa Amorim, Rogério Borges de Oliveira, Ruth de Cássia dos Reis, Sandra Soares Della Fonte

Secretário do Conselho Editorial | Douglas Salomão

Revisão de Texto | Alina Bonella

Projeto Gráfico e Diagramação | Yuri Fassarella Diniz

Capa | Willi Piske Júnior

Revisão Final | Os organizadores

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

E77 O esporte na cidade : capítulos de sua história em Vitória / organizadores, Ivan Marcelo Gomes ... [et al.]. - Vitória : EDUFES, 2014.

164 p. : il. ; 21 cm

ISBN: 978-85-7772-196-2

1. Esportes - Vitória (ES) – História. 2. Educação física.
3. Remo (Esporte). 4. Futebol. I. Gomes, Ivan Marcelo, 1973-.

CDU: 796(815.2)(091)

ORGANIZADORES

Ivan Marcelo Gomes • Felipe Quintão de Almeida
Ueberson Ribeiro Almeida • Cláudia Emília Aguiar Moraes

O ESPORTE NA CIDADE

capítulos de sua história em Vitória



EDUFES

VITÓRIA, 2014

Dedicado a Ricardo de Figueiredo Lucena



SUMÁRIO

Prefácio	9
Apresentação	13
O surgimento dos clubes esportivos em Vitória	23
O esporte na imprensa em Vitória (1926–1936): Uma análise dos jornais A Gazeta e o Diário da Manhã	51
Esporte na cidade: Novos espaços, novos objetos... Uma nova paisagem em Vitória (1896–1940)	77
Esporte e nacionalismo em Vitória: Uma análise a partir do jornal A Tribuna (1939–1945)	117
Imagens da mulher na revista Vida Capichaba (1940–1949)	139



PREFÁCIO

Trânsitos culturais são uma constante na história. E são mesmo surpreendentes. Quem diria que a batata, esse alimento que é tão importante na história europeia, foi cultivada pela primeira vez na América, sendo para o Velho Continente levada pelos espanhóis invasores (ou conquistadores, dependendo do ponto de vista)? Por lá, é plantada desde o século XVI, a princípio nas Ilhas Canárias, de onde se espalhou para outros países, até ocupar um importante lugar na formação da classe operária inglesa, nos séculos XVIII e XIX. No fluxo contrário, quem no país do carnaval, como é o Brasil conhecido em muitos cenários, diria que essa se trata de uma festividade que surgiu na Europa, com uma dinâmica bastante distinta da que hoje conhecemos nas cidades tupiniquins?

O que ocorre é que esses encontros são potencializados a partir do século XIX, entre tantos motivos em função do desenvolvimento tecnológico, processo marcado por tensões políticas, interesses econômicos, choques culturais. A bordo de rápidos navios a vapor, mercantes e de guerra, a Inglaterra, que teve a maior marinha do mundo, pioneiramente contribuiu para que o fluxo de produtos, práticas e comportamentos se tornasse cada vez mais intenso. O local e o global: trata-se de um tema importante para as ciências humanas e sociais, certamente ligado aos reposicionamentos que se exigem dos indivíduos e das sociedades nesse quadro.

O esporte é uma das práticas que têm participado ativamente desse processo. Fenômeno moderno, sistematizado na Inglaterra da transição dos séculos XVIII e XIX, relacionado com os movimentos de modernização naquele país em curso desde a transição do XVII, essa prática logo se difundiu para o mundo, no bojo das citadas iniciativas inglesas.

Em Pindorama, o esporte chegou quando ainda éramos uma colônia, junto com o aumento do protagonismo dos britânicos, observável notadamente pelo papel de destaque que ocuparam no processo de transferência da capital do império português para o Rio de Janeiro, ocorrido em função dos conflitos napoleônicos. Todavia, é somente a partir de meados do século XIX, em um momento-chave da construção da ideia de nação, quando o já independente Império brasileiro conseguira certa estabilidade política e econômica, que o campo esportivo começou definitivamente a se estruturar.

Muitos anos depois, seríamos reconhecidos como o país do futebol, ou pelo menos assim nos representaríamos. Entre os dois momentos, muita água passou por baixo da ponte. O esporte deu muitos distintos passos nas mais diferentes cidades onde foi se estruturando, sempre dramatizando, em maior ou menor grau, o conjunto de tensões do cenário sociocultural, entre as quais as ambições (ou não) de modernização, o que não poucas vezes significou o desejo, pelo menos anunciado, e nunca efetivamente alcançado, de reproduzir, em terras nacionais, parâmetros culturais estrangeiros, considerados “civilizados”.

Assim como a batata americana, que, ao ser apreendida na Europa, já não é só mais das Américas (é, aliás, curiosamente chamada de batata inglesa), assim como o carnaval europeu quase virou sinônimo de Brasil em algumas apreensões, o esporte deixou de ser exclusivamente britânico, ainda que nunca o deixasse completamente de ser. Foi relido, ressignificado a partir das distintas peculiaridades históricas, dialogando com as diferentes estruturas de sentimentos: o local e o global – o já citado desafio para os cientistas sociais.

Essa questão se desdobra, já que é variável a escala do que é local e global. A cidade do Rio de Janeiro pode ser considerada como o local, se a pensarmos no cenário internacional, mas pode ser o global, se a encararmos como uma caixa de ressonância para outras cidades brasileiras. Essas, todavia, estabeleceram diferentes relações com o “projeto civilizacional” que vinha do município da Corte/capital da República, até porque esse não

se tratava mesmo de um processo monolítico. Além disso, mantiveram, em distintos graus, relação direta com o cenário internacional. E tinham também suas peculiaridades históricas. Se quisermos melhor compreender a riqueza do desenvolvimento do fenômeno esportivo no País, teremos que encarar o desafio de melhor prospectar todas essas dimensões, responsáveis, inclusive, por delinear os mais distintos arranjos da prática.

Alerte-se: acho pouco produtivo fazer isso por causa do esporte em si. Não que ele não seja importante, muito pelo contrário. É exatamente porque ele é tão importante que parece pouco pensar somente no fenômeno. Uma história social (ou cultural, ou política, ou econômica) do esporte é antes de tudo uma história da sociedade a partir do esporte, assim como uma história do esporte na cidade é antes de tudo uma história da cidade.

Pois bem, esses parecem ter sido os desafios assumidos, e bem resolvidos, pelos autores deste livro que tenho a honra e prazer de prefaciar. Somando-se a outros belíssimos trabalhos que também se dedicaram a compreender o esporte para além do eixo Rio-São Paulo (sobre cidades como Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Salvador, Recife, entre outras), essa turma incrível nos brinda com uma investigação séria sobre Vitória, a capital do Espírito Santo.

Faltava mesmo algo mais profundo e sistematizado sobre essa cidade. Mas não é por isso que esse esforço deve ser valorizado. Esse grupo de jovens pesquisadores, que já vêm deixando sua marca em estudos de outra natureza, ao encarar os desafios de se embrenhar pelas searas da pesquisa histórica, apresentam-nos uma rica e bem contada história, mobilizando com rigor um bom número de fontes impressas e abordando, com competência, questões de grande relevância acerca do objeto.

Podemos claramente perceber o quanto o esporte, a exemplo de outras cidades, em Vitória, também teve relação com os processos de modernização em curso, algo que incidiu sobre a estrutura urbana, que teve a ver com a busca do espaço público como *locus* privilegiado de vivências sociais, com o

papel dos meios de comunicação, com um novo protagonismo feminino, com a vinculação a dilemas sociais, como os ligados à saúde e à raça.

O leitor acha que é exagero de minha parte? Então largue logo esse prefácio e corra para o que interessa: o livro! Estou seguro de que a leitura será motivo de deleite e que, ao fim, sentirá, como sinto, um gosto de “quero mais”. Que venham mais livros sobre Vitória!

Victor Melo
Verão de 2013
Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro



APRESENTAÇÃO

Nas duas últimas décadas, cresceram em importância, mas, também, em quantidade e qualidade, os estudos históricos sobre a introdução das práticas esportivas nas principais cidades brasileiras (MELO, 2001; LUCENA, 2001; SEVCENKO, 1992, 1999; PEREIRA, 2000). Apesar desse crescimento, ainda há muito por se fazer na historiografia dos esportes cujo *locus* de interpretação seja outro que não o eixo Rio de Janeiro-São Paulo.

Este livro resulta dessa necessidade; é decorrência de uma pesquisa iniciada no ano de 2009, cujo propósito foi descrever e discutir aspectos do advento e da consolidação das práticas esportivas em Vitória/ES, narrando o papel que o esporte desempenhou nas décadas iniciais do século XX, época em que a Capital do Espírito Santo, ainda que tardiamente em relação a capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, assume para si a tarefa de se transformar em uma cidade moderna. A iniciativa tinha o declarado interesse de retomar uma investigação iniciada por Lucena (1994, 1997, 2000), mas que não fora levada às últimas consequências em sua tese de doutorado (LUCENA, 2001), pois Lucena deslocou seu foco de interesse: da cidade de Vitória para o Rio de Janeiro.

A pesquisa que embasa este livro objetivou suprir (parcialmente) uma lacuna importante na história do esporte na cidade de Vitória, pois são pouquíssimos os estudos acadêmicos que se dedicaram a essa tarefa.¹ Além disso, nosso esforço se soma àqueles existentes que procuram dar visibilidade à(s) história(s)

1 Situamos, a esse respeito, o trabalho de Silva (2006), embora seu texto pouco avance em relação aos apontamentos fornecidos por Lucena nas referências já arroladas aqui. Além dela, há alguns livros de caráter informativo buscando descrever a história dos clubes esportivos em Vitória ou de uma modalidade específica.

do esporte em outros centros do Brasil (MELO, 2010a), permitindo destacar as particularidades, mas, também, as semelhanças em relação ao que aconteceu em outras regiões do País. Nesse sentido, o livro se inspira nessas pesquisas, procurando cotejar nossas “descobertas” com aquilo que já é conhecido a respeito da historiografia dos esportes em outras localidades do território nacional. Analisar comparativamente a relação entre projetos de modernidade e de esporte permite-nos buscar o que aproxima ou distancia as cidades e compreender seus fundamentos sociais e históricos. Submeter a história do esporte em diferentes cidades à comparação pode nos ajudar, além disso, a entender/ buscar outros sentidos e nexos compreensivos para o fenômeno, abrindo novas possibilidades para as linhas de investigação consolidadas. Apesar dessa influência, não se trata, contudo, de um livro baseado na metodologia da história comparada dos esportes (MELO, 2007, 2010b), mas, sem dúvida, inspira-se nesse recente movimento no âmbito da história do esporte no Brasil.

No que diz respeito ao recorte histórico abarcado pelo livro, a pesquisa que deu origem a ele concentrou-se em fontes publicadas nas quatro primeiras décadas do século XX.² A escolha desse período não se justifica, única e exclusivamente, em função do fato de a Primeira República e a ditadura do Estado Novo terem sido fundamentais para a compreensão dos mais diversos acontecimentos históricos do País. Se é inegável que há, sobretudo nos anos 1920 e 1930, um intenso movimento no sentido de organizar a política esportiva nacional (MANHÃES, 2002), concentrando-a nas mãos do Estado brasileiro, a opção aqui foi feita considerando-se as especificidades do próprio objeto de trabalho, pois foi nesse período (quatro décadas iniciais do século XX) que teve início a estruturação e posterior consolidação da organização esportiva em Vitória (na forma principalmente dos clubes), mas é também a época em que os esportes, notadamente o remo e o futebol, são reconhecidos como elementos

2 Apesar de termos privilegiado fontes do século XX, num dos capítulos do livro trabalhamos com uma fonte do ano de 1896. A consideramos pois é desta data o primeiro projeto de expansão e reestruturação da cidade (o Novo Arrabalde). Mais informações a respeito dele no capítulo 3.

importantes da vida cultural capixaba,³ influenciando gostos, atitudes, formando subjetividades (e sensibilidades) e modos de vida mais afeitos às transformações daquela sociedade.

Embora não possamos afirmar que o esporte não era praticado na cidade de Vitória antes do século XX, uma busca (que precisa de novas investidas) em alguns jornais no final do século XIX identificou uma escassez de notícias relacionadas com o esporte. As informações a respeito de sua prática, quando existentes, eram curtas e se misturavam com informações comerciais, políticas, econômicas e também “dispersas” nas seções destinadas aos acontecimentos sociais (não havia, portanto, colunas ou páginas esportivas). Essa não era uma característica apenas da imprensa capixaba, mas, também, identificada nos jornais do Rio de Janeiro (MELO, 2012). É sobretudo a partir dos anos 1920 que os jornais dão destaque ao fenômeno, oportunidade em que começam a aparecer as colunas e páginas inteiramente dedicadas a ele.

Em termos de fontes, trabalhamos com cinco principais. Três delas são jornais: o jornal *Diário da Manhã*, que inicia sua publicação em 1907; o jornal *A Gazeta*, publicação diária que circulou na Capital a partir de 1928; e o jornal *A Tribuna*, que inicia sua publicação em 22 de setembro de 1938 (SOPRANI, 2010; LINDENBERG, 2010; BRITTES, 2010). Todos os impressos possuíam uma seção dedicada ao esporte, que, ao longo dos anos, variou de denominação.⁴ A opção pelos jornais se justifica na medida em que eles representavam um dos elementos legitimadores das ações dos governadores que conduziram o projeto de modernidade de Vitória nos primeiros anos do século XX. Conforme Luca (2010, p. 120), as transformações pelas quais passaram várias cidades brasileiras, nas décadas iniciais do século XX, foram também perscrutadas por intermédio da imprensa, “[...] por cujas páginas formularam-se, discutiram-se e articularam-se projetos de futuro”. Neles eram publicadas muitas matérias sobre a vida política no Estado e também sobre

3 Capixaba refere-se ao cidadão nascido em Vitória.

4 Mais comentários sobre essas modificações podem ser obtidos nos capítulos do livro.

os aspectos culturais e sociais em efervescência à época, dentre eles, aqueles relacionados com o fenômeno esportivo. Os jornais, portanto, eram responsáveis por registrar os principais acontecimentos da cidade, encerrando “[...] a capacidade de coletar, registrar e distribuir informação em tantos níveis diferentes, desde as atividades diárias das cidades pequenas aos eventos nacionais e internacionais” (DIZARD, 2000, p. 239).

Além disso, os jornais são uma fonte largamente reconhecida e pesquisada no âmbito dos estudos historiográficos do esporte (HOLLANDA; MELO, 2012). De um lado, isso se explica tanto pela importância desses periódicos, que nos permitem ter acesso a certa representação do cotidiano em um dado contexto, quanto pela relativa ‘facilidade’ de encontrar tal material: ainda que comumente com precária preservação e disponível em poucos arquivos, são mais acessíveis, por exemplo, que a documentação de grande parte dos clubes, que lamentavelmente perdeu-se no tempo. De outro, eles funcionaram como mediadores entre as agremiações e o público mais amplo, atuando tanto como “[...] agências educadoras no que se refere às peculiaridades da nova prática que se estruturava na cidade quanto como caixa de ressonância das posições dos aficionados” (MELO, 2012, p. 24).

As outras duas fontes são revistas. Uma chamada *Vida Capichaba* (1923-1957) e a outra *Chanaan* (1936-1939). A primeira era um periódico de publicação quinzenal que circulava na Capital e no interior do Estado. Dispunha de uma seção específica destinada aos esportes (inicialmente chamada *Resenha Esportiva*, sendo denominada *Vida Sportiva* a partir de 1930). O primeiro número do impresso foi editado em abril de 1923, ininterruptamente publicado nos 34 anos seguintes, mesmo que, a partir de 1954, passasse a se chamar *Revista Capichaba* (1954-1957) (ROSTOLDO, 2007; BARRETO, 2010). Em relação ao periódico *Chanaan*, trata-se de um impresso publicado pela primeira vez em 1936. Era uma revista “concorrente” da *Vida Capichaba*, embora não tenha alcançado a importância desta. Não sabemos, após consultas nos arquivos e nos livros disponíveis, quando a revista deixou de ser editada. Conseguimos identificar os números publicados entre os anos de 1936 e 1939. A opção por

essas duas revistas se justifica na medida em que elas congregavam, conforme Bittencourt (1989), o que havia de melhor no jornalismo e nas letras espírito-santense, constituindo-se, assim, em preciosa fonte de indicações e informações sobre o clima cultural e político de então, além de influenciar decisivamente a imprensa capixaba daquela época.

Além dos jornais e das revistas, também acessamos outras fontes, como relatórios de prefeitos, mapas da cidade, atas ou documentos dos clubes, fotografias antigas de Vitória etc.⁵ Todo esse material foi consultado, prioritariamente, nas seguintes instituições: Arquivo Público Estadual, Biblioteca Pública Estadual, Arquivo Público Municipal, Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo (sala de coleção especial) e Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES). Infelizmente, os clubes de Vitória visitados não têm suas memórias registradas em museus, bibliotecas ou arquivos; muitos documentos se perderam ou, então, estão em posse de dirigentes ou ex-atletas preocupados em preservar o pouco que ainda existe.

No que diz respeito à organização deste livro, os cinco capítulos que o compõem são artigos escritos e submetidos a importantes periódicos do campo da Educação Física, do Esporte e do Lazer.⁶ Cada capítulo é assinado por um conjunto de autores, que representa as pessoas que contribuíram para o assunto tratado no capítulo. Essas são, além disso, as pessoas que, desde 2009, estiveram e estão envolvidas⁷ com a investigação sobre o advento e consolidação das práticas esportivas em Vitória.

5 Nem todo o material que catalogamos e registramos, desde 2009, foi utilizado no livro.

6 O fato de os artigos terem sido, antes, submetidos a periódicos, deixou algumas passagens repetitivas (eram importantes quando da submissão às revistas, mas, no livro, poderiam se tornar desnecessárias). Resolvemos, contudo, manter essa característica pois isso expressa também o próprio movimento (e amadurecimento) da pesquisa.

7 Estão envolvidas, pois a pesquisa continua em andamento, retomando fontes já estudadas, catalogando outras e abordando outros eixos de interpretação da história do esporte em Vitória. Neste momento, aliás, desenvolvemos uma parceria institucional com o Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo como foco o projeto de pesquisa "Memórias litorâneas em ilhas capitais: futebol, remo e outras práticas esportivas em Vitória-ES e Florianópolis-SC".

O primeiro e o segundo capítulo, respectivamente denominados “O surgimento dos clubes esportivos em Vitória”⁸ e “O esporte na imprensa em Vitória (1926-1936): uma análise dos jornais *A Gazeta* e o *Diário da Manhã*”,⁹ tratam de aspectos referentes ao advento do esporte e da criação dos primeiros clubes em Vitória, em especial os de remo e de futebol. Além de informações referentes ao surgimento desses clubes, descrevemos alguns discursos normativos que estavam associados às práticas esportivas, como o da saúde e o da melhoria da raça. O esporte foi visto, portanto, como um meio de fortalecer física, moral e intelectualmente os seus praticantes, desenvolvendo neles uma “verdadeira” formação integral.

O terceiro capítulo, “Esporte na cidade: novos espaços, novos objetos... uma nova paisagem em Vitória (1896-1940)”,¹⁰ tem por objetivo evidenciar a capacidade de as práticas relacionadas com o ócio, o lazer e o esporte redefinirem os usos do território urbano, produzindo novas formas espaciais e introduzindo novos objetos na paisagem. Nesse sentido, analisa a construção de espaços e objetos destinados à exercitação corporal e/ou esportiva, assumindo, como ponto de partida, o projeto do Novo Arrabalde, passando pela criação do Parque Moscoso, em 1912, até chegar à construção, em 1936, do estádio Governador Bley, “casa” do Rio Branco Futebol Clube. A esse respeito, destacamos como a construção dessa praça de esportes estava vinculada ao nacionalismo dos anos 1930 e 1940 e ao papel dos esportes e dos exercícios físicos nessa direção.

O quarto capítulo do livro, denominado “Esporte e nacionalismo em Vitória: uma análise a partir do jornal *A Tribuna* (1939-1945)”,¹¹ continua a tratar dos vínculos entre o esporte e

8 Versão modificada desse capítulo foi publicada na revista “Esporte e Sociedade”, ano. 7, n. 20, set. 2012.

9 Versão modificada desse capítulo foi publicada na “Revista Educação Física/UEM”, v. 23, n. 4, 4. trim. 2012.

10 Versão modificada desse capítulo foi publicada na “Revista “Educación Física y Deporte”, v. 31, n. 1, 2012.

11 Uma versão modificada foi aceita para publicação na revista “Pensar a Prática”.

o discurso nacionalista, operando, para tanto, com um recorte temporal em que esse discurso recrudescer: a Segunda Guerra Mundial. O capítulo é interessante pois, além de dar visibilidade a essa relação em “solo” capixaba, poucos são os trabalhos, no âmbito dos estudos historiográficos do esporte, que se dedicaram ao binômio esporte-guerra com mais atenção.

O último capítulo do livro, “Imagens da mulher na revista *Vida Capixaba* (1940-1949)”,¹² é dedicado às prescrições endereçadas à mulher nos anos 1940, descrevendo, por um lado, os valores culturais e morais esperados das mulheres e, por outro, narrando o papel da moda (esportiva) na reinvenção das identidades até então associadas ao “belo sexo”. Este capítulo soma-se aos poucos trabalhos existentes no campo da Educação Física, do Esporte e do Lazer que tratam da relação entre o desenvolvimento da moda e a criação de um estilo de vida esportivo, em que o vestuário tem um papel muito importante.

Os cinco capítulos descrevem, assim, alguns aspectos e/ou algumas dimensões da história do esporte em Vitória.¹³ Constituem, dessa forma, uma primeira iniciativa de trazer à tona, de modo mais sistemático, informações sobre o advento e consolidação das práticas esportivas na Capital do Espírito Santo. Trata-se, certamente, de um primeiro passo de um longo trabalho de pesquisa em desenvolvimento.

Antes de encerrar esta apresentação, é preciso agradecer a todos(as) aqueles(as) que foram importantes na pesquisa que sustenta a elaboração deste livro. Nessa lista não podem faltar os funcionários dos arquivos visitados, os alunos de iniciação científica e de mestrado que trabalharam arduamente na catalogação (além de Bruno Henrique de Paula, Cecília Nunes da Silva, João Alexandre Demoner e Thácia Ramos Varnier, que assinam alguns capítulos do livro, não podemos nos esquecer de Patrick

12 Versão modificada desse capítulo foi publicada na revista “Movimento”, v. 19, n. 2, abr./jun. 2013.

13 Todas as citações retiradas dos jornais e revistas foram transcritas de modo a respeitar a originalidade das fontes (inclusive a grafia da época).

Alves, Rafaela Olegário, Samara Salvador Meneghetti, Victor Estevam Klippel e, especialmente, Júlia Bigossi e Renan Carvalho). Sem a ajuda dos profissionais e o apoio dos(as) alunos(as), a pesquisa não seria possível. É preciso mencionar, ainda, o subsídio institucional do Laboratório de Estudos em Educação Física (Lesef), localizado no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Ufes, que apoiou com as bolsas de iniciação científica, e das agências de fomento Capes, que financiou o projeto por meio do Edital Universal MCT/CNPQ n°14/2009, e Fapes, que também financiou o projeto conforme seu Edital Universal n°012/2011.

Os organizadores
Ivan Marcelo Gomes
Felipe Quintão de Almeida
Ueberson Ribeiro Almeida
Cláudia Aguiar Moraes

Referências

BARRETO, S. M. C. Revista Vida Capichaba. In: BRITTES, J. G. (Org.). **Aspectos históricos da imprensa capixaba**. Vitória: Edufes, 2010. p. 147-154.

BITTENCOURT, G. **Notícias do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1989.

BRITTES, J. G. (Org.). **Aspectos históricos da imprensa capixaba**. Vitória: Edufes, 2010.

DIZARD, W. J. **A nova mídia**: a comunicação de massa na era da informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (Org.). **O esporte na imprensa e a imprensa no esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LINDENBERG, L. A Gazeta. In: BRITTES, J. G. (Org.). **Aspectos históricos da imprensa capixaba**. Vitória: Edufes, 2010. p. 123-130

LUCA, T. R. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 111-153.

LUCENA, R. Os primeiros passos do esporte capixaba. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 2º, 1994, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1994. p. 237-241.

_____. Para uma história do esporte em Vitória. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). **Pesquisa histórica na educação física**. Vitória: Ufes, 1997. N. 2. p. 169-184.

_____. Uma cidade em Vitória: notas para um estudo do esporte na cidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 7. 2000, Gramado. **Anais...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000. p. 278-283.

_____. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. São Paulo: Autores Associados, 2001.

MANHÃES, E. **Política de esportes no Brasil**. São Paulo: Graal, 2002.

MELO, V. A. **Cidade sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

_____. **História comparada do esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

_____. **Sport, cidade e modernidade**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri/ Faperj, 2010a.

_____. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 107-120, jan./mar. 2010b.

_____. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (Org.). **O esporte na imprensa e a imprensa no esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania**: uma história social do futebol (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ROSTOLDO, J. P. **“Vida Capichaba”**: o retrato de uma sociedade - 1930. Vitória ES: IHGES, 2007.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil República**: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 513-619.

SILVA, D. M. C. Primeiros apontamentos para a história de clubes esportivos em Vitória. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER, EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA; II CONGRESSO LATINOAMERICANO DE HISTÓRIA DE LA EDUCACIÓN FÍSICA, 10., 2., 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2006. p. 1-5.

SOPRANI, J. História de A Tribuna. In: BRITTES, J. G. (Org.). **Aspectos históricos da imprensa capixaba**. Vitória: Edufes, 2010. p. 131-134.



O SURGIMENTO DOS CLUBES ESPORTIVOS EM VITÓRIA

Cecília Nunes da Silva • Cláudia Emília Aguiar Moraes
Felipe Quintão de Almeida • Ivan Marcelo Gomes
Thacia Ramos Varnier • Ueberson Ribeiro Almeida

Há pelo menos duas décadas que, dentro e fora do campo da Educação Física, inúmeros pesquisadores têm se esmerado no sentido de dar visibilidade às práticas esportivas que “invaadiram” o Brasil a partir do século XIX. Os estudos pioneiros a respeito dessa história (LUCENA, 2001; MELO, 2001; SEVCENKO, 1992, 1999) escolheram, como cenário de suas investigações, as duas principais cidades brasileiras na transição do século XIX para o século XX (Rio de Janeiro e São Paulo). Fora desse eixo, contudo, poucos são os estudos disponíveis a respeito das práticas esportivas, de sua história nas cidades.¹⁴ Este capítulo visa a cobrir parcialmente essa lacuna, ao oferecer uma investigação sobre a criação e organização clubística na cidade de Vitória, buscando narrar alguns papéis assumidos pelo esporte no desenvolvimento dessa cidade nos primeiros anos do século XX.

No que diz respeito à periodização, a pesquisa concentrou suas análises entre os anos de 1920 e 1940. A escolha desse recorte não foi fortuita, pois se presenciou, nessa época, uma “febre esportiva” (MASCARENHAS, 1999) em Vitória. Os indícios dessa manifestação esportiva na e da cidade eram registrados pelos principais meios de comunicação do período, com destaque para o jornal *O Diário da Manhã*, cuja publicação se inicia em 1907. No *Diário da Manhã*, trabalhamos com o

¹⁴ A esse respeito, ver Melo (2010).

jornal impresso, disponibilizado no Arquivo Público Municipal de Vitória. Sua qualidade era boa, facilitando a catalogação por meio de fotografias. Dele catalogamos os anos de 1926, 1928, 1929, 1930 e 1936.¹⁵ Muitas notas, reportagens ou imagens (fotografias e propagandas) sobre os esportes eram também publicadas nas páginas das revistas *Vida Capichaba* (1923-1957) e *Chanaan* (1936-1938). As revistas *Vida Capichaba* e *Chanaan* também foram consultadas em versões impressas, disponíveis, em boa qualidade, na Biblioteca Estadual (Vitória/ES). Na revista *Vida Capichaba*, catalogamos os números publicados entre os anos de 1923 e 1940. Na *Chanaan*, foram catalogados os anos de 1936, 1937 e 1938. Após a catalogação, realizamos a categorização temática das fontes. Foi a partir dessa estratégia que operamos as análises em torno da criação e desenvolvimento dos clubes esportivos. Dessa forma, trabalhamos com os “clubes náuticos” e os “clubes futebolísticos”.

Este capítulo está organizado em três eixos. No primeiro, “A criação dos primeiros clubes esportivos capixabas”, apresentamos uma breve “nota” sobre o desenvolvimento dos clubes na cidade de Vitória. No segundo e terceiro, respectivamente, “Clubes Náuticos” e “Clubes futebolísticos”, discutimos aspectos da organização dos clubes de remo e futebol da Capital do Espírito Santo, considerando os fatores que influenciaram o desenvolvimento dessas modalidades esportivas. Encerramos com uma síntese das evidências encontradas, perspectivando a continuidade da investigação.

A criação dos primeiros clubes esportivos capixabas

Embora elevada, pela lei de 17 de março de 1823, à categoria de cidade, é somente nos primeiros anos do século XX que Vitória passará pelas transformações que, no Rio de Janeiro e São Paulo, estavam em curso desde pelo menos meados do sé-

¹⁵ Não foi possível catalogar as publicações dos anos de 1931 a 1935 do jornal *Diário da Manhã*, em função da falta desses exemplares nos arquivos consultados (fomos informados que não existem mais em função de um incêndio). Em relação ao ano de 1927, não havia material disponível no arquivo.

culo XIX. A transição perceptível da antiga cidade colonial para a Vitória moderna teve um grande impulso durante a gestão de Jerônimo Monteiro, governador do Estado entre os anos de 1908 e 1912. Os dois governos (1912-1920) que sucederam o de Jerônimo Monteiro, no comando do Estado, não conseguiram manter sua dinâmica de trabalho, em grande parte devido à Primeira Grande Guerra Mundial, que criou sérios problemas no mercado do café, ainda o principal motor da economia na região. Nestor Gomes e Florentino Ávidos, entre 1920 e 1930, concluíram a concepção de cidade que nascera no governo de Muniz Freire (1892-1896) e seu famoso Arrabalde (BRITO, 1896). Eles não só deram prosseguimento à construção do Porto, como executaram extenso programa de obras, visando aos melhoramentos urbanos de Vitória (DERENZI, 1965). Uma nova cidade, mais moderna e confortável, apresentava-se à realidade da população capixaba no final dos anos 1920. Tal processo foi tão impactante que, na década de 1930, a antiga vila colonial praticamente havia morrido. O depoimento fornecido pelo senhor Gustavo Barbosa ao jornal *Diário da Manhã* e publicado no dia 21 de abril de 1929 é exemplar de todo esse processo:

[...] a primeira vez que vi Vitória, tive horror. Isto, porém, há vinte anos (1909). Foi quando vim conhecer também o Rio. Não havia porto, nem ruas para pisar. Chovia e tudo era lama. O palácio do governo era um velho convento com uma igreja ao lado. Tal foi minha impressão que embora passando por aqui várias vezes, só depois de doze anos (1921), me animei a desembarcar de novo. Notei grande transformação. Agora, pela terceira vez, já posso dizer que Vitória me agradou. Nota-se em tudo que a cidade é outra. Ruas limpas e bem calçadas, prédios amplos e modernos, bondes, automóveis, estradas e a linda ponte metálica ligando a ilha ao continente. Não é preciso recorrer às estatísticas para saber que aqui existe um grande laboratório de trabalho, sente-se o progresso (DIÁRIO DA MANHÃ, 21 de abr., 1929, s/p).

É em meio a esse processo de transformação que surgem os primeiros clubes esportivos em Vitória, como é o caso do

Álvares Cabral e do Saldanha da Gama,¹⁶ fundados na primeira década do século XX a partir de iniciativas de jovens que aqui domiciliavam:

Em 1902, quando havia pelo resto do Brasil um início de movimento pela prática de exercícios físicos, alguns moços, que já estavam aqui há um punhado de anos, e outros capixabas viajados de leitura se convenceram da necessidade de fundar um clube desporto. [...] a idéia de se criar o Saldanha foi ativada após a fundação do Álvares Cabral, que ‘nasceu’ nos dias 06 de julho de 1902, graças ao empenho e dinamismo de um grupo de pessoas, onde se destacavam vários portugueses. A denominação do clube, então formado, se deveu ao fato de a colônia portuguesa querer homenagear um de seus ilustres navegadores Pedro Álvares Cabral. Conta Jaime Navarro, que surgiu, então a idéia de se fundar um outro clube que pudesse competir com o Álvares Cabral. E poucos dias depois fundou-se o clube do Forte, que receberia o nome de seu ilustre brasileiro, o almirante Saldanha da Gama [...] (SEM AUTORIA, 31 jul, 1978, p. 10).

Nesse processo de criação dos clubes, os estudantes tiveram um papel de destaque ao importarem costumes presentes em outras cidades para Vitória.¹⁷ É o que também aponta Gomes Filho (2002, p. 11), ao comentar como o futebol começa a ser praticado em solo capixaba: “[...] A maioria era estudante de medicina e acadêmicos de direito. Quando vinham à Vitória, de férias, eram cercados para mostrarem as novidades. Traziam bolas de couro, uma raridade. Tudo era festa [...]”. Tão logo sua prática se dissemina das escolas para os “campinhos”,¹⁸

16 Não encontramos registros, em outras fontes consultadas, de que havia uma organização clubística em Vitória antes da virada para o século XX. Isso já demarca uma importante diferença do esporte em Vitória, ao menos se compararmos com o que aconteceu em outros locais.

17 Outras Capitais brasileiras expressam essa tendência, como Florianópolis (VAZ; BOMBASSARO, 2010), Rio de Janeiro (LUCENA, 2001; MELO; PRIORE, 2009) e Porto Alegre (MAZO, 2007).

18 Antes de os primeiros clubes de futebol surgirem, a prática desse esporte estava ligada às escolas, como o Colégio Estadual (com o time *Sul América*) e a Escola Normal (com a equipe do *XV de Novembro*).

criam-se as condições de possibilidade para o surgimento dos primeiros clubes: *Foot-Ball Club Victoria*, em 1912, e o Rio Branco Foot-ball Club, em 1913. Em 1º de outubro de 1912, fundou-se o *Foot-Ball Club Victoria*. Segundo Marques (2012, s/p), “Foi numa terça-feira, primeiro de outubro de 1912, no sobrado de número 8 na Rua São Francisco, em Vitória, que o futebol capixaba oficialmente nasceu. Ali, na casa dos irmãos Taciano e Constâncio Neves Espíndula, alguns dos primeiros praticantes do jogo na capital do Espírito Santo fundaram o *Foot-Ball Club Victoria*”. Esse clube teve, no bairro de Santa Lúcia, um modesto campo cercado com alguns degraus de madeiras cobertos para melhor acomodar seus torcedores. Sua área, conforme Gomes Filho (2002), era separada por fios de arame corridos, colocados sobre ripas grosseiras, nos quais seus torcedores se debruçavam confortavelmente.

Menos de um ano depois da inauguração daquele clube, em 21 de junho de 1913, cria-se, por um grupo de jovens de menor “poder aquisitivo”, mais um clube de futebol: o *Juventude e Vigor*. A sua fundação ocorreu no centro de Vitória. Pouco depois, em uma reunião realizada em 10 de fevereiro de 1914 (GOMES FILHO, 2002, p. 14), os fundadores resolveram prestar uma homenagem ao chanceler José Maria da Silva Paranhos Júnior, conhecido como o Barão de Rio Branco, e mudaram o nome do *Juventude e Vigor* para *Rio Branco Foot-ball Clube*, que construiu seu primeiro “estádio” no bairro operário de Jucutuquara, num antigo terreno em que antes funcionara uma salina, naquele momento abandonada.

Outros clubes de futebol foram criados nos anos seguintes, como o Moscoso, o Barroso, o América, o São Christovão, o Americano, o Tiradentes etc. (DIÁRIO DA MANHÃ, 1926). Todos eles foram extintos anos depois. Logo em seguida à criação dos clubes, tem início, em 1917, uma liga de futebol (DIÁRIO SPORTIVO, 1928).

Após apresentar essa “nota” sobre a criação dos clubes esportivos, a seguir, analisaremos com mais detalhes o desenvol-

vimento dos clubes náuticos, os primeiros clubes esportivos a se organizarem em Vitória.

Clubes náuticos

Certamente, a localização geográfica da ilha de Vitória foi um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento do remo capixaba. A constituição de um território banhado pelo mar e o clima quente e úmido fizeram da cidade um lugar propício para a prática desse esporte. Não somente fatores geográficos foram importantes para a criação dos clubes, mas também existia, aqui, um desejo e uma predisposição para o desenvolvimento da prática, pois ela, conforme outros estudos já demonstraram (MELO, 2001; LUCENA, 2001; SEVCENKO, 1992, 1999), era associada ao que era novo, moderno. O desenvolvimento do esporte seria mais uma conquista nessa direção.

Com o sucesso dos clubes de remo em cidades que aqui exerciam sua influência, principalmente o Rio de Janeiro, não demorou muito tempo para esse esporte se iniciar e desenvolver-se em solo capixaba. Graças aos esforços lusitanos, os clubes Álvares Cabral e Saldanha da Gama se fortaleceram e conquistaram a preferência da população. O remo foi, por muito tempo, a modalidade esportiva mais praticada pelos capixabas. Segundo as fontes consultadas, o discurso da saúde, que permeia a prática esportiva desde aqueles tempos (MELO; DEL PRIORE, 2009), presenciava-se no argumento dos especialistas da imprensa em favor daquela prática náutica. A informação a seguir, contida em uma matéria do *Diário da Manhã*, na coluna *Diário Sportivo*, do dia 7 de setembro de 1926, é ilustrativa disso:

Nenhum esporte nos empolga tanto como as regatas: nenhum outro também é tão útil ao physico, como elle. Eu o comparo ao mais elegante de todos [...]. Nelle não há o perigo, as formas desgraciosas do conjunto, a brutalidade, a violência, o desamor

ao próximo, como o football [...].¹⁹ O Remo e a natação estão sobre todos os outros.

Outro exemplo pode ser encontrado em uma coluna da revista *Vida Capichaba*, conforme se vê a seguir:

O remo é o desporto mais antigo do Espírito Santo e também o que empolga mais a sua população. Neste anno, dois grandes e veteranos clubs de remo vêm de completar < apenas > trinta anos de fundação, o que não significa pouca cousa em matéria desportiva. Exercício salutar, praticado principalmente pela manhã, ao ar livre, o remo traz ao organismo uma série de benefícios esplendidos, além de ser disciplinador de forças elemento preponderante de cooperação. Quem pratica o remo sabe perfeitamente que para vencer há imprescindível necessidade de treinos methodicos e harmonia de conjunto. Dahi a cohesão que os clubs de remo sempre encontram entre seus associados, que pelo exercício diário sabem quanto vale o esforço colectivo e quando dispersivo e improductivo o esforço isolado. Quem assiste a uma partida de foot-ball, jogada em horas commodas, em terra, nas horas em que toda gente descança, aos domingos, e até uma regata, que começa logo as 12 horas e vae até ás 6 da tarde, no salso elemento, com conforto relativo e precário, fica desde logo notando que a cidade e a população, preferem o remo a qualquer desporto terrestre. As ruas, em dia de regatas, ficam desertas. Os cafés vasioes, enquanto correm os pareos, e a Bahia e os caes, apinhados de delirantes torcedores, que vibram, [...] applaudem os seus afeiçoados. E ninguem escapa a influencia e ao entusiasmo geral, que tem um aspecto próprio e característico em nossa cidade. Creaças, moços, senhoras, senhoritas, velhos e sizudos cavalheiro,

19 Essas resistências ao futebol, encontradas também em outras cidades do País, indicavam uma preocupação com o caráter de alguns esportes, pelo fato de eles promoverem a violência, desenvolverem hábitos e vocabulários impróprios entre as pessoas, assim como desviarem a juventude dos estudos e do cultivo espiritual. Esse seria o caso exatamente do futebol, cuja prática, segundo a crítica, fomentava nos praticantes e torcedores um vocabulário viril, de baixo calão e uma forte propensão à agressividade (PAGNI, 1997; PEREIRA, 2000).

todos < torcem >, todos applaudem, todos passam horas alegres e vivificadoras com o desporto náutico, rithmico, emocionante, disciplinador, e que é entre nós, um exemplo de tenacidade, de esforço, de coragem e vontade de vencer [...]. Assim, vê-se a cada passo, que o desporto aquático progride, avança, conquista maiores adeptos, e será sempre entre nós, o leader dos desportos como é o veterano dos divertimentos da sociedade (VIDA SPORTIVA, 30 jul, 1932, s/p).

O sucesso do remo se justifica graças à sua capacidade de agregar elementos que o qualificam como uma prática esportiva importante para a saúde e para o bem-estar da sociedade. Valores como o desafio em frente ao mar, a manutenção da saúde, a solidificação de um corpo estético musculoso e viril e a educação moral são algumas das propriedades que permeiam a prática do remo, considerada uma verdadeira “escola de virtudes” (MELO; DEL PRIORE, 2009). Ainda segundo Melo (2001, p. 77), o remo seria o esporte da saúde,

[...] do desafio, contra o outro e contra o mar, que educa o músculo e a moral; o esporte da velocidade; do progresso, do limpo e do belo, da vida e da ordem (ligada à circulação, onde o mar ocupa um importante papel). O esporte de uma juventude ativa, forte e com ‘liberdade de espírito’ suficiente para conduzir a nação ao progresso necessário.

A associação entre a saúde e a prática do remo também pode ser observada na coluna *Diário Sportivo*, do dia 13 de novembro de 1928, que publicou o estatuto de fundação do clube de remo Náutico Brasil.²⁰ Lá se dizia que o clube “[...] tem fim principal o desenvolvimento physico de seus associados pelo cultivo dos esportes em geral [...]”. Também encontramos, nessa mesma coluna, no dia 4 de janeiro de 1929, matéria com o diretor do Clube de Regatas Saldanha da Gama: “O exercício physico garante um corpo são, realizando o conhecido aphorismo [...]”.

20 Além do Náutico Brasil, outro clube de remo criado nesse período é o Piratininga, cuja sede ficava em Vila Velha, município vizinho à Capital.

A gymástica respiratória que o exercício dos remos torna metódica, exerce uma salutar influência é sobre que se constrói a educação do homem”.²¹

O entusiasmo popular com o remo era bastante visível nas regatas. Nesses dias, a população se aglomerava na beira-mar para acompanhá-las mais de perto, como evidencia a matéria do ano de 1926:

[...] a uma das mais entusiastica se não a mais entusiastica das festas náuticas que se tem realizado [na baía de Vitória] [...]. Os caes estiveram toda a tarde repletos de torcedores e os pontões dos clubs não comportaram o número vultoso de sócios e convidados que de seu bordo quiseram ver de mais perto a entrada na raia (DIÁRIO SPORTIVO, 7 de set. 1926, s/p).

Os clubes se organizavam durante meses não somente para a competição propriamente dita, mas, também, para acomodar seus sócios no dia tão esperado, conforme podemos observar na citação a seguir:

Ha, este anno, para augmentar o entusiasmo da população, a grande vantagem da nova raia, que faz coincidir a ‘chegada’ muito proximo á ponte, soberba moldura para o quadro empolgante da nossa bahia festiva e engalanada. Num dos seus vãos, o veterano Alvares Cabral conseguiu da Secretaria da Agricultura uma área especial, que servirá para seus associados e ‘torcidas’, ficando o restante para o publico em geral. Por sua vez o Saldanha da Gama cuidou de conseguir uma vasta área no caes dos armazens da firma Vivacqua, Irmãos & Cia., onde localizará os seus associados e suas familias,

21 Mesmo entre os clubes de futebol, identificamos a recorrência desse discurso, como é o caso do Rio Branco Foot-ball Club, que se denominava, quando de sua fundação, “Juventude e Vigor”: “[...] somos todos jovens e vigorosos, moços sadios e fortes. Vamos chamar o clube de Juventude e Vigor [...]. Os meninos [...] abraçavam a catequese dos que punham na prática dos esportes a solução na formação da juventude, baseada na máxima latina ‘mens sana in corpore sano’ [...]” (GOMES FILHO, 2002, p. 11).

tendo condução por água e por terra. O Nautico Brasil não determinou ainda onde alojará os seus associados, mas por certo o fará por esses dias, e o Piratininga também ainda não determinou qual o seu palanque. As duas veteranas sociedades, o Alvares e o Saldanha, estão optimamente colocados, e, por certo, farão attrahir para os seus reductos os mais finos elementos de nosso meio, pois que a nossa alta sociedade ainda é, como em outros tempos, ardentemente interessada pelo remo (DIÁRIO SPORTIVO, 9 out., 1928, s/p).

Quem não era sócio se “acotovelava” à beira-mar para assistir às disputas (LIMA JÚNIOR; SOARES; BONICENHA, 1994). Essa segregação e/ou organização também foi identificada na organização clubística náutica do Rio de Janeiro. De acordo com Melo (2007), em dias de regatas, os integrantes das elites cariocas eram dispostos em arquibancadas, no Pavilhão de Regatas ou no interior dos barcos atracados na Baía da Guanabara, para poderem contemplar os páreos.

O clamor esportivo em favor do remo possibilitou, além disso, o desenvolvimento de outras atividades esportivas na água (Figura 1). Nesse caso, o mar serviu inicialmente de palco para as primeiras partidas de “water-pollo” e de natação, cujas disputas “[...] Levava[m] áquella nossa bella praia²² innumeradas famílias da nossa melhor sociedade e grande público” (DIÁRIO SPORTIVO, 1 de mar. 1929, s/p). Normalmente os atletas dessas novas modalidades eram aqueles mesmos que já tinham alguma experiência com o remo (MELO, 2007). Esse é o caso do famoso remador capixaba Wilson Freitas, também adepto do “water-pollo”.

Com o passar dos anos, os clubes náuticos foram ganhando mais reconhecimento e importância na sociedade. Paralelamente a isso, crescia, também, seus investimentos na ampliação e aparelhagem de materiais. Muitos desses materiais eram importados do Rio de Janeiro, como mostra a reportagem do dia 1º de

22 O artigo faz referência ao que se chamava Praia Comprida, local em que hoje se encontra o bairro Praia do Canto.



Figura 1 – Primeira competição de Natação promovida pela LSES

Fonte: *Vida Capichaba, Vitória, 30 maio 1935, s/p.*

junho de 1929, do *Diário Sportivo*: “[...] Chegada ante-hontem da Capital Federal, já foi incorporada à flotilha do club Náutico Brasil uma bem trabalhada yole de 2 remo”. Dias depois, em 4 de junho, a coluna esportiva elogia a compra feita pelo Náutico Brasil: “[...] Vai assim o C. N. Brasil aparelhando sua flotilha, merecendo justos elogios pela maneira por que tem se portado para o progresso do esporte náutico entre nós”. Apesar de comprarem barcos, os clubes já tinham tecnologia para produzir, eles próprios, seus barcos (CHANAAN, 1937).

Negociações para auxílio governamental com a finalidade de construção de quadras, piscinas e/ou quaisquer ampliação estrutural desejada pelos clubes também eram recorrentes. Na revista *Chanaan* (1937), publica-se uma matéria que justifica os investimentos feitos pelo Governo Estadual nos diversos clubes da cidade e do interior (sobretudo futebol e remo) para a cons-

trução de suas praças esportivas. Diz a letra do texto, referindo-se ao interventor do Estado, João Punaro Bley, que seu governo

[...] tem se voltado também para os esportes em geral, tendo fornecido grandes auxílios aos clubes esportivos da cidade e do interior do Estado para a construção de suas praças desportivas. Assim temos procedido, porque consideramos os esportes como capítulo fundamental de Educação Física. A formação de uma mocidade forte e capaz de cumprir seus deveres para com a pátria deve sempre preocupar a atenção dos governantes, daí porque volvemos carinhosamente os nossos melhores cuidados para os esportes, dispensando-lhes assistência financeira para poderem bem exercer as suas nobilitantes finalidades. Concedemos o auxílio de 160 contos de réis ao ‘R. B. Futeból Clube para a construção do seu magestoso stadium’. Atendemos ao apêlo dos clubes de futeból ‘Ipiranga’, de João Pessoa e ‘Estrela do Norte’, de Cachoeiro de Itapemirim, auxiliando – os com 70 contos de réis. Empréstamos aos Clube de Regatas ‘Saldanha da Gama’ a importância de 300 contos de réis para melhoramentos em suas secções esportivas. Ao Clube de Regatas ‘Álvares Cabral’ fornecemos um empréstimo de 100 contos de réis para o mesmo fim e ainda ao ‘Clube Náutico Brasil’ para igual destino, será também concebido um empréstimo (CHANAAN, jul. 1937, s/p).

Os investimentos não se restringiram ao Governo Estadual. Em nível municipal, constatamos, no relatório do prefeito de Vitória, Asdrubal Soares (1930-1933), que estavam sendo feitos estudos para a construção de um estádio em Jucutuquara, abrangendo: sondagens, projetos das ruas adjacentes, cálculo de movimento de terra, anteprojecto da estrutura de concreto armado e orçamento aproximado das obras. Encontramos, no relatório de 1935, do prefeito de Vitória, Álvaro Sarlo (1935-1936), uma menção sobre a realização de terraplanagem para a construção do novo campo do Rio Branco. No relatório do ano de 1936, assinado por Laurentino Proença, “chefe de obras” do prefeito Paulino Müller (1936-1937), identificamos dados sobre verbas reservadas à construção do estádio “Governador

Bley”. Ainda em 1936, no relatório da “Diretoria de Água e Esgoto”, consta verba destinada ao gramado e construção do estádio. Segundo Pereira (2000, p. 355), e isso se aplica bem ao nosso caso, o financiamento do governo aos grandes clubes já “[...] era praticado pelas autoridades, mas a partir da Revolução de 30 foi estendido a clubes menores, não apenas por parte do governo federal, como também por prefeitos, interventores ou outros órgãos governamentais”.

Essa ajuda financeira envolvia, para os governantes, o sentido de apresentar o esporte como uma importante manifestação de um País que pretendia ser “moderno” (MELO; PRIORE, 2009). Além disso, o esporte, ao fortalecer o corpo individual, cumpria o papel de fortalecer o corpo social, indispensável à construção da Nação, pois, para que esta seja vigorosa, é necessário que ela seja construída sob alicerces fortes. A juventude esportiva “[...] representa essa base e assume o compromisso com a pátria, com seu grupo social e com seus antepassados de construir uma Nação modelada nos valores morais e espirituais desenvolvidos com a prática do esporte” (COERTJENS; GUAZZELLI; WASSERMAN, 2004, p. 259).

Mas não era só de esporte que se organizava a vida dos clubes de remo. Suas sedes sociais eram ponto de encontro para reuniões e festividades diversas. A seguir, uma matéria alusiva à sede social cabralista:

Entretanto nestes últimos annos, mais intenso tem sido o enthusiasmo dos cruzmatinos, principalmente depois que foi inaugurada a sua esplendida séde social, magnificamente situada na principal praça da cidade. E ali no centro accessível a todos os associados o ‘Álvares’ tem promovido noites de requintada elegância e de vera animação. As festas de anno novo, de anniversário do Club, de Carnaval, de S. Pedro e de Primavera são verdadeiros triumphos sociais. Além disso, ha as festas simples mensaes sempre coroadas de pleno êxito (CHANAAN, jul. 1937, s/p.).

A essa época, portanto, os clubes tinham como uma importante função reunir em seus salões a mais “fina flor” da sociedade capixaba para comemorações. As festividades do carnaval eram aquelas que mereciam um lugar cativo nas publicações dos jornais e na agenda do público frequentador dos clubes. A seguir, a Figura 2 demonstra a animação dos foliões durante uma festa realizada nas dependências sociais do clube Saldanha da Gama. Percebem-se, na foto, os foliões com vestimentas típicas carnavalescas e a decoração apropriada da festa; esta era intitulada de “Festa Cigana” e promovida pelo “Grupo dos Aquáticos”. Em eventos como esses eram muito comuns a presença da rainha do clube e a realização do concurso de melhor bloco.



Figura 2 – Festa Cigana realizada na Sede Social do Clube Saldanha da Gama
Fonte: *Vida Capixaba*, Vitória, 1935, s/p.

Nas sedes sociais, grandiosos salões eram frequentados por homens para resolver temas que extrapolavam os interesses do próprio clube, “[...] enquanto as esposas se dedicavam a organizar as festas promovidas no interior do mesmo, bem como definiam que tipo de vestimenta seria utilizada nas mais diversas atrações” (KUNSCH; SALUS-

TIANO, 2007, p. 57). As mulheres, portanto, possuíam autoridade para a organização de eventos dentro dos clubes por meio do Departamento Feminino, que permitia que elas participassem ativamente da vida social desses clubes. Esse departamento fazia parte da diretoria e era de sua responsabilidade a organização das festas e comemorações (KUNSCH; SALUSTIANO, 2007, p. 86). Porém, as senhoras e senhoritas só poderiam participar dos eventos dos clubes se seu marido ou seu pai, no caso das jovens, fosse sócio. Caso fosse solteira e sem um vínculo familiar no quadro associativo, era recusada como sócia pela diretoria do clube. Nessa direção, o clube é permanentemente referido como lugar da família, lugar de encontro das famílias, lugar de constituição de famílias e de alianças entre famílias.

Dessas festividades e também da prática esportiva, contudo, somente participavam aqueles com condições financeiras mais favoráveis, pois a aceitação dos indivíduos nos clubes dependia de uma prévia aprovação da diretoria. Havia uma série de requisitos para se tornar um associado. Tal estratégia garantia a preservação dessa distinção social dos membros. Isso significa que a população mais carente de recursos financeiros, mas, também, de capital simbólico, ficava alijada dessa participação.

Nas fontes consultadas, encontramos outros rituais festivos que faziam parte da vida dos clubes. Um exemplo registrado era a solenidade da queima de barcos veteranos, em que era queimado o barco desgastado, e a solenidade de batismo dos barcos, decorrente da aquisição de um novo barco. A nomeação do barco se dava por um padrinho, normalmente uma personalidade regional (principalmente políticos). Em ambos os eventos realizados pelos clubes, a presença de autoridades do cenário capixaba era recorrente. As Figuras 3, 4 e 5, reproduzidas na sequência, são alusivas a essas cerimônias festivas. No caso da Figura 3, ela exhibe a homenagem que o clube Saldanha da Gama prestou ao então interventor federal do Estado, João Punaro Bley, que discorria no salão nobre desse clube para a “mocidade sportiva do Espírito Santo”, após ser

agraciado como padrinho do barco construído no estaleiro do clube. Vale destacar que a presença constante de autoridades políticas em eventos esportivos era uma forma de os clubes demonstrarem ao governo sua adesão às políticas que norteavam as práticas esportivas por eles praticadas. Era também uma forma de os políticos mostrarem que estavam cumprindo o papel social que cabia ao Estado: principalmente, cuidar da saúde da população e fomentar a produção de uma cultura alinhada ao desenvolvimento urbano-industrial, à modernidade.



Figura 3 – Cerimônia de Batismo de Barcos realizada no clube Saldanha da Gama

Fonte: *Chanaan, Vitória, 1937, s/p.*



Figura 4 – Apadrinhamento dos novos barcos.
Sede do C.R. Saldanha da Gama
Fonte: *Chanaan*, Vitória, 1937, s/p.

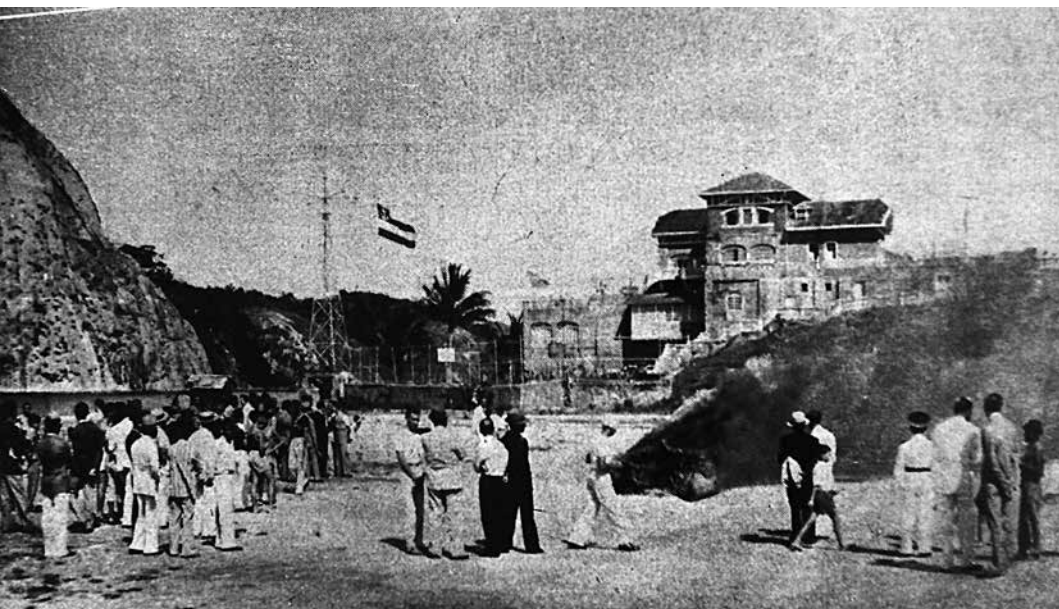


Figura 5 – Solenidade de queima dos barcos
Fonte: *Chanaan*, Vitória, n. 17, ago. 1937, s/p.

Esse “reinado” do remo em Vitória somente foi abalado com a efervescência de uma nova prática esportiva: o futebol. Essa modalidade passa a disputar espaço nos meios de comunicação, principalmente no rádio e nas mídias impressas, como jornais e revistas. É o que veremos a seguir.

Clubes futebolísticos

Com a constante valorização das práticas esportivas, o remo, considerado uma modalidade esportiva elitizada, passou a sofrer a concorrência do futebol, que ganhara importância. Essa “rivalidade” se deve, dentre outros elementos, ao fato de o futebol ser uma modalidade mais acessível, sem necessidade da aquisição de equipamentos mais rebuscados. É o que ressalta Melo (2007, p. 7), referindo-se à cidade do Rio de Janeiro:

[...] Uma participação mais ativa das camadas populares na prática esportiva somente seria identificada alguns anos mais tarde, quando o futebol se tornou uma febre da cidade, algo que persiste até nos dias atuais. Ele seria praticado não só nos clubes, mas na várzea, em quadras, em campos improvisados, em qualquer lugar onde fosse possível simular balizas. Seria jogado com qualquer material esférico que lembre uma bola (pode ser de meia, de papel, de plástico, de couro etc.).

Em Vitória, o futebol começou tarde quando comparado com a sua difusão em outras Capitais brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo. Como dissemos, é somente na década de 1910 que os primeiros clubes de futebol se organizam na cidade, com a promoção da prática desse esporte nas escolas por rapazes estudantes recém-chegados de outros lugares. Segundo matéria publicada no jornal *Diário da Manhã*,

A história de nosso futebol é de ontem. Quando em outras capitães já era praticado com habilidade e ardentemente admirado o bello e violento esporte bretão, nos o desconhecíamos quase que por

completo e não tínhamos o menor interesse pelas pugnas que constantemente se travavam entre as agremiações de São Paulo e Rio (DIÁRIO SPORTIVO, 1926, 3 out. s/p).

As escolas, as regiões do bairro Moscoso, da barreira de São Gonçalo e do largo de São Francisco, todas elas localizadas no centro da cidade, foram o sítio embrionário do contato dos rapazes capixabas com as bolas de meia e de bexiga de boi (GOMES FILHO, 2002; MARQUES, 2012). É bem verdade que

[...] com uma noção ainda pouco precisa da verdadeira technica futebolística. Um ou outro, mais viajado, sabia as regras e procurava applical-as, lutando com as dificuldades communs que se antepõem sempre á tarefa mellindrosa de organizar alguma coisa (DIÁRIO SPORTIVO, 1926, 3 out. s/p).

Apesar dessa “falta de intimidade” com a bola, em pouco tempo o futebol disputou com o remo a preferência da juventude capixaba, como podemos observar na reportagem do dia 19 de maio de 1929, no *Diário Sportivo*: “[...] Hoje mais duas partidas de futebol, o tão querido esporte, que incontestavelmente é o preferido do nosso público”. A importância dessa prática é ressaltada nos meios de comunicação de massa. Manchetes eram publicadas e o futebol deslancha nas páginas das revistas e jornais em circulação.

Com sua proliferação e popularização nos recônditos da cidade, os jogos de futebol vão perdendo a marca elitista que esteve associada à sua introdução no País e aparecem, a partir de então, como mais um meio de intervenção direta no físico, no intelecto e na moral de todo o conjunto da população. Unindo seus praticantes em torno de um mesmo ideal viril, os jogos seriam um meio para fomentar o desenvolvimento de um novo homem em Vitória. O jogo de bola teria o poder de ajudar na criação de uma sociedade na qual os homens fossem educados pelos exercícios físicos, capazes de aliar o ensinamento do senso de coletividade a de disciplina na consolidação física, moral e

intelectual da “raça brasileira” (NEGREIROS, 2003). Na matéria “O *Stadium* como índice de civilização”, assinada por Pêrsio Nascimento, fica evidente o interesse do Estado em “regenerar” os corpos e incentivar as práticas esportivas na população em favor de uma mocidade mais forte e sadia. Diz a letra da publicação que o Brasil, ainda que com algum atraso, segue o passo de outros países, despertando de um sonho que pouco a pouco vai se transformando na mais promissora realidade, pois já “[...] cuida do aprimoramento de sua raça, reconhecendo no *Stadium* um meio capaz de seleccionar typos e estabilisar padrões” (VIDA CAPICHABA, maio, 1936, s/p).

Outro aspecto importante sobre os primórdios da prática futebolística em Vitória refere-se à forte influência dos clubes cariocas sobre os times capixabas. Nos conteúdos dos jornais, exaltava-se a presença dos times do Rio de Janeiro em Vitória, considerando um marco para o futebol por aqui praticado. Muitas pugnas foram realizadas contra os cariocas; a mais importante delas ocorreu quando da inauguração do estádio Governador Bley,²³ em Vitória, com a partida entre o Rio Branco Foot-ball Club e o time carioca do Fluminense F. C. (ESPORTES, 14 de maio de 1936). Apesar da notória admiração, outras partidas fomentavam tensões identitárias que já vinham sendo alimentadas desde a década anterior, pois era o nascente futebol capixaba tentando se afirmar perante uma potência do cenário nacional. Isso pode ser identificado na coluna *Diário Sportivo* de 7 de setembro de 1926:

A elle [refere-se ao Victória Foot-ball Club] caberá a honra de defender os créditos de nossa cidade, a elle mais que qualquer outro, pois tem o nome da nossa bella Capital, tem o dever de empregar o máximo dos esforços para a glória nossa e de seus innúmeros admiradores que são todos os que interessam pela grandeza e engrandecimento deste pequeno torrão da Federação.

23 O estádio foi construído pelo Rio Branco com auxílio financeiro do Governo Estadual, então sob a direção do interventor João Punaro Bley. As manchetes dos jornais, à época, o consideravam-no o terceiro maior estádio do País.

Apesar dessa luta por identidade, percebemos que a presença de clubes futebolísticos, de fora do Estado, ultrapassou o espírito de rivalidade, caracterizando-se mais pela admiração e respeito. Devido à bagagem histórica construída pelos clubes cariocas, estes se tornavam como guias para o futebol capixaba, ainda bastante embrionário.²⁴ Muitas vezes os clubes cariocas eram recebidos com festa e, até mesmo, alguns clubes náuticos se envolviam na receptividade. Gestos estes que simbolizavam respeito e admiração por tais clubes, como podemos observar na matéria do dia 16 de junho de 1929 (s/p) na seção *Diário Sportivo*, em que o Clube de Regatas Flamengo veio para uma partida de futebol contra o Rio Branco:

O clube de Regatas Saldanha da Gama afim de participar das homenagens prestadas ao seu congêneres do Rio, designou a guarnição vencedora do 1º Campeonato de Remadores Espírito Santense, para comboiar o 'Ita' [embarcação que trouxe a equipe flamenguista] desde a ilha das pombas.

Não somente os clubes náuticos foram responsáveis pelo desenvolvimento de novas práticas esportivas, com também muitos clubes futebolísticos ampliaram suas modalidades. Conforme verificado nas fontes, o Foot-ball Club Victoria foi o primeiro time de futebol interessado a oferecer a prática do “baskett-ball”, mostrando empenho no progresso do esporte capixaba. O “baskett-ball”, aliás, foi uma das modalidades que ganhou preferência entres as mulheres, resultando até na formação de times femininos, como mostra a matéria do dia 4 de setembro de 1928, na seção *Vida Sportiva*, sobre o jogo de basquete feminino do Victoria, que “[...] Revelou o adiantamento do esporte da moda no nosso meio feminino”.

24 A influência do Rio de Janeiro resultou na criação de clubes com os mesmos nomes dos times cariocas, como é o caso do Flamengo e do Botafogo de Vila Velha/ES, informações estas encontradas no jornal *Diário da Manhã* (12 de julho de 1929).

Considerações finais

Esta investigação teve como objetivo descrever e discutir a criação e a organização clubística de Vitória, nos anos iniciais de seu desenvolvimento como cidade moderna. Nossas fontes dizem que, diferente do que aconteceu em outras cidades, o remo foi a manifestação esportiva que inicialmente se organizou em termos clubísticos nesta Capital. Isso aconteceu algum tempo depois de essa prática já ser conhecida e adotada em outras cidades, como no Rio de Janeiro. Mesmo que sua prática estivesse restrita às camadas mais privilegiadas da época, isso não impediu outras parcelas da sociedade de acompanhar os grandiosos eventos náuticos proporcionados, sobretudo, pelos dois clubes de destaques da época: Álvares Cabral e Saldanha da Gama.²⁵ Além das práticas esportivas, esses clubes eram importantes referências sociais, já que seus salões recebiam as mais eminentes personalidades capixabas: atletas, políticos e distintos comerciantes.

Ao mesmo tempo em que a prática do remo se consolidava, o futebol se desenvolvia em terras capixabas. Com um pouco de atraso em relação aos grandes centros do País, essa prática importada somente começa a acontecer, no que se refere à formação de clubes, a partir da década de 1910. À semelhança deles, contudo, sua prática aqui também se inicia vinculada às pessoas de melhor condição financeira. No caso em questão, aqueles que podiam frequentar os melhores colégios da região e experimentar, entre seus iguais, as novidades que normalmente conheciam em suas viagens para fora do Estado (seja para estudar, seja para passear). Não demorou muito tempo para ele rivalizar com o remo pelo posto de modalidade predileta dos capixabas, expandindo-se para uma parcela populacional carente de recursos para a vivência de outros esportes. Destacamos os clubes futebolísticos Foot-ball Club Victoria e o Rio Branco Foot-ball Club. Outras práticas esportivas, con-

25 Esses dois clubes de remo (Álvares Cabral e o Saldanha da Gama.), bem como os clubes Foot-ball Club Victoria e o Rio Branco Foot-ball Club, mantêm suas atividades esportivas ainda hoje.

tudo, também tiveram vez na região, como o “baskett-ball”, a natação e o “water-pollo”. Sobre elas não pudemos nos debruçar mais calmamente neste capítulo.

As análises realizadas, algumas das quais reproduzidas neste texto, mostram que os discursos atrelados ao desenvolvimento do esporte na cidade de Vitória estiveram relacionados com as teses de que o esporte seria uma prática central à formação de uma juventude sadia, contribuindo, assim, para a melhoria da raça em solo capixaba. Não surpreende, conforme demonstramos, o interesse dos governantes locais em financiar o desenvolvimento dos clubes, responsáveis para o alcance daqueles objetivos. Essa, aliás, é uma representação a respeito do esporte relativamente conhecida no âmbito dos estudos historiográficos. Importante, para nós, foi perceber como isso se materializou em Vitória, em suas nuanças, diferenças mas, também, em suas similaridades.

Sabemos que o impulso esportivo da Capital capixaba não foi limitado às fronteiras da ilha de Vitória. Fontes nossas já acessadas demonstram o avanço do esporte além da ilha, ampliando o raio de ação no território espírito-santense. Cidades interioranas do Estado, localizadas no norte e no sul, foram contempladas pelo impulso da movimentação esportiva e configuraram uma nova dinâmica no cotidiano local. Uma nova etapa do esporte capixaba surge amparada pelo desejo da população capixaba em continuar esse processo.

Referências

BRITO, F. S. R. **Projeto de um Novo Arrabalde**: relatório apresentado ao presidente do Estado. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1896. Disponível em: < <http://www.ape.es.gov.br> >. Acesso em: 30 jul. 2010.

COERTJENSI, M; GUAZZELLI, C. B; WASSERMAN,

C. “Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre: o nacionalismo em revistas esportivas de um clube teuto-brasileiro (1930 e 1938)”. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 249-262, jul./set. 2004.

DERENZI, L. S. **Biografia de uma ilha**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1965.

GOMES FILHO, O. **Rio Branco Atlético Clube**: história e conquista. Vitória: Imprensa Oficial do Estado do Espírito Santo, 2002.

KUNSCH, F; SALUSTIANO, S. **Clube de Regatas Saldanha da Gama**: lutas e glórias, 105 anos de Vitória. Vitória: Gráfica GSA, 2007

LIMA JÚNIOR, C. B; SOARES, S. C; BONICENHA, W. Baía de Vitória: aspectos históricos e culturais. Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida, Universidade Federal do Espírito Santo, 1994.

LUCENA, R. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. São Paulo: Autores Associados, 2001.

MARQUES, B. Vitória (ES) 100 anos: meninos de “sangue azul” criam futebol capixaba. Globoesporte.com, Vitória, 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/es/noticia/2012/10/vitoria-es-100-anos-meninos-de-sangue-azul-criam-futebol-capixaba.html>>. Acesso em: 3 de out. 2012.

MASCARENHAS, G. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 17-39, 1999.

MAZO, J. Z. Associativismo esportivo intercultural em Porto Alegre: a fundação dos primeiros clubes teuto-brasileiros no século XIX. In: MORAGAS, M.; COSTA, L. P. da (Org.). **Universidad y Estudios Olímpicos**: Seminarios España-Brasil 2006. Barcelo-

na; Rio de Janeiro: Universitat Autònoma de Barcelona, Centre d'Estudis Olímpics e Editora Gama Filho, 2007. p. 491-503.

MELO, V. A. **Cidade sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

_____. **Dicionário do esporte no Brasil**: do século XIX ao início do século XX. Campinas: Autores Associados, 2007.

_____. **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, V. A. DEL PRIORE, M. D. (Org.). **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MÜLLER, P. **Relatório do prefeito**. Vitória, 1936.

NEGREIROS, P. J. L. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História questões e debates**, Curitiba, v. 39, p. 121-155, 2003.

PAGNI, P. A. Prescrição dos exercícios físicos e do esporte no Brasil (1850-1920): cuidados com o corpo, educação física e formação moral. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). **Pesquisa histórica na educação física**. Vitória: Edufes, 1997. p. 59-82.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1908). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SEM AUTORIA. Esportes. **A Tribuna**, Vitória, 31 de julho de 1978, p. 10.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **História da vida privada no Brasil República:** da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SOARES, A. M. **Relatório do prefeito.** Vitória, 1933.

SARLO, A. **Relatório do prefeito.** Vitória, 1935.

VAZ, A. F.; BOMBASSARO, T. Esporte e modernidade em Florianópolis: primeiras aproximações. In: MELO, V. A. (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras:** transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri/ Faperj, 2010. p. 193-212.

Jornais

DIÁRIO SPORTIVO. **Diário da Manhã,** Vitória, s/p, 4 jan. 1929.

_____. **Diário da Manhã,** Vitória, s/p, 1 mar. 1929.

Diário da Manhã, Vitória, 21 abr. 1929, s/p.

ESPORTES. **Diário da Manhã,** Vitória, s/p, 14 maio de 1936.

DIÁRIO SPORTIVO. **Diário da Manhã,** Vitória, s/p, 19 maio 1929.

_____. **Diário da Manhã,** Vitória, 1 jun. 1929.

_____. **Diário da Manhã,** Vitória, s/p, 4 jun. 1929.

_____. **Diário da Manhã,** Vitória, s/p, 16 jun. 1929.

_____. **Diário da Manhã,** Vitória, s/p, 12 jul. 1929.

_____. **Diário da Manhã,** Vitória, s/p, 7 de set. 1926.

_____. **Diário da Manhã,** Vitória, s/p, 3 out 1926.

_____. **Diário da Manhã,** Vitória, s/p, 9 out. 1928.

_____. **Diário da Manhã,** Vitória, s/p, 17 maio 1928.

_____. **Diário da Manhã,** Vitória, s/p, 13 nov. 1928.

Revistas

CHANAAN. Vitória, s/p, n. 16, jul., 1937.

VIDA SPORTIVA. **Vida Capichaba**, Vitória, s/p, 30 jul 1932.

_____. **Vida Capichaba**, Vitória, s/p, 4 set. 1928.

_____. **Vida Capichaba**, Vitória, s/p, maio 1936.

Figuras

Figura 1 – Primeira competição de Natação promovida pela LSES. Fonte: **Vida Capichaba**, Vitória, s/p, 30 maio, 1935.

Figura 2 – Festa cigana realizada na sede social do Cube Saldanha da Gama. Fonte: **Vida Capichaba**, Vitória, s/p, 1935.

Figura 3 – Cerimônia de batismo de barcos realizada no clube Saldanha da Gama. Fonte: Fonte: **Chanaan**, Vitória, s/p, n. 20, nov. 1937.

Figura 4 – Apadrinhamento dos novos barcos. Sede do Saldanha da Gama. Fonte: **Chanaan**, Vitória, s/p, n. 20, nov. 1937.

Figura 5 – Solenidade de queima dos barcos. Fonte: Fonte: **Chanaan**, Vitória, s/p, n. 17, ago. 1937.



O ESPORTE NA IMPRENSA EM VITÓRIA (1926–1936): UMA ANÁLISE DOS JORNAIS A GAZETA E O DIÁRIO DA MANHÃ

Bruno Henrique de Paula • Cecília Nunes da Silva
Cláudia Emília Aguiar Moraes • Felipe Quintão de Almeida
Ivan Marcelo Gomes • Thácia Ramos Varnier
Ueberson Ribeiro Almeida

Considerações iniciais

Neste capítulo, damos continuidade às reflexões iniciadas no capítulo anterior. Desta vez, daremos mais ênfase aos discursos normativos associados à prática esportiva e divulgados por meio da imprensa escrita de Vitória.

Ainda que com algum atraso em relação a cidades como Rio de Janeiro e São Paulo (SEVCENKO, 2003; MELO, 2001; LUCENA, 2001), Vitória (Capital do Estado do Espírito-Santo) também experimentou, nos anos iniciais do século XX, processos (econômicos, políticos e culturais) que resultaram em sua “remodelação” (LIMA JUNIOR, 1994). Paralelamente a esse movimento de transformação da Capital, e à semelhança do que acontecia em outras Capitais brasileiras (MELO, 2010a; MAZO; SILVA, 2009), Vitória também presenciou toda uma agitação da população em torno das práticas esportivas. Segundo Lucena (1994, 1997), em pouco mais de 30 anos, o esporte conquistou, na Capital do Espírito-Santo, inúmeros adeptos à sua prática, caracterizada pelo forte envolvimento popular. Considerando esses fatos, o objetivo deste capítulo é descrever alguns sentidos atrelados à prática do esporte nos anos iniciais

do século XX. Esperamos, assim, contribuir para cobrir (parcialmente) uma lacuna no âmbito dos estudos historiográficos do esporte, visto que ainda pouco sabemos sobre a história das práticas esportivas em centros menos desenvolvidos do ponto de vista político, econômico e cultural (ao menos quando comparado, por exemplo, com cidades como o Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre etc.), como Vitória. Para atingir esse propósito, catalogamos e analisamos edições publicadas entre as décadas de 1920 e 1930, de dois importantes jornais que circulavam na Capital do Estado do Espírito-Santo: *A Gazeta* e *Diário da Manhã*. Esse recorte temporal se justifica, pois é o período em que o esporte, notadamente o remo e o futebol, é reconhecido como elemento importante da vida cultural de Vitória (LUCE-NA, 1994, 1997).

A catalogação das fontes se deu por meio de fotografias feitas com microfílmes do jornal *A Gazeta* e do próprio impresso do *Diário da Manhã*. Os anos catalogados, no *Diário da Manhã*, foram: 1926, 1928, 1929, 1930 e 1936, cujas edições foram localizadas no Arquivo Público Municipal de Vitória. Quanto ao jornal *A Gazeta*, catalogamos os anos de 1928, 1929, 1930 e 1936, cujas edições foram localizadas no Arquivo Público Estadual. No caso do *Diário da Manhã*, a inexistência das edições entre os anos de 1931 e 1935 é resultado de um incêndio que atingiu o arquivo e queimou o material desse período; em relação ao ano de 1927, não existia material disponível no arquivo. No caso de *A Gazeta*, perderam-se, com o tempo, os arquivos do jornal publicados entre os anos 1931 e 1935. Registramos as edições diárias desses anos a que tivemos acesso. O jornal *A Gazeta* data do ano de 1928 e é um dos principais do Espírito Santo ainda hoje. O impresso *Diário da Manhã* é de 1907, tendo sua primeira edição publicada no mês de agosto desse ano (não há consenso quanto ao ano em que ele deixou de ser veiculado).

Nesses dois jornais eram publicadas muitas matérias sobre a vida política no Estado e, também, sobre os aspectos culturais e sociais em efervescência à época, dentre eles, aqueles relacionados com o fenômeno esportivo. Além disso, ambos dedicavam

um espaço específico ao esporte. No *Diário da Manhã*, havia uma coluna denominada *Diário Sportivo*, na qual se faziam presentes as notícias dos principais acontecimentos esportivos de Vitória. Em relação ao jornal *A Gazeta*, nota-se que, a princípio, as matérias sobre esporte não eram diárias; muitas vezes apareciam sem um lugar definido no jornal (inclusive entre outras notícias não esportivas), enquanto, em outras, eram reunidas em uma pequena coluna chamada *Sports*. Essa, contudo, não era uma peculiaridade somente desse jornal, mas, conforme Melo (1999, 2007), a falta de regularidade e de um espaço próprio nas publicações caracterizou o início da relação entre o esporte e a imprensa. Com o passar dos anos, o jornal *A Gazeta* se modernizou e modificou a coluna esportiva, que deixa de se chamar *Sports* e passa a ser denominada, a partir do mês de julho de 1930, *Desportos, Terra e Mar: o paiz precisa de filhos fortes e sadios para a sua prosperidade*. Em 1936, há outra alteração: o jornal ganha uma página esportiva (não mais coluna), intitulada *A Gazeta nos Esportes*.

Em *A Gazeta* e no *Diário da Manhã*, encontramos matérias sobre a construção e organização de estádios, sobre a atuação dos governantes em relação aos esportes, notícias sobre times de futebol, com mais ênfase para o “Vitória Futebol Clube” e “Rio Branco Futebol Clube”, e sobre os clubes de remo, em especial, o “Clube de Regatas e Natação Álvares Cabral” e o “Clube de Regatas Saldanha da Gama”. Destaca-se, ainda, a incidência de termos estrangeiros, como “teams”, “players”, “goal”, “scratch”, “shootar”, “goalkeeper”, “half-time”, “footballer”. Por exemplo: “O jogo preliminar, que começou regularmente as 14 ½ horas, saíu vencedor o 2º ‘team’ do Botafogo F.C., pelo insignificante ‘score’ 1X0” (DIÁRIO SPORTIVO, 1928, 8 abr., s/p). De acordo com Melo (2010b), nas três primeiras décadas do século XX, era comum o uso dos termos em inglês. Por um lado, esse uso guarda relação com o perfil da “novidade”, para o qual a língua portuguesa ainda não tinha instrumental para descrever; por outro, está relacionado com o desejo de estabelecimento de ligações simbólicas com uma realidade mais “desenvolvida”.

Na análise pretendida, tomamos algumas noções sobre análise de conteúdo (BARDIN, 1977), destacando, nesse sentido, a categorização como importante etapa dessa metodologia de análise. O texto está organizado em um único tópico, no qual se procura dar visibilidade ao objetivo anunciado. As considerações finais apresentam uma síntese do que foi discutido, anunciando, também, a continuidade da investigação.

O esporte em Vitória: sentidos comunicados em dois jornais da cidade

Diferentemente daquilo que aconteceu no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre (LUCENA, 2001; MELO, 2001; SEVCENKO, 2003; MAZO; SILVA, 2009), na ilha de Vitória, é com a prática do remo, e não com o turfe, que se inicia o movimento em favor da organização esportiva da cidade. Em meio à busca por progresso no âmbito econômico, político e social, Vitória “vê” surgir seus primeiros clubes de remo. Em 7 de julho de 1902, é fundado o “Clube de Regatas e Natação Álvares Cabral” e, no mesmo mês, no dia 29 de julho de 1902, é inaugurado o “Clube de Regatas Saldanha da Gama”. Se considerarmos, na esteira de Lucena (2001) e Melo (2001), que o remo era o esporte-símbolo que mais bem se adaptara às transformações nos corpos e mentes exigidas pela “reinvenção” das cidades, foi estratégico o aparecimento dos clubes de remo bem no momento em que Vitória dá seus primeiros passos em torno de sua modificação: de uma antiga vila colonial, para uma cidade moderna. As regatas, desse modo, apresentaram-se como a consolidação da vida na cidade, incitando o comportamento urbano. Isso porque o remo é o esporte *par excellence* do exercício físico, a escola mais completa da educação do corpo e da sua saúde, atendendo perfeitamente às imagens de progresso e de modernidade que se procurava consolidar em Vitória, conforme indicam nossas fontes. Tratava-se, com sua prática, de demonstrar, no próprio corpo, forte e rijo, os sinais do novo tempo, incorporando o próprio estilo de vida individual à nova cultura esportiva dos frementes anos que assim se iniciavam.

Não surpreende que, paulatinamente, o remo tenha ganhado fama e prestígio na cidade, a ponto de se tornar, em pouco mais de duas décadas, tradição entre os moradores, conforme ilustram os seguintes trechos (mantivemos a originalidade da escrita em todos os excertos):

Victoria vae assistir hoje, mais uma vez, ao seu divertimento predilecto, e que constitue, sem exagero, uma festa tradicional e que tem raízes em toda a sua população, desde as classes mais aristocráticas até as mais humilde. Innegavelmente o remo é para Victoria o desporto mais querido. Praticado entre nos ha vinte e sete inninterruptos anos pelos valorosos competidores de sempre, o Alvares Cabral e o Saldanha da Gama, e depois por vários outros clubes que não lograram vivér, e ultimamente, já ha quase tres lustros pelo valoroso Náutico Brasil, o promotor do brilhante certamen de hoje, o remo cada dia vae se tornando o desporto da cidade, por excellencia [...]. É porque as regatas constituem na realidade a tradição mais viva de Victoria é que logo mais, as 13 horas, todas a nossa baía será um recanto festivo do oceano, coalhado de embarcações, numa festa encantadora (SPORTS, 29 ago., 1929, s/p).

Nossa cidade está tomada do mais vivo entusiasmo e ansiosa por assistir a grande regata de domingo, quando será corrido o Segundo Campeonato Espírito Santense do Remo, que a L. S. E. S. realiza nas aguas de nossa bahia. Do que vae ser essa pugno nautico, dilo o interesse dos nosso clubes de regatas, pelo apresto de suas guarnições e as deliberações tomadas, exigentemente, para que a nossa principal festa esportiva tenha o maior brilhantismo possível (DIÁRIO SPORTIVO, 14 nov., 1929, s/p).

As nossas veteranas sociedades de remo têm se esmerado em trabalhos afanosos e os remadores em exercicios fatigantes e proveitosissimos, sem respeito ao vento forte e ao frio intenso, que estes dias têm feito sentir. É que o remo é ainda na nossa esplendida terra um desporto que merece todas as atenções de patricios e plebeus, sendo verda-

deiramente popular. Já estamos a antever a cidade toda em festa, o cáes apinhado de gente galhofeira e entusiasmada, as lanchas repletas de famílias, e os locais designados pelos clubs cheios de socios e suas exmas. famílias, torcendo valentemente. A ponte 'Florentino Avidos' vae ser o principal ponto de reuniao de nosso povo [...] (DIÁRIO SPORTIVO, 10 out., 1928, s/p).

Não obstante a poderosa força que o remo desfrutou nas três primeiras décadas do século XX, o futebol conquistava, desde a década de 1910 (quando se fundam os primeiros clubes), cada vez mais adeptos entre os habitantes da cidade, despertando a atenção e o gosto não apenas dos filhos das elites que aqui o introduziram, mas, também, da maioria da população. As fontes indicam que o futebol começou em Vitória praticado no interior das escolas; foi popularizado por aqueles estudantes de melhor condição financeira que, ao retornarem de suas viagens (normalmente para cidades como Rio de Janeiro e São Paulo), traziam consigo inúmeras novidades, dentre elas, o futebol. Com ele, a organização esportiva da cidade diversifica-se, sobretudo com a criação, no ano de 1917, da primeira liga de futebol da cidade. É bem verdade que, se comparado com outras localidades, o futebol demorou a “acontecer” em Vitória (não muito diferente, diga-se de passagem, do que ocorreu com o remo). Uma matéria encontrada no *Diário da Manhã*, intitulada “O início do foot-ball entre nós”, indica isso ao dizer que, enquanto o Rio de Janeiro e São Paulo já apreciavam a prática do “bolapé”, o cidadão de Vitória pouco valorizava esse esporte (DIÁRIO SPORTIVO, 3 out. 1926, s/p).

Em algumas regiões do centro da cidade, os rapazes começaram a chutar bolas de meia, com uma noção ainda “[...] pouco precisa da verdadeira technica futebolística. Um ou outro, mais viajado, sabia as regras e procurava applica-las, luctando com as difficuldades communs que se antepõem sempre à tarefa mellindrosa de organizar alguma coisa” (DIÁRIO SPORTIVO,

3 out., 1926, s/p). Essa delonga, conforme podemos concluir na esteira de Mascarenhas (2002), não era exclusividade de Vitória, pois, segundo o autor, em 1905, o futebol era praticamente desconhecido pela ampla maioria dos brasileiros. Poucas eram as cidades do País a praticá-lo com regularidade. Mesmo no Rio de Janeiro, conforme Melo (2001), o futebol, já introduzido entre os cariocas, só vai “explodir” por volta de 1910. A relativa demora de Vitória em relação à prática do futebol talvez possa ser explicada, por um lado, pelo fato de o remo já ter conquistado grande popularidade na cidade (como evidenciam as passagens que reproduzimos antes). Por outro lado, embora em franco processo de se tornar mais moderna, o “violento” esporte bretão encontrou algumas resistências na Capital. Podemos ver um exemplo na citação a seguir:

nenhum esporte nos empolga tanto como as regatas: nenhum outro também é tão útil ao físico, como elle. Eu o comparo ao mais elegante de todos [...]. Nelle não há o perigo, as formas desgraciosas do conjunto, a brutalidade, a violência, o desamor ao próximo, como o football [...]. O remo e a natação estão sobre todos os outros (DIÁRIO SPORTIVO, 7 set., 1926, s/p).

No centro dessa polêmica, estava o caráter “mais ou menos” formativo das modalidades. Qual seria, então, esse caráter? O que dele se esperava? Em uma das matérias do jornal *A Gazeta*, que tratava de uma competição de remo, isso fica evidente:

Victória vive, nas horas das competições, as horas mais jovias de sua mocidade, e quase sempre um sol luminoso e feliz, acompanha o desenrolar dessas pugnas atheticas, onde a mocidade exercita os musculos, a educação desportiva, e aprende a se tornar uma raça forte e sadia para a grandeza do Brasil de amanhã (SPORTS, 28 jun., 1930, s/p).

O remo seria a modalidade que mais condições reunia para esse propósito. Essa desconfiança, aliás, não era um fenômeno tipicamente de Vitória, pois é bastante conhecida a ideia de que

muitos intelectuais da sociedade brasileira, entre eles jornalistas e literatos, se colocaram contra a popularização do futebol no País. Receavam que sua prática fomentasse nos praticantes e torcedores um vocabulário viril, de baixo calão e uma forte propensão à agressividade (PAGNI, 1997; PEREIRA, 2000). Malgrado essa polêmica, o esporte devia ser praticado como “sacerdócio”, pois é a partir dele que, por um lado, se garante uma mocidade mais sadia. Isso é o que verificamos na reportagem publicada no jornal *A Gazeta*, em que, tomando como referência o exemplo do atleta Adolpho Monjardim, afirma que os jovens, inspirados nesse atleta, poderiam “[...] dedicar alguns instantes de sua vida à prática de um salutar entretenimento em benefício do seu physico da sua saúde” (A GAZETA, 5 maio 1930, s/p). A obtenção da saúde, por outro lado, é inseparável do pressuposto da melhoria da raça. De acordo com Vaz e Bombassaro (2010), a prática esportiva assumiu, nesse contexto, a função de regeneração da raça, conforme anuncia outra matéria do jornal *A Gazeta*:

[...] Seria um contrasenso em plagas como a que temos o privilegio de habitar, não fosse feito algum esforço em aperfeiçoar physicamente o homem, dotando-o das energias precisas para não ser vencido pela natureza mais forte que elle. Foi esse o ideal que inspirou a criação das sociedades esportivas de Victoria, para educação e preparação da raça para a Victoria da vida. Na escola do esforço, da pertinência e da disciplina aprimora-se a mente e enrijase o character, na base de um bom physico. Na competição dos nossos dias, de duras e ásperas lutas, requer-se resistência physica sem a qual serão inúteis todas as demais qualidades (A GAZETA NOS ESPORTES, 23 set., 1936, s/p).

Em matéria noticiando a festa de inauguração da nova sede do “Clube de Regatas Saldanha da Gama”, novamente aparece o vínculo entre esporte e raça:

O Dr. Ubaldo Kamalhete, em nome da diretoria do Saldanha, da qual faz parte como consultor jurídico, num feliz improviso, analysou a

cerimônia de inauguração do club, e após ligeira peroração sobre o valor do esporte na formação do homem, tornando-o útil à família, à raça e à pátria, agradeceu o comparecimento dos membros da junta Governativa e da sociedade espiritosantense [...] (DESPORTOS, TERRA E MAR, 17 nov., 1930, s/p).

Na sequência, mais dois excertos que não deixam dúvida sobre o vínculo entre a prática do esporte e o desenvolvimento da raça:

Meus senhores. Vencendo naturaes difficuldades, ha quase cinco lustros um grupo de jovens, cheios de nobre ambição de trabalharem para o aperfeiçoamente physico de nossa mocidade, fundou a associação esportiva que recebeu o nome de um almirante e que foi uma honra para a sua classe e uma gloria para nosso paiz [...]. E abençoada seja o trabalho daqueles que, como Raul de Azevedo, tem consagrado grande parte de sua actividade para dar á educação physica da nossa juventude o valor que ella merece, mantendo atraves de todas as vicissitudes essa nobre sociedade esportiva, em que os nosso jovens têm adestrados os seus musculos para uma melhor resistência organica na luta pela vida. O exercício physico garante um corpo são, que a educação moral e intelectual completa com um espirito são, realizando o conhecido aphorismo – mens sana in corpore sano. A gymnastica respiratoria que o exercício dos remos torna methodica, exerce uma salutar influencia sobre o temperamento do individuo, sendo, portanto, o exercicio physico a base sobre que se constróe a educação do homem (DIÁRIO SPORTIVO, 4 jan., 1929, s/p).

A belleza agrada a tudo em cultura Physica. A regeneração da raça será um facto consumado no dia em que, todo o mundo, tendo comprehendido a necessidade da cultura physica, os homens terão tomado por modelo o gladiateur combattante do Museu do Louvre e as mulheres a Venus de Cyrene de Roma. Nesse dia já não haverá necessidade de concursos, competições, *matches*, exibições, pois que cada um trabalhará pelo seu próprio eu, já não sendo ne-

cessária preocupação com a cultura physica alheia. Saude e belleza serão ominuns, facto hoje bem raro, principalmente dentre os desportistas. Hippocrate e Gallien, em seu tempo, já pensavam assim, acordes em denuncia aos excessos do atletismo e mostrar comprovadamente que os athletas profissionais, de músculos hypertrophiados tinham má saúde, eram máus soldados, maus cidadãos. Há muita gente que contraria a practica dos exercícios phisicos, chegando a consideral-os descessários, procura atear confusão entre cultura Physica e Athetismo. Sem duvida não tem outro erro senão o de dizer que o único cuidado da cultura physica é o de como viera a promover monstruosos de músculos hypertrophiados e com cérebro, em contrario, atrophiado. Não é isso em absoluto, a 'Cultura physica', muito já se tem escripto sobre o assunto, cujos os estudiosos a têm analysado sob múltiplos aspectos, alguns até, illustrando suas chronicas com photographias de typos que definem perfeitamente o que se pode classificar como 'typo ideal'. O que a 'Cultura physica' envida, e o conseguirá sem duvida, é a perfeição da forma, sem nenhuma hypertrophía muscular, localizada ou generalizada. Edmond De Bouner, defendendo este mesmo tema, desde que o Hercules Farnésio estava tão longe do seu ideal quanto um cretido está dum Pasteur. Desbannet é o creador da Gymnastica dos Orgãos, uma perfeita autoridade no assumpto. A comunidade deve, pois, cuidar da sua belleza perfeita, pela cultura physica, pois que assim terá velado pela sua perfeita saúde (DESPORTOS, TERRA E MAR, 11 set., 1930, s/p).

Esse ideal parecia ser tão forte no jornal *A Gazeta* que ele se evidencia mesmo quando ocorre a troca do nome da coluna dedicada às notícias esportivas, que deixa de se chamar *Sports* e recebe o título de *Desportos, Terra e Mar: o paiz precisa de filhos fortes e sadios para a sua prosperidade*. A partir desse título podemos perceber a ligação entre esporte, saúde e Nação. No âmbito dos estudos historiográficos do esporte, essa é uma tese recorrente (NEGREIROS, 1997; COERTJENSI; GUAZZELLI; WASSERMAN, 2004; GOELLNER, 2008; DRUMOND, 2007). Esse discurso se fazia presente para os moços, que eram vistos como os “homens de amanhã” (Figura 6), pois o esporte e

o exercício físico tinham como fim desenvolver o corpo e tornar o intelecto mais ativo, aspectos estes fundamentais para a vida moderna, que exigia força e saúde para que os jovens tivessem condições de arcar com as responsabilidades demandadas. Fortalecer o corpo individual era o mesmo que fortalecer a Nação. Essa atitude individual era uma crença de que assim algo maior sobreviveria longamente. Acima de um corpo saudável, estaria uma Nação saudável (BAUMAN, 2000).



Os nossos filhos são os homens de amanhã!

Dia a dia os desportos e exercicios musculares vão ocupando maior parte no programa de vida escolar. O seu fim é o de desenvolver e robustecer o corpo, tornando o intellecto mais activo. A vida moderna o exige, como solução a muitos problemmas que a mocidade se vê forçada a enfrentar.

Tenha a certeza de que seus filhos estejam em condições de arcar com as responsabilidades da vida actual. Ajude o seu desenvolvimento com a Emulsão de Scott, que é alimento concentrado e produz carne, osso e força. D'isso depende o futuro exito, saúde e intelligencia do seu filho! E para elles nada ha melhor do que a

Emulsão de Scott

Figura 6 – Os nossos filhos são os homens de amanhã

Fonte: *DIÁRIO SPORTIVO*. Diário da Manhã, Vitória, 25 abr. 1928, s/p.

Sevcenko (2003, p. 34) afirma, e a propaganda acima confirma, que, atrelada a esse discurso, a filosofia é “[...] ser jovem, desportista, vestir-se e saber dançar os ritmos da moda é ser ‘mo-

derno', a consagração máxima. O resto é decrepitude, impotência, passadismo e tem os dias contados". A saúde significava "[...] uma conotação de auto-estima, autoconfiança e combatividade, inscrita nas formas esbeltas e na insinuação de uma sexualidade desperta e fértil. A saúde enfim era a chave de um corpo moderno" (SEVCENKO, 1999, p. 559). Assumir ostensivamente os sinais associados ao novo ativismo atlético constituía um meio de patentear inequivocadamente a distância entre as gerações e as diferenças entre as mentalidades (SEVCENKO, 1999).

Todavia, não eram todos que se adaptavam bem a esse turbilhão de mudanças que estavam acontecendo na cidade em transformação. Havia divergências de opiniões diante dos novos valores propostos. No jornal *Diário da Manhã*, de 1928, consta uma matéria na qual se faz uma reclamação quanto aos novos costumes considerados modernos. O redator afirma que a mocidade não se interessa mais por assuntos intelectuais; prefere o futebol, a dança, os automóveis, todo um "modernismo entontecedor" à tortura do convívio intelectual. Enquanto a mocidade se preocupava/ocupava com o desenvolvimento material, a intelectualidade adormecia:

Infelizmente é um commentario verdadeiro esse de se dizer que os moços de hoje já não se demonstram tocados do ardoroso desejo de pugnar pelo nosso progresso intellectual [...]. Emquanto, entretanto ascendemos a esse gráo de desenvolvimento material, irradiado, como se vê, nos diversos e longínquos pontos do território, notamos que a nossa intellectualidade adormece num marasmo de indolência criminosa. O foot-ball, os dancings, os cabarets, os automóveis, a scena muda, todo esse modernismo entontecedor, tem attrahido, subjugado mesmo a atenção da mocidade que prefere seus encantos, a tortura do convívio intellectual, onde a intelligencia e o espírito substituem o jazz-band e a campanha (DIÁRIO SPORTIVO, 1 jan., 1928, s/p).

A despeito dessa polêmica, é inegável que os esportes se tornaram símbolo da vida moderna e civilizada em Vitória, ganhando espaço no cotidiano da sociedade. Além de vinculado à

melhoria da saúde e da raça dos habitantes, era visto como uma prática de caráter moralizante, ligada ao que de mais elevado havia na vida “civilizada”. Em uma das edições do jornal *Diário da Manhã*, de 1928, essa ligação do esporte com os valores mais civilizados fica evidente, quando o colunista do jornal adverte a população sobre uma invasão feita ao campo de jogo durante uma partida de futebol:

Ainda no ultimo domingo, por ocasião da partida do campeonato Bangu x S. Antonio, diversos espectadores deram uma triste demonstração de indelicadeza não somente invadindo a área reservada para os jogadores, como também apupando os amadores que disputavam. Bem ridículo, isto! Ora, num meio como o nosso, não se justificam mais essas coisas que reflectem muito mal para uma cidade civilizada. Com a medida saneadora posta em pratica pelo Conselho, teremos d’ora avante partidas bem jogadas e de baixo da maior ordem, porque a directoria da Liga, diante da autorização do Conselho, tomará medidas energicas e extremas (DIÁRIO SPORTIVO, 11 maio, 1928, s/p).

Atitudes contrárias ao comportamento mais “adequado” eram reprovadas, como observamos em uma matéria do *Diário da Manhã*, no dia 21 de novembro de 1928, ao relatar o lamentável episódio ocorrido no campeonato de futebol da cidade: “O quadro do Uruguayano, devido a indisciplina da maioria de seus componentes foi retirado de campo pelo criterioso arbitro Sr. Amaro Bastos Netto quando faltavam 22 minutos para o término da partida” (DIÁRIO SPORTIVO, 21 nov., 1928, s/p). Na reportagem intitulada “Encontro do seleccionado brasileiro com o argentino: um incidente desagradável”, que comenta uma partida do selecionado de jogadores do Rio de Janeiro e de São Paulo contra o time da Argentina, de nome “S. C. Barreaes”, destaca-se a completa falta de “educação esportiva” do time visitante, que não soube perder (DIÁRIO SPORTIVO, 8 jan., 1929, s/p). Em outra reportagem, denominada “Uma lição de cultura esportiva”, descreve-se a agressão que um jogador do “Clube de Regatas Flamengo”, do Rio de Janeiro, cometeu

contra o jogador do “Rio Branco Futebol Clube”. Após narrar o acontecido, a matéria encerra com os seguintes dizeres:

Registramos o desagradavel incidente, não pelo prazer de dar repercussão a um facto que desejamos ver esquecido, para não desmerecer a cultura esportiva brasileira, e sim para salientar a atitude altamente prudente, finamente educada de Guilherme Abaurre, que ao envez de reagir aos impropérios do exaltado moço, ainda evitou que outras pessoas do seu lado, revoltadas com o caso, castigassem o offensor [...]. Mostrou Abaurre, nesse desastrado incidente, a sua fina educação, o seu critério e um elevado espirito de hospitalidade. D’ahi como um desportista provinciano dá ao público, sob a impressão de uma desastrada derrota, uma admirável lição de cultura esportiva (DIÁRIO SPORTIVO, 25 jun., 1929, s/p).

A exemplo dessa reportagem, identificamos vários outras em que se exaltavam os gestos amigáveis, cordiais e de cortesia dos “[...] players, como perfeitos gentlemen” (DESSPORTOS, TERRA E MAR, 10 jul. 1930 s/p; DIÁRIO SPORTIVO, 1 maio, 1928, s/p; DIÁRIO SPORTIVO, 31 mar., 1928, s/p). Em síntese, os jornais pretendiam passar a seguinte mensagem:

Que as pugnas officiais transcorram calmas, em uma paz geral. Que as cousas corram como em mar sereno, bonançoso. Que jogadores e torcidas procedam com distinção, que as decisões dos arbitros sejam acatadas; que não berrem nem se injuriem; que não haja gestos amoraes; que não haja brigas; que haja aplausos aos feitos dos que desenvolvem jogadas de mestre; e, por ultimo, que vencedores e vencidos deixem o campo da lucta como verdadeiros gentlemen, n’ uma confraternisação perfeita, como deve ser compreendida a finalidade desportiva que os faz por momento adversarios, mas não inimigos (SPORTS, 30 jun., 1930, s/p).

Para Melo (2009), a consolidação dessa civilidade e do cavalheirismo consistia em muito mais do que ostentar riqueza ou bens materiais, pois envolvia uma união de considerações sobre

o estilo de vida (um *gentleman*) e a representação social. Referia-se mais a termos de acesso aos meios que permitem a apresentação da correta imagem social, representada, naquele momento, pela figura do *sportman*: denominação genérica para todos que se envolviam com o esporte, como competidores, dirigentes ou simplesmente como público aficionado (MELO, 2007). Isso também repercutia na própria maneira como os jornais se referiam aos clubes. Os times de futebol eram sempre adjetivados de modo virtuoso, sendo apresentados pelos jornais como “valerosos”, “symphaticos”, “brilhantísimos” e valentes”, conforme podemos observar em uma matéria que falava do Campeonato de Futebol de 1928: “Na praça de jogos de Jucutuquara, proseguindo na disputa do actual campeonato, defrontar-se-ão hoje os valorosos primeiros e segundos quadros dos clubs ‘Victoria’ X ‘Rio Branco’ e América X Santo Antônio” (DIÁRIO SPORTIVO, 1 jan., 1928, s/p). Mas podem, além disso, também ser identificados nas inúmeras reportagens da modalidade esportiva que, talvez mais do que todas as outras, representava o espírito civilizado esperado de um verdadeiro *sportman*: o tênis. Isso é o que podemos observar nas inúmeras reportagens sobre o “Parque Tennis Club”, clube criado, “pelos moços de nosso melhor meio social”, nas dependências do principal parque da cidade: o Parque Moscoso (DIÁRIO SPORTIVO, 23 fev., 1929, s/p). As partidas seriam disputadas conforme um ambiente de sadio cavalheirismo entre os participantes, cuja distinção e elegância poderiam ser percebidas nas próprias vestimentas.

Portanto, por meio do esporte se poderia desenvolver o espírito do *fairplay*, que, de acordo com Vaz e Bombassaro (2010), sempre busca reconhecer que o importante é o desempenho fora das atividades esportivas, na convivência cordial e pacífica. Para Da Costa (2007, p. 14), a expressão *fair play*, criada e difundida ainda no século XIX, “[...] pode ser considerada como uma tentativa civilizadora de definir um conjunto de comportamentos adequados para a prática esportiva, criando um equilíbrio entre os impulsos potencialmente destrutivos da competição e a integridade dos praticantes”. Comportar-se de acordo com os novos valores era fundamental para uma cidade moderna. Assim,

visualizou-se o esporte diretamente ligado a uma nova educação dos corpos, em que a moral e o agir “cavalheiresco” são fundamentais ao *sportman*. Tais aspectos também estavam conectados com um gradativo cultivo da saúde, da beleza e da juventude.

Os fabricantes de produtos comercializados à época perceberam o potencial mercadológico (o valor positivo a ele atrelado) do esporte desde cedo e suas marcas foram associadas à prática esportiva. O esporte, assim, tornou-se um veículo de propaganda. Segundo Melo (1999, p. 99), “[...] as relações entre imprensa e publicidade esportiva estavam diretamente ligadas a um mercado que começava a surgir em torno das práticas esportivas desde o século XIX”, conforme demonstram as Figuras 7 e 8.

Destaque, a esse respeito, para os famosos tônicos, que empregavam figuras associadas às práticas esportivas, “[...] como forma de vincular seu produto a uma imagem de saúde, beleza e excelência” (MELO, 1999, p. 104).

De acordo com Morel (2007), tomando a imprensa do Rio de Janeiro como referência, na década de 1930, acompanhando a inserção da mulher no âmbito da esfera pública (fruto de suas conquistas), produzem-se inúmeros anúncios e propagandas direcionados ao público feminino. Na imprensa de Vitória também não foi diferente. Em uma imagem publicada no *Diário da Manhã*, em 15 de abril de 1928 (Figura 9), afirmava-se que as moças deveriam praticar esportes em busca de sua saúde, beleza e formas perfeitas. A construção de um organismo feminino forte estava assentada no trinômio saúde, força e beleza (GOLLENER, 2008), pois desse trinômio resultaria a força de uma geração de novas criaturas e, por conseguinte, de um novo país.

Para Melo (1999), a relação entre a publicidade esportiva e a imprensa era direta, e essa relação interessava tanto a uma quanto à outra. À medida que o esporte ganhava espaço, a imprensa percebia que ele estimulava a venda de jornais, já que se tratava de um assunto atraente e que possuía leitores ávidos por informação. A entrada de recursos financeiros em forma de

FOOT-BALL

PARA ENTRAR EM CAMPO
FAZEI NOS MUSCULOS
UMA FRICÇÃO
COM A

AGUA RABELLO

(C U R A T I V A)

EXIGI DE VOSSO CLUB A IN-
CLUSÃO NA AMBULAN-
CIA RESPECTIVA DE
UMA PROVISÃO DESTA
MEDICAMENTO

Lembraivos dos accidentes tão
communs nas luctas e que a

AGUA RABELLO

é o unico medicamento de re-
sultados assombrosos !

Figura 7 – Esporte, saúde e Agua Rabello

Fonte: *DIÁRIO SPORTIVO*. Diário da Manhã, Vitória, 4 fev. 1928, s/p.

Este é o Segredo da Victoria!



NAS pugnas esportivas, como nas lutas da intelligencia e do trabalho, se não sempre, na maior parte dos casos pertence a victoria ao mais capaz physicamente. Um corpo enfermo, musculos e nervos cansados, não são promessa de victoria... Apparelhe-se para vencer, mantendo-se em perfeita fórma, com o Biotonico Fontoura. O seu uso é de effectos rapidos e prolongados. Abre o appetite. Augmenta o peso. Levanta as forças. Tonifica os musculos. Reactiva o trabalho mental. Use o Biotonico Fontoura, o fortificante que a medicina brasileira recommenda.

Biotonico
FONTOURA



Figura 8 – Esporte, saúde e Biotônico Fontoura

Fonte: *DIÁRIO SPORTIVO*. Diário da Manhã, Vitória, 18 jul. 1936, s/p.



A mocidade de hoje

A época actual tende a cultivar ao maximo possível as actividades physicas da mulher. Na idade de seu desenvolvimento as meninas conseguem mais saúde e belleza participando nos desportos e exercicios ao ar livre.

Meninas acanhadas ou delicadas, sem o desejo natural por semelhante actividade, devem receber um estímulo para taes exercicios, com o uso de um producto medicinal tonificante que, como a Emulsão de Scott, lhes augmente a nutrição, ajude a criar sangue rico, vivacidade, robustez e formas perfeitas.

Assegure o bem estar futuro ás suas filhas, dando-lhes agora a

Emulsão de Scott

Rica em Vitaminas

The advertisement features a woman in athletic attire (a dark tank top, shorts, and high-top boots) standing on a platform and leaning forward with her arms extended. To the left, a fisherman in traditional gear is shown carrying a large cod fish on his back. The text is arranged in a central column, with the product name 'Emulsão de Scott' in a large, bold font at the bottom.

Figura 9 – Mulher, saúde e Emulsão de Scott

Fonte: *DIÁRIO SPORTIVO*. Diário da Manhã, Vitória, 15 abr. 1928, s/p.

propaganda dos próprios clubes, ou de produtos direta ou indiretamente ligados ao esporte, era imprescindível à vida dos jornais. Se é inegável, portanto, que os jornais contribuíram para o desenvolvimento esportivo em Vitória, também é certo que o esporte foi importante para a estabilidade financeira dos jornais. Nesse contexto, a imprensa, igualmente ao que aconteceu em outras cidades, funcionou como indicador e promotor da nova excitabilidade pública (MELO, 2010a), de maneira que ela e os clubes se beneficiaram mutuamente.

Considerações finais

Vitória foi o palco para o desempenho dos novos potenciais técnicos desencadeados pela cultura e prática adjetivadas de modernas, isso proporcionou que sua transformação incluísse, também, a reforma dos corpos e das mentes dos cidadãos. A constituição dessa cultura urbano-industrial passou a exigir um determinado tipo de educação do corpo em que novas subjetividades, novos gostos e gestos passaram a conformar o ideário republicano de Vitória. Inéditas produções culturais, como o esporte, revelam e informam sobre a imagem do novo homem brasileiro, assumindo o exercício físico como um manifesto caráter de civilidade, de progresso, associado, em suma, à modernidade.

Procuramos compreender como e por que a prática esportiva, no início do século XX, despertou a atenção da população e dos governantes da Capital do Espírito-Santo. Uma das expressões desse interesse foi a constante presença do tema nos principais jornais, ocupando cada vez mais destaque e espaço nas publicações do período. Operamos, para evidenciar a “febre esportiva” (MASCARENHAS, 1999) que assolou Vitória, com duas fontes publicadas durante as décadas de 1920 e de 1930: o jornal *Diário da Manhã* e *A Gazeta*. Os jornais ajudam a criar/divulgar uma linguagem prestigiosa referente ao esporte, no desenvolvimento de um comportamento próprio do ser esportista e na contribuição para a geração de um mercado de consumo.

As fontes acessadas mostraram que os discursos atrelados ao desenvolvimento do esporte na cidade de Vitória, à semelhança do que acontecia em outras localidades do País, passavam pela ideia de que sua prática poderia desenvolver a saúde da cidade e promover a melhoria da raça, requisitos indispensáveis à cidade em transformação. O esporte era visto, portanto, como um meio de fortalecer física, moral e intelectualmente os seus praticantes, desenvolvendo neles uma “verdadeira” educação esportiva. Ao descrever os sentidos vinculados à prática esportiva

em Vitória, procuramos situar o que, nessa cidade, acontecia em relação a processos semelhantes vivenciados em outras Capitais. Iniciativas similares à nossa podem ser observadas em outros estudos, conforme podemos notar em Melo (2010a). Destacamos as semelhanças entre essas diferentes localidades e pudemos concluir que a prática do esporte em Vitória adquiriu algumas particularidades. Por exemplo: a) a configuração do campo esportivo em Vitória se iniciou com o remo, e não com o turfe, ao contrário, desse modo, do que aconteceu em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre; b) há uma demora nessa configuração quando comparada com cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, cujo início da organização esportiva data do século XIX; c) a prática de esporte, antes da virada para o século XX, era escassa em Vitória (e as fundações dos clubes de remo, somente em 1902, são boas evidências disso); d) o futebol demorou a se popularizar em Vitória, se comparado com o desenvolvimento dessa prática em outros locais; e) durante algum tempo, até a *footballmania* (PEREIRA, 2000) tomar conta da cidade, o remo foi considerado o esporte predileto da juventude de Vitória, a escola mais adequada para a educação esportiva pretendida.

Na sequência desta investigação, temos como desafio prosseguir analisando os sentidos vinculados ao universo esportivo. Continuaremos a tomar o fenômeno esportivo como chave de leitura para compreender as transformações pelas quais Vitória passou em seu processo de “reinvenção”. Poderemos, assim, testar algumas conclusões a que chegamos na análise dos jornais, mas, também, vislumbrar outros aspectos até então despercebidos. No capítulo seguinte, trataremos de discutir as modificações provocadas no espaço urbano em função da difusão das práticas de ócio, lazer e esporte na cidade.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
BAUMAN, Z. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

COERTJENSI, M.; GUAZZELLI, C; WASSERMAN, C. Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre: o nacionalismo em revistas esportivas de um clube teuto-brasileiro (1930 e 1938). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 249-262, jul./set. 2004.

DA COSTA, L. *et al.* **Manual valores do esporte SESI: fundamentos**. Brasília: SESI/DN, 2007.

DRUMOND, M. Pátrias em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas e Perón. In: MELO, V. M. (Org.). **História comparada do esporte**. Rio de Janeiro: Editora Shape, 2007. p. 61-75.

GOELLNER, S. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Recordre: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-28, jun. 2008.

LIMA JUNIOR, C. **Baía de Vitória: aspectos históricos e culturais**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1994.

LUCENA, R. F. Os primeiros passos do esporte capixaba. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 2., 1994, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1994. p. 237-241.

_____. Para uma história do esporte em Vitória. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). **Pesquisa histórica na educação física**. Vitória: CEFD/Ufes, 1997. p.169-184.

_____. **O esporte na cidade.** Campinas: Autores Associados, 2001.

MASCARENHAS, G. J. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 17-39, 1999.

_____. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. **Geographia**, Niterói, v. 4, n. 8, p. 84-92, 2002.

MAZO, J. Z.; SILVA, C. F. Grêmio de regatas Almirante Tamandaré: memórias da fundação do primeiro clube de remo “brasileiro” em Porto Alegre (1903-1923). **Arquivos em movimento**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 109-129, 2009.

MELO, V. **História da educação física e do esporte no Brasil:** panorama e perspectiva. São Paulo: Ibrasa, 1999.

_____. **Cidade sportiva:** primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

_____. **Dicionário do esporte no Brasil:** do século XIX ao início do século XX. Campinas: Autores Associados, 2007.

_____. **História do esporte no Brasil:** do Império aos dias atuais. São Paulo: Unesp, 2009.

_____. **Esporte, cidade e modernidade.** In: MELO, V. A. (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras:** transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010a. p. 19-48.

_____. **Esporte e lazer:** uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010b.

MOREL, M. A mídia impressa carioca: anúncio e propaganda na Era Vargas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2, 15., 2007, Recife.

CBCE, **Anais...** Recife, 2007.

NEGREIRO, P. J. L. O estádio do Pacaembu. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA. 5., 1997, Ijuí, **Anais...** Ijuí, 1997. p. 31-44.

PAGNI, P. A. Prescrição dos exercícios físicos e do esporte no Brasil (1850-1920): cuidados com o corpo, educação física e formação moral. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). **Pesquisa histórica na educação física**. Vitória: Ufes, 1997. p. 59-82.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1908). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil República**: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VAZ. A. F.; BOMBASSARO, T. Esporte e modernidade em Florianópolis: primeiras aproximações. In: MELO, V. A. (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri/ Faperj, 2010. p. 193-212.

Jornais

A Gazeta

SPORTS. **A Gazeta**, Vitória, 29 ago. 1929, s/p.

_____. **A Gazeta**, Vitória, 5 maio 1930, s/p.

_____. **A Gazeta**, Vitória, 28 jun. 1930, s/p.

_____. **A Gazeta**, Vitória, 30 jun. 1930, s/p.

DESPORTOS, TERRA E MAR O PAIZ PRECISA DE FILHOS FORTES E SADIOS PARA A SUA PROSPERIDA-

DE. **A Gazeta**, Vitória, 10 de jul. 1930, s/p.
_____. **A Gazeta**, Vitória, 11 set. 1930, s/p.
_____. **A Gazeta**, Vitória, 17 nov. 1930, s/p.
A GAZETA NOS ESPORTES. **A Gazeta**, Vitória, 23 set.
1936, s/p.

Diário da Manhã

DIÁRIO SPORTIVO. **Diário da Manhã**, Vitória, 3 out.
1926, s/p.

- _____. **Diário da Manhã**, Vitória, 7 set. 1926, s/p.
- _____. **Diário da Manhã**. Vitória, 1 jan. 1928, s/p.
- _____. **Diário da Manhã**, Vitória, 31 mar. 1928, s/p.
- _____. **Diário da Manhã**. Vitória, 8 abr. 1928, s/p.
- _____. **Diário da Manhã**, Vitória, 1 maio 1928, s/p.
- _____. **Diário da Manhã**, Vitória, 11 maio 1928, s/p.
- _____. **Diário da Manhã**, Vitória, 10 out. 1928, s/p.
- _____. **Diário da Manhã**, Vitória, 21 nov. 1928, s/p.
- _____. **Diário da Manhã**, Vitória, 4 jan. 1929, s/p.
- _____. **Diário da Manhã**, Vitória, 8 jan. 1929, s/p.
- _____. **Diário da Manhã**, Vitória, 23 fev. 1929, s/p.
- _____. **Diário da Manhã**, Vitória, 25 jun. 1929, s/p.
- _____. **Diário da Manhã**, Vitória 14 nov. 1929, s/p.

Figuras

Figura 6 – Os nossos filhos são os homens de amanhã. Fonte: DIÁRIO SPORTIVO. **Diário da Manhã**, Vitória, 25 abr. 1928, s/p.

Figura 7 – Esporte, saúde e Agua Rabello. Fonte: DIÁRIO SPORTIVO. **Diário da Manhã**, Vitória, 4 fev., 1928, s/p.

Figura 8 – Esporte, saúde e Biotônico Fontoura. Fonte: DIÁRIO SPORTIVO. **Diário da Manhã**, Vitória, 18 jul., 1936, s/p.

Figura 9 – Mulher, saúde e Emulsão de Scott. Fonte: DIÁRIO SPORTIVO. **Diário da Manhã**, Vitória, 15 abr., 1928, s/p.



ESPORTE NA CIDADE: NOVOS ESPAÇOS, NOVOS OBJETOS... UMA NOVA PAISAGEM EM VITÓRIA (1896-1940)

Cláudia Emília Aguiar Moraes • Felipe Quintão de Almeida
Ivan Marcelo Gomes • João Alexandre Demoner
Ueberson Ribeiro Almeida

Introdução

Argumentamos, ao longo do livro, que inúmeros pesquisadores têm se esmerado no sentido de dar visibilidade ao advento das práticas esportivas no Brasil, a partir de meados do século XIX (SEVCENKO, 1999; PEREIRA, 2000; MELO, 2001; LUCENA, 2001). Nesse processo, Rio de Janeiro e São Paulo foram as cidades escolhidas para se descrever os primórdios do esporte no País. Isso não sem razão, pois, de fato, aquelas duas localidades foram as principais cidades brasileiras desde antes mesmo da virada para o século XX, influenciando gostos, atitudes, valores e ditando os rumos para os centros menores que iriam percorrer, com algum atraso, os caminhos outrora já trilhados por elas.

Esse, decerto, é o caso de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo. Em relação a essa cidade, muito pouco sabemos sobre o desenvolvimento das práticas ligadas ao ócio, ao lazer e ao esporte no início do século XX, quer dizer, não conhecemos bem o fato de ela ter vivido, nos anos iniciais de sua transformação em cidade moderna, toda uma agitação da população em

torno dessas práticas, que se afirmariam como um componente cultural importante do capixaba.

Neste capítulo, apresentamos uma faceta desse processo, discutindo a capacidade de as práticas relacionadas com o ócio, o lazer e o esporte redefinirem os usos do território urbano, produzindo novas formas espaciais e introduzindo novos objetos na paisagem. Foram importantes, nesse procedimento, os estudos já existentes sobre a história daquelas práticas em outras localidades do País (na perspectiva da história comparada), mas, também, as referências vinculadas àquilo que Mascarenhas (1999) chamou de uma “Geografia dos Esportes”.

Em relação ao recorte temporal, a investigação se situa entre os anos de 1896 e 1940. A escolha desse período não foi aleatória. De um lado, data de 1896 o primeiro projeto que almejou uma grande transformação no espaço urbano da Capital: o Novo Arrabalde; por outro, presenciou-se, nas décadas seguintes, sobretudo a partir dos anos 1920, uma “febre esportiva” (MASCARENHAS, 1999) em Vitória, momento em que o esporte é reconhecido como elemento importante da vida cultural capixaba.

As evidências que fundamentam a investigação foram obtidas graças às análises das edições diárias de dois importantes jornais: o *Diário da Manhã*, que começa a ser publicado em 1907, e *A Gazeta*, cuja publicação se inicia em 1928. Todos os dois estão disponíveis no Arquivo Público Municipal e no Arquivo Público Estadual dessa Capital. Ambos os impressos possuíam uma seção dedicada ao esporte, que, ao longo dos anos, variou de denominação. No caso de *A Gazeta*, encontramos as seções *Desportos*, *Desportos: terra e mar*, *Sport: o paiz precisa de filhos fortes e sadios para a sua prosperidade* e *A Gazeta nos Esportes*. No caso do *Diário da Manhã*, identificamos as denominações *Diversões*, *Sociedade e Sport* e *Diário Sportivo*.

Além dos jornais, fizemos a catalogação e análise de duas revistas da época. Uma delas intitula-se *Vida Capixaba* (1923-1957). Dispunha de uma seção destinada aos esportes (inicialmente chamada *Resenha Esportiva* e denominada *Vida Sportiva*

a partir de 1930). O primeiro número do impresso foi publicado em 1923. Foi ininterruptamente veiculado nos 36 anos seguintes, mesmo que, a partir de 1954, passasse a se chamar *Revista Capichaba* (1954-1957). O outro periódico analisado foi a revista *Chanaan*, impresso que foi publicado pela primeira vez em 1936. Era uma revista “concorrente” da *Vida Capichaba*.

Além das revistas e jornais, analisamos também relatórios de alguns prefeitos de Vitória e governadores do Estado. Verificamos catálogo de mapas, acervos de fotos, outros documentos de interesse e a pouquíssima literatura que retrata a trajetória dos principais clubes da cidade. O material catalogado e analisado serviu para nós como fonte, a partir do qual procedemos a uma análise do seu conteúdo.

A emergência dos espaços de lazer e esportivos na cidade de Vitória: dos jardins e “passeios” às praças, parques e clubes

A introdução e a posterior proliferação das práticas ligadas ao ócio, ao lazer e ao esporte na vida urbana pressupunham uma alteração espacial das próprias cidades, já que estas, como demonstra o caso de Vitória, não estavam preparadas para essas experiências corporais. Em tal contexto, foi necessário criar condições de possibilidades, físicas e/ou estruturais, para que essas novas experiências fossem abraçadas pelo conjunto da população. Na historiografia do esporte, o caso mais conhecido a esse respeito é a “Reforma Pereira Passos”, conduzida pelo prefeito Francisco Pereira Passos (1902-1906) na transformação do Rio de Janeiro. Conforme Sevckenko (1999), esse prefeito estabeleceu o nexo entre a regeneração, a modernidade e os esportes, percebendo que o esporte poderia ser uma estratégia de controle e adaptação do corpo às novas exigências da sociedade em modificação. Tal foi a sua importância que é praticamente impossível entender os laços entre esporte e modernidade no Rio de Janeiro sem levar em conta o papel (in)direto de Pereira Passos e sua reforma nesse processo (MASCARENHAS, 1999; MELO, 2006).

Em Vitória, a primeira grande tentativa de reformular a Capital, expandindo-a e modernizando-a, coube ao governador da província, José de Melo Carvalho Muniz Freire (1892-1896). Para tanto, confiou ao sanitarista Francisco Saturnino Rodrigues de Brito a construção de um Novo Arrabalde,²⁶ que consistia na elaboração de um projeto de bairro cuja área era cinco a seis vezes maior do que aquela onde estava erguida a Capital, na região central, então coração político e econômico de Vitória. Trata-se, portanto, não de uma reforma da cidade então existente, mas de sua expansão para a região leste, onde se situavam as praias, até então desabitadas.

Para dar acesso ao novo bairro, propôs-se a criação de uma linha de ferro-carril entre o centro e as áreas praianas. Além do traçado primoroso, o projeto previa o suprimento não só de água, mas também estipulava o fornecimento de iluminação a gás por canalização. Por todas as maneiras, planejava-se um bairro dotado das melhores condições de higiene e salubridade, prevendo-se, na nova área de expansão, resolver o maior problema urbano de Vitória naquele momento: o saneamento.

À semelhança do que aconteceu no caso da “Reforma Pereira Passos” (SEVCENKO, 1999; MASCARENHAS, 1999; MELO, 2006), portanto, a “Reforma Muniz Freire” foi importante para as práticas ligadas ao ócio, ao lazer e ao esporte, na medida em que construiu aterros, estradas, ruas e avenidas que conduziam diretamente às praias, com destaque para a região da chamada Praia Comprida. Segundo a “letra” do projeto de Saturnino de Brito (1896, p. 6), “Com effeito, não se trata só de aproveitar terrenos secos, e sim, ainda, de conquistar definitivamente ao mar uma certa área, até agora sob o domínio das altas marés”. O avanço em direção ao mar, em alguns casos aterrando-o e em outros construindo muros de arrimo, foi fundamental para a criação de extensas faixas destinadas aos banhos de mar. Essa foi uma iniciativa fundamental para tornar a Praia

26 O projeto do Novo Arrabalde encontra-se completamente digitalizado no site do Arquivo Público Estadual do Espírito Santo, podendo ser acessado no seguinte endereço virtual: <http://www.ape.es.gov.br>.

Comprida, alguns anos depois, um local muito frequentado por banhistas e utilizado para a prática de alguns esportes, como o *water-polo* e a natação.

Além de aproximar a população das praias, o projeto do engenheiro Saturnino de Brito contemplava também a construção de bosques, jardins e áreas de passeio:

Além dos bosques de eucalyptus, acham-se projectados vários jardins e, no morro da 'Barrinha', um passeio que será o encanto do novo bairro. Conservando-se ahi as mattas existentes, abrir-se-hão sombrias alamedas transitaveis por carruagens, até o ponto culminante que se acha situado entre as duas barras do estuário; ter-se-ha, assim, – ao pé, as payzagens ridentes, das margens e, ao longe, o indefinido do Oceano offerecendo-se favorável á contemplação interior e á criação de imagens (BRITO, 1896, p. 25).

A expansão de Vitória para o leste, graças ao Novo Arrabalde, também proporcionou, nos governos seguintes, melhorias no centro da cidade. Até então, Vitória caracterizara-se pelas ruas tortuosas e estreitas, carecendo de serviços urbanos essenciais. Do ponto de vista arquitetônico, Vitória continuava sendo uma típica cidade colonial portuguesa. As casas e pequenos sobrados mostravam suas fachadas em desalinho. Os chafarizes e mananciais, cujas águas para abastecimento das casas comerciais e moradias precisavam ser transportadas pela própria população, eram escassos e limitados. A iluminação pública era bastante deficiente, deixando a cidade quase às escuras. Eram evidentes as carências também em termos de instalações sanitárias. Os dejetos, recolhidos de casa em casa, eram levados em barricas e lançados ao mar, seu depósito “natural”.²⁷ O transporte da população constituía-se de bondes de tração animal, sendo, por isso mesmo, bastante deficiente (DERENZI, 1965).

27 Fazer do mar o depósito “natural” dos dejetos humanos de toda ordem evidencia uma determinada postura dos habitantes da cidade em relação ao mar que, no caso, parece ser de desprezo. Convém analisar as modificações nessa relação à medida que avança o projeto de transformação de Vitória, semeando as condições para a produção de uma nova sociabilidade nas praias bem como fomentando o desenvolvimento dos esportes náuticos na cidade.

A transição efetiva da antiga cidade colonial para a Vitória moderna teve um grande impulso durante a gestão Jerônimo Monteiro, governador do Estado entre os anos de 1908 e 1912. A partir de então, a cidade foi equipada com serviços até aquele momento inexistentes: água encanada, redes de esgoto, energia elétrica, bondes elétricos, construção de novos prédios públicos, início da construção das obras do porto e a reforma do ensino (VASCONCELLOS et al., 1993). O programa de urbanização vislumbrado por Jerônimo Monteiro compreendeu, também, a construção de jardins, parque, arborização e iluminação pública. Os governadores Nestor Gomes e Florentino Ávidos (1920-1928) concluíram a concepção de cidade que nascera nos governos anteriores, de modo que, no final dos anos 1920, a vida colonial havia morrido. Vitória perdia o aspecto da antiga província que fora a maior parte do tempo e ganhava, a olhos vistos, foros de cidade moderna. A imprensa não se cansava de notar e de tecer os justos elogios a essa metamorfose maravilhosa.

É nesse momento que se intensificam iniciativas dos governos locais no sentido de criar espaços públicos que, além de embelezar a cidade, objetivavam construir um novo cotidiano para seus habitantes, no qual se poderia realizar o sonho de viver conforme o ideário moderno, por meio do desfile de posses, costumes, roupas importadas e de novas formas de sociabilidade (PRADO, 2004). Entre os empreendimentos construídos, situam-se as praças e parques, todos tratados paisagisticamente e dotados de uma sorte de equipamentos. Ligados à urbanística sanitária, visavam a domesticar o olhar da população para a importância da salubridade e construir um novo referencial para a vida urbana.

Das alterações realizadas na paisagem, singular é o caso do Parque Moscoso, o primeiro parque da cidade, criado em 1912. O aterro que criou o parque, na área de manguezal então conhecida como Campinho, foi fruto de uma das maiores ações de saneamento da urbe. Sua imagética moderna, de acordo com Prado (2004, p. 94), assentou-se na nova tipologia arquitetônica, “[...] no traçado generoso e salubre, no jardim público destinado não apenas a melhorar a salubridade local, mas a educar a população

capixaba para a modernidade, através de novas práticas, como o ócio ao ar livre”. Ainda conforme Prado (2004), o Parque Moscoso era destinado ao ócio e lazer das classes média e alta, já que o bairro onde fora projetado, com o mesmo nome do Parque, era habitado, prioritariamente, por funcionários públicos de mais alto escalão. Tratava-se, todavia, não mais de um ócio contemplativo, conforme escreveu Saturnino de Brito, referindo-se aos jardins e “passeios” do Novo Arrabalde, mas, sim, de um ócio ligado ao entretenimento cultural, tido como instrumento de disciplina moral.

Não somente nos bairros mais elitizados, contudo, notamos o lugar que os espaços públicos de passeio e/ou praças passaram a ter no projeto de remodelização da Capital. No relatório do prefeito Asdrubal Martins Soares (1930-1933), do ano de 1933, fica evidente essa preocupação ao se referir à construção da praça que levou seu próprio nome, no bairro operário de Jucutuquara:

Uma vez concluído o calçamento da Avenida XV de Novembro, para maior embelezamento do bairro de Jucutuquara, construímos um moderno jardim com canteiros dispostos em dois planos, junto ao abrigo de passageiros, construído no ano de 1931. Este logradouro público completa o plano de remodelação que o Governo do Município vinha executando neste bairro, proporcionando ao público um lugar de reunião e recreio cuja falta muito se fazia sentir (SOARES, 1933, p. 138-139).

Paralelamente a todo esse movimento de crescimento e modificação dos espaços da cidade, que conferiu ao ócio e ao lazer uma centralidade cada vez maior, Vitória também presencia toda uma agitação popular em torno da prática esportiva de competição, que se afirmaria, sobretudo a partir da década de 1920, como um componente cultural importante do capixaba. À semelhança do que acontecera no Rio de Janeiro alguns anos antes (MELO, 2001; LUCENA, 2001), o remo tornar-se-ia, na Capital da Província do Espírito Santo, o esporte dileto da juventude capixaba. Isso não sem razão, pois, numa cidade quase sem atrativos na transição entre os séculos XIX e XX, uma das poucas opções de

lazer existentes na cidade era a baía de Vitória – ainda que esta fosse, durante algum tempo, depósito do lixo da cidade. Era nela que se comemoravam, no dia 25 de novembro de cada ano, as famosas regatas de Santa Catarina, uma festa religiosa. As regatas eram constituídas por um único páreo, em longas canoas tripuladas por pescadores, que faziam seus próprios remos, de pá larga e comprida, de cabo curto, leves e resistentes. O ponto de partida era a Pedra dos Ovos (próxima ao morro do Penedo) e a chegada no extinto Cais do Santíssimo (atual Vila Rubim). A regata era muito popular, disputada por duas embarcações: os Caramurus e os Peroás.²⁸ O juiz do páreo “[...] era a própria população local, que se aglutinava para vibrar por sua embarcação favorita; após o término das regatas, os vencedores percorriam as ruas da cidade, matraqueando os remos e dando vivas a Santa Catarina” (LIMA JÚNIOR; SOARES; BONICENHA, 1994, p. 100).

Essas regatas foram disputadas até meados da década de 1910, perdendo relevância devido à criação dos clubes de regatas Álvares Cabral e Saldanha da Gama, os primeiros clubes esportivos de Vitória. As provas, a partir de então, passaram a ser disputadas em baleeiras (embarcações miúdas, mais velozes e usadas para serviços de navios e pesca de baleias) e despertaram ainda mais a curiosidade e os aplausos dos ilhéus, perdendo, assim, seu antigo sentido religioso para adquirir um caráter fundamentalmente esportivo. Abandona a cena o júri popular e tem início a organização propriamente esportiva de Vitória. Na cidade com pouquíssimas opções de lazer,

[...] o povo se acotovelava na Beira-Mar para assistir às disputas. Havia bandas de música, pontões, bandeiras, torcidas de lado a lado, e um equilí-

28 Caramuru e Peroá são nomes de peixes abundantes, à época, em Vitória. Seus nomes foram utilizados para caracterizar uma dissidência entre os devotos do santo São Benedito. Caramuru designava os devotos de São Benedito ligados ao Convento de São Francisco; a expressão faz alusão ao perfil traiçoeiro do peixe e sua cor verde (a mesma que predominava nas vestes dos religiosos ligados ao Convento). Peroá refere-se a um peixe que era desprezado pelos pescadores. Os religiosos (Peroás) que, após o conflito, se desligaram do Convento e se deslocaram para a Igreja do Rosário, cujo prédio se localiza, ainda hoje, no centro da cidade de Vitória. Em meio a tanta rivalidade, Caramurus e Peroás protagonizariam, durante anos, um espetáculo de sons e cores pelas ruas da cidade na disputa pela preferência de São Benedito em suas procissões.

brio de alto nível nas competições. Os remadores disputavam as regatas com as medalhas no peito, e eram cometidas algumas excentricidades como a Festa Venesiana, uma idéia de Mariana Martins. Homens e mulheres, saldanhistas e cabralistas, atravessavam a Baía de Vitória em gôndolas ao pipocar de fogos de artifício (LIMA JÚNIOR; SOARES; BONICENHA, 1994, p. 101).

Esses dois clubes, além de fundamentais para a organização inicial do esporte em Vitória, também produziram, com suas sedes, notáveis modificações no espaço urbano da Capital. Vitória, no início do século XX, era uma cidade com grande colônia de imigrantes portugueses e seus descendentes. A maioria formada por comerciantes que habitavam os próprios estabelecimentos comerciais. Três dessas casas comerciais, Evaristo Pessoa e Cia., Viana Leal e Cia. e Cruz Sobrinhos e Cia., tiveram importância fundamental na fundação do Clube de Regatas Álvares Cabral. Os fundadores, Raul da Costa Moreira, Américo Dias Leite, José Lopes da Silva, Augusto Nogueira Souto, Luiz de Abreu, Alcino Reis de Amorim e Benjamin José da Costa (todos portugueses e com vínculo nas três casas comerciais), alugaram – na mesma data de fundação do clube –, com a ajuda daqueles comerciantes, uma garagem na já extinta Rua D’Alfândega, no centro da cidade, e adquiriram uma baleeira que recebeu o nome de “Pátria”,²⁹ homenagem à pátria lusitana e também à brasileira. Alguns anos depois, o presidente cabralista, Armando Oliveira Santos, comprou para o clube seu primeiro prédio, próximo à Praça Costa Pereira, centro da cidade. Era uma edificação de dois andares, com o salão de festa no segundo piso e uma empresa comerciante de tecidos no térreo (SEM AUTORIA, 1982).

29 Conforme relatado na ata de fundação do clube: “O Sr. Presidente leva ao conhecimento dos sócios presentes que a baleeira a 6 remos já adquirida por compra no Rio de Janeiro, deve chegar no dia 12 do corrente mez, sendo por isso necessário alugar um barracão para a garage do club; pede a palavra o sócio Benjamin Costa e diz já ter falado e obtido o barracão n° 2 da Rua d’Alfandega pertencente ao snr. Morgado Horta, a directoria concorda em alugar o dito barracão para esse fim. Resolve-se que o nome da baleeira a chegar seja ‘PÁTRIA’ e que o baptismo se realise no dia 20 do corrente e convidar-se para padrinhos os snrs. Adalberto Cabral, e Antonio Maciel, aprova-se para uniforme o usado pelo Club ‘Vasco da Gama’ do Rio de Janeiro, igualmente a bandeira” (SEM AUTORIA, 1982).

A sede náutica ficava no bairro da Vila Rubim (centro da cidade), possuindo uma garagem para os barcos, um campo de futebol e duas quadras poliesportivas, além de um *deck* para embarque e desembarque dos atletas do remo e uma área demarcada no mar para as partidas de *water-polo* e competições de natação.

No caso do Saldanha da Gama, sua primeira sede foi a antiga travessa da Alfândega (próxima à atual Praça 8 de Setembro), no prédio que faz esquina com a Rua Duque de Caxias. Passou depois para a Rua do Comércio, nº 32, onde teve, no pavimento térreo, a garagem e, no sobrado, a sede social. Mais tarde, mudou-se para a Rua Pereira Pinto e, depois, para a Cristóvão Colombo. No relatório do ano de 1918, de Henrique de Novaes (prefeito de Vitória entre 1916 e 1920), identificamos, na *Secção Obras e Viação*, uma menção à construção de uma rampa para embarque e desembarque dos barcos do Clube Saldanha da Gama, na Avenida Capichaba (atual Jerônimo Monteiro).

O Saldanha da Gama, à semelhança do que aconteceu com o seu grande rival anos depois, também abandonou o centro da cidade para se alojar mais próximo ao mar. Seus diretores decidiram comprar um antigo forte localizado na entrada da baía de Vitória: o Forte São João. Na época, o Forte encontrava-se arrendado, pela cervejaria Brahma, à *boate Trianon*. A compra, por parte do Saldanha, somente foi efetivada em 27 de março de 1930. O clube incluiu na negociação o repasse da sua antiga sede, no centro, e fez o pagamento restante graças um empréstimo ao Governo do Estado. No dia 16 de novembro de 1930, a nova sede social do Saldanha, no Forte São João, foi oficialmente inaugurada, com uma missa campal realizada no campo de “Bola ao Cesto”, pelo padre Elias Tommasi. Os festejos mobilizaram os sócios, suas famílias e as autoridades capixabas, como os doutores Affonso Lyrio e J. Manoel de Carvalho, ambos da junta governativa do Estado (VIDA CAPICHABA, n. 251, nov. 1930).

Ao longo dos anos, várias transformações foram implementadas nas novas instalações do clube, alterando a estrutura do antigo prédio comprado pelo Saldanha e também a própria geografia do lugar. Em 1931, teve início o aterro para a construção de uma praia, pois até aquela data só existia na frente do clube uma pequena faixa de terra e um ancoradouro para os barcos. Posteriormente, houve o aterro do braço do mar que ficava à frente, o que possibilitou a construção de uma quadra de bola ao cesto e de uma piscina artificial para atender aos associados nos dias quentes. Era, ainda, utilizada para competições de *water-polo* e natação (Figura 10).

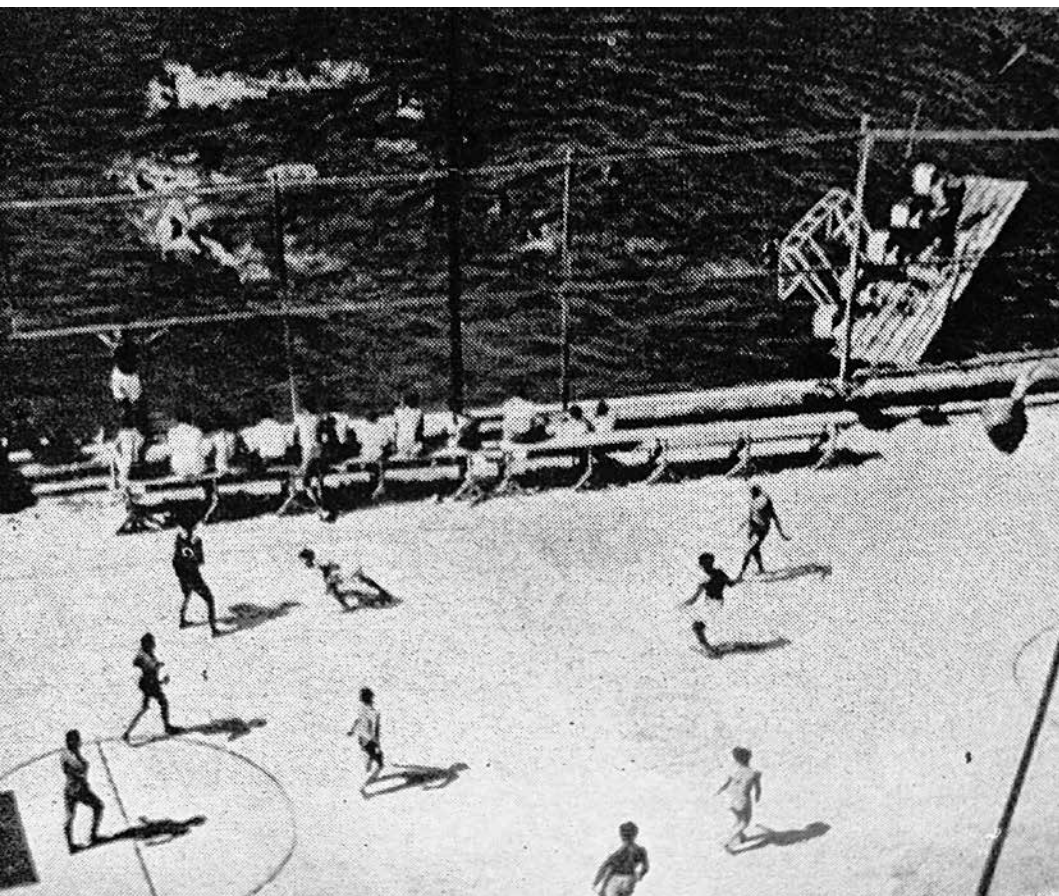
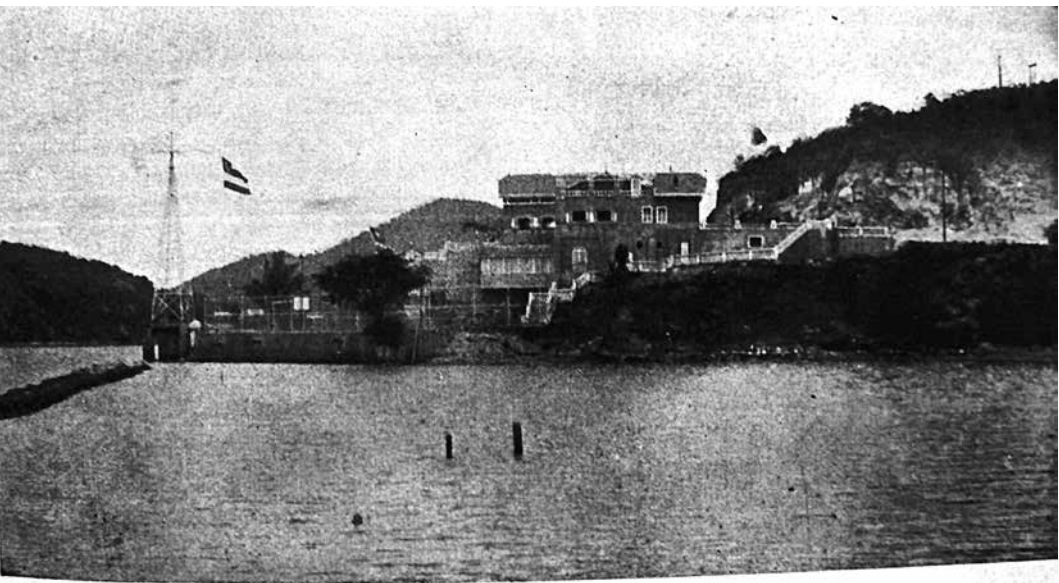


Figura 10 – Quadra de bola ao cesto com piscina de water-polo
Fonte: Revista Chanaan (n. 17, ago. 1937).

Em outubro de 1935, o clube fez novos aterros, numa ampla faixa de mar localizada à sua lateral (Figura 11).



A sede do C. R. Saldanha da Gama, no Forte de São João, em pittoresco local, frente ao mar, logo á entrada de Victoria, capital do Estado do Espírito Santo.

Figura 11 – Clube Saldanha da Gama antes do aterro (1935)

Fonte: *Revista Chanaan* (n. 17, ago. 1937).

Em matéria publicada na revista *Vida Capichaba*, antes mesmo de o clube proceder aos aterros no mar localizado à sua lateral, um autor desconhecido assim se pronunciou a respeito da nova sede do Saldanha:

A sede do Club de Regatas Saldanha da Gama é uma demonstração do progressivo sportivo e social de nosso Estado. Localizada num ponto pittoresco e magnifico, surge aos olhos do visitante que passa a bordo dos navios demandando nossos portos, como uma Victoria do homem sobre a natureza. A montagem, o aparato do edificio, o conjunto harmonioso de tão formosa séde predispõem o forasteiro a ver nossa Capital como um centro

de cultura physica e intellectual. O navio chega ao porto. Ao longo se estende a cidade (VIDA CAPI-CHABA, n. 332, 15 jan. 1933).

Além dos clubes náuticos, os clubes de futebol começaram a despontar na geografia de Vitória, provocando novas modificações e introduzindo novos objetos no seu espaço. Trataremos desses aspectos no tópico a seguir:

O início do foot-ball em Vitória: a construção do estádio “Governador Bley” (1936)

Com algum atraso em relação ao que já acontecia no Rio de Janeiro e em São Paulo, o remo tornar-se-ia, em pouco tempo, o esporte predileto dos capixabas, reunindo em torno de sua prática os ideais da saúde, da velocidade, da limpeza, do progresso, do belo etc., representações indispensáveis à “reforma” dos corpos e das mentes na cidade em transformação. Ao mesmo tempo em que a “febre esportiva” em torno do remo se espalhava por todos os recônditos de Vitória, as notícias sobre o futebol começavam, paulatinamente, a circular entre os habitantes da ilha, como nos mostra a matéria publicada no jornal *Diário de Manhã* (em 3 de outubro de 1926), *O início do foot-ball entre nós*.

A *footballmania*, que começara a tomar conta do Rio de Janeiro e São Paulo (PEREIRA, 2000) e a despontar também na Capital do Espírito Santo, possibilitou o surgimento dos primeiros clubes de futebol.³⁰ Vamos destacar, doravante, o caso do *Rio Branco Football Clube*. Esta agremiação cresceu no importante bairro operário chamado Jucutuquara. Nesse local, havia uma grande área utilizada para represamento das águas da maré, com o objetivo de produzir sal. Era mais conhecida, pelos habitantes da cidade, como “Salina”. Abandonada por longo tempo, transformou-se em um terreno reto, sem gramas, mas excelente

30 No capítulo 1, comentamos um pouco mais sobre o processo de criação de dois importantes clubes: o *Foot-ball Club Victoria* e o *Rio Branco Football Clube*.

para as “peladas”. Foi nesse local que o *Rio Branco Football Clube* construiu seu primeiro estádio. O jornal *Diário da Manhã*, em página não identificada de sua edição de 28 de setembro de 1915, anunciava que o então presidente do Rio Branco, Otávio Araújo, apresentara a planta do esplêndido campo de *sports*, “[...] que será, depois de pronto, um dos melhores do Brasil, pois pretende o clube fazer, além do ‘ground’, campo para tênis, área para rink, aparelhos ginásticos, tanque de natação e pistas para corridas a pé”. Sua construção, contudo, não foi tão simples, pois, mesmo ocupando a área, o *Rio Branco Football Clube* não era o legítimo possuidor do terreno.

O *Foot-ball Club Victoria*, não satisfeito com as pretensões daquele clube (que, àquela altura, se tornara seu maior rival), fez valer o prestígio dos seus dirigentes no cenário político de então, impedindo não só o uso da área pelo *Rio Branco Football Clube*, como assumindo a posse do terreno (que era do Estado). O *Rio Branco Football Clube* passou, então, a treinar no município vizinho à Capital (Vila Velha), em área identificada como campo do Bom Retiro (local próximo à atual Maternidade do município de Vila Velha). Segundo Silva (2010, p. 165), por iniciativa de um dos seus diretores, Agenor dos Santos, o *Rio Branco Football Clube* fez um novo contrato de locação do terreno das Salinas com o Governo Estadual de Bernadinho de Souza Monteiro (1916-1920), retornando ao campo de Jucutuquara. Com esse novo contrato, o Rio Branco deu início, em 1918, ao sonho de possuir um estádio próprio, tendo as obras iniciadas nesse mesmo ano. Para tanto, realizou um aterro na “Salina”, com a intenção de ampliar o terreno. Em pouco mais de um mês, o local já estava totalmente cercado de folhas de zinco, ao mesmo tempo em que se construiu uma arquibancada de madeira, espaçosa e com um pavilhão central destinado às autoridades, além de boas acomodações para as “gerais”, do lado oposto (SILVA, 2010).

O *Ground* de Jucutuquara, também chamado “Estádio de Zinco”, não teve, conforme constava no projeto inicial, o tanque de natação, os aparelhos ginásticos e a quadra de tênis, mas possuía o *rink* de patinação, uma pista para corrida à pé e gra-

mado, todo cercado por um arame liso. Segundo consta nas fontes que acessamos, a obra do novo campo custou cerca de 35 contos de réis, quantia considerada muito acima das possibilidades de qualquer clube capixaba. Foi inaugurado no dia 19 de abril de 1919, contra o Fluminense de Niterói, jogo que acabou empatado em 2 a 2 (GOMES FILHO, 2002).

Com o “Estádio de Zinco”, o fluxo de pessoas para aquela região aumentou bastante, especialmente nos dias de jogos, proporcionando, assim, uma nova dinâmica e mesmo a expansão do bairro, com a abertura de ruas e estradas. O relatório de 1928, do prefeito Otávio Índio do Brasil (1924 a 1928), na *Seção Obras*, evidencia como a decisão de se construir um estádio na região de Jucutuquara favoreceu a expansão do bairro e a abertura de ruas e estradas. Criou-se, ainda, uma linha de bonde, que saía da Vila Rubim (oeste), passava por Jucutuquara e viajava até a Praia Comprida (leste), facilitando o deslocamento da população em dias de jogos mas, também, no dia a dia. Essa nova dinâmica, provocada pela presença do clube em Jucutuquara, intensifica-se ainda mais com a decisão de construir, a partir de 1934, um estádio ainda maior que o Estádio de Zinco. Estamos nos referindo ao Governador Bley.

A partir de 1932, com a ascensão de Getúlio Vargas à presidência do País, novas configurações políticas, econômicas e culturais se desenrolaram no Brasil. No Espírito Santo, outros atores políticos assumem o poder e passam a organizar a “vida” do Estado. Destaque, nesse momento, para João Punaro Bley, oficial do Exército, nomeado, por Getúlio Vargas, interventor federal, de 1930 a 1935; eleito, pela Assembleia Constituinte Estadual, governador do Estado, entre 1935 e 1937; e, novamente, interventor de 1937 a 1943.

Conforme sobejamente conhecido na historiografia do esporte no País (DRUMOND, 2003; NEGREIROS, 2003; PEREIRA, 2000), no Estado Novo, os esportes, principalmente o futebol e suas construções, adquiriram uma grande importância no projeto de País pretendido por Vargas, sendo perceptível seu grande

potencial aglutinador em torno da nacionalidade. E foi graças a esse potencial do esporte, desencadeado não exclusivamente pelo futebol, que categorias até então bastante abstratas, como *Povo* ou *Nação*, foram experimentadas como algo visível, concreto e determinado. E foi nesse contexto e/ou influenciado por esse espírito que, durante a gestão de Punaro Bley, se iniciaram as discussões para a construção de um novo estádio, que pudesse substituir o já não tão moderno “Estádio de Zinco” (o novo estádio seria construído no lugar então ocupado pelo “Estádio de Zinco”).

No processo de construção dessa nova praça de esportes, mais uma vez, o *Football Club Victoria* colocou-se no caminho do *Rio Branco Football Clube*. É o que nos relata Silva (2010), em entrevista realizada com o presidente do *Rio Branco Football Clube* à época da construção do estádio, o capitão do Exército Carlos Marciano de Medeiros, que era mais conhecido como Capitão Carlito de Medeiros. Diz Medeiros que,

[...] Por força das atividades administrativas que exercia junto ao Governo, frequentava o palácio com assuidade. No final de um expediente matinal encontrou o Interventor Punaro Bley examinando as plantas destinadas à construção de um estádio, com arquibancadas de tijolo. Imaginou que se tratava de uma iniciativa do Estado. Para sua surpresa, o projeto [foi] preparado sob a orientação de Jair Tovar (diretor do Vitória F.C.) para ser executado no terreno ocupado pelo Rio Branco (SILVA, 2010, p. 170).

O Capitão Carlito de Medeiros, ao tomar conhecimento de tal fato, exerceu sua influência e protestou com o interventor federal, dizendo que ele estava arriscando a estabilidade do seu governo, pois, tendo em vista a popularidade do *Rio Branco Football Clube*, talvez nem mesmo com a força da Polícia Militar pudesse controlar o clamor público (SILVA, 2010).³¹ O Capitão Carlitos de Medeiros comunica o que presenciou no gabinete do interventor à diretoria do *Rio Branco Football Clube* que,

31 Segundo Melo (2007), era muito comum os clubes utilizarem a influência de seus dirigentes, muitos dos quais ligados à estrutura política, para fazer pressão em favor dos seus interesses.

logo após tomar conhecimento do fato, combina um encontro com o engenheiro Álvaro Sarlo, pedindo um estudo urgente a respeito das opções que o clube teria para a construção de uma praça de esportes à “altura” do Estado do Espírito Santo (SILVA, 2010). E assim foi feito pelo engenheiro Álvaro Sarlo o projeto do novo estádio do *Rio Branco Football Clube*, uma edificação prática, confortável e moderna (GOMES FILHO, 2002), obra essa que também seria utilizada para projetar o Espírito Santo no cenário esportivo nacional, além de ser um marco na paisagem urbana.³²

Nesse momento da história do País, em que os interesses do Estado brasileiro reservavam ao esporte um lugar de destaque, muitos foram os investimentos públicos nos clubes esportivos. Na revista *Chanaan* (1937, n. 16, jul., s/p), publica-se uma matéria em que ficam evidentes os investimentos feitos pelo governo nos diversos clubes da Capital (e do interior) para a construção de suas praças esportivas. No caso do *Rio Branco Football Clube*, anuncia-se que foram cedidos ao clube, pelo Governo Estadual de João Punaro Bley, 160 contos de réis para a construção do seu estádio. Assim temos procedido, diz a letra da publicação,

[...] por que consideremos os esportes um capítulo fundamental da educação física. A formação de uma mocidade forte e capaz de cumprir os seus deveres para com a Pátria deve sempre preocupar a atenção dos governantes, daí porque volvemos carinhosamente os nossos melhores cuidados para os esportes, dispensando-lhes assistência financeira para poderem bem exercer as suas nobilitantes finalidades (CHANAAN, 1937, n. 16, jul., s/p).

32 Além disso, o interventor Bley, por meio do Decreto-Lei nº 4.969, de 20 de junho de 1934, doa ao clube a área da “Salina”, onde tinha sido construído o Estádio de Zinco e onde se pretendia construir o estádio com o nome do interventor federal (DIÁRIO OFICIAL, 24 de junho de 1934). Até então, a área não era do clube, apesar de ser ocupada por ele desde meados da década de 1910.

Os investimentos não se restringiram ao Governo Estadual. Em nível municipal, constatamos, no relatório do prefeito de Vitória, Asdrubal Soares (1930-1933), que estavam sendo feitos estudos para a construção de um estádio em Jucutuquara, abrangendo: sondagens, projetos das ruas adjacentes, cálculo de movimento de terra, anteprojeto da estrutura de concreto armado e orçamento aproximado das obras. Encontramos, no relatório de 1935, do prefeito de Vitória, Álvaro Sarlo (1935-1936), uma menção sobre a realização de terraplanagem para a construção do novo campo do Rio Branco. No relatório do ano de 1936, assinado por Laurentino Proença, “chefe de obras” do prefeito Paulino Müller (1936-1937), identificamos dados sobre verbas reservadas à construção do estádio “Governador Bley”. Ainda em 1936, no relatório da *Diretoria de Água e Esgoto*, consta verba destinada ao gramado e construção do estádio.

Os trabalhos de Malhano e Malhano (2002), Drummond (2007), Melo (2006), Negreiros (1997) e Pereira (2000) nos mostram que essa não foi uma prática restrita ao solo capixaba. Essa simbiose entre os interesses dos clubes e os dos governos deve ser compreendida, levando-se em conta, por um lado, o controle que os governos de então pretendiam exercer sobre a organização esportiva nacional (DRUMMOND, 2003). Isso porque as grandes construções esportivas dessa época assumiam um tríplice papel com relação a esses governos: a) a representação do regime urgente; b) a participação no culto político; c) a formação de um novo homem. Por outro lado, as suntuosas obras expressavam o sucesso que as práticas esportivas, em especial o futebol, tinham obtido no conjunto da população. Parecia, assim, inevitável a necessidade de se pensar na construção de um novo estádio para a cidade; um estádio que fosse compatível com Vitória, que havia crescido e se transformado (Figuras 12 a 17).

A festa de inauguração foi organizada para encantar o povo. Foi um grande ato cívico-político de amplitude estadual, ao envolver o interventor federal, outros políticos e demais autoridades. Mais do que emocionar, a cerimônia pretendeu

mostrar a força do Governador Bley, consubstanciada na própria construção monumental; além de materializar concepções como ordem, coletividade, unidade e beleza.

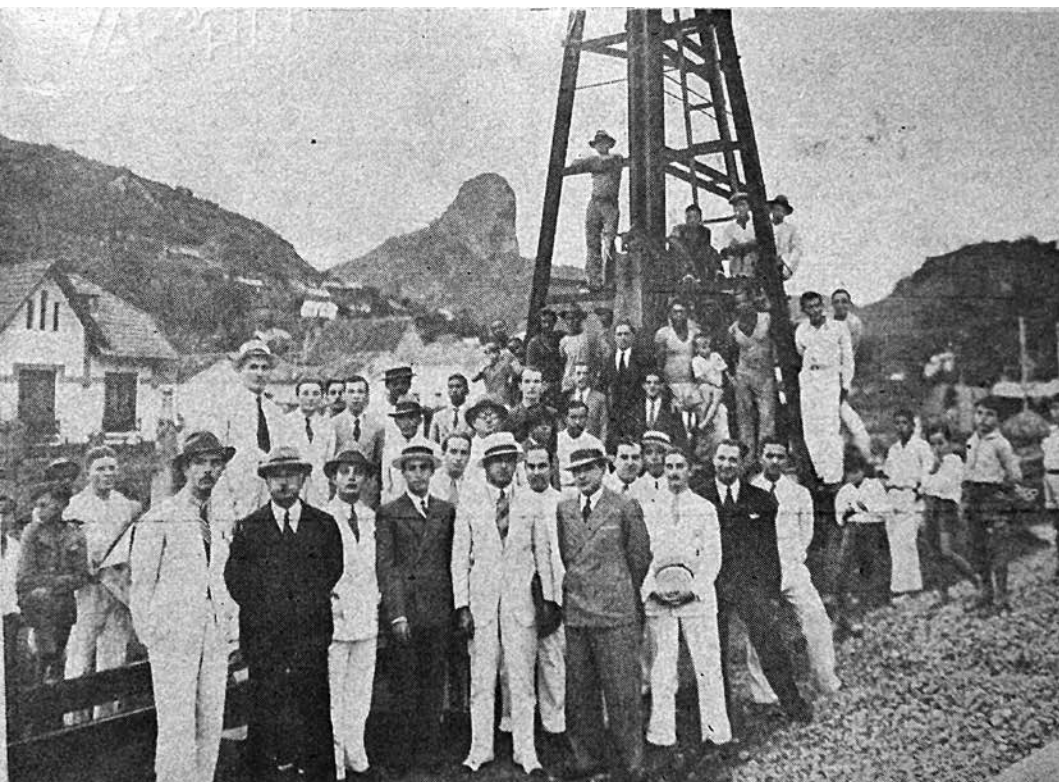


Figura 12 – Última estaca batida para a construção do campo
Fonte: *Vida Capichaba*, n. 392, ago. 1935, s/p.

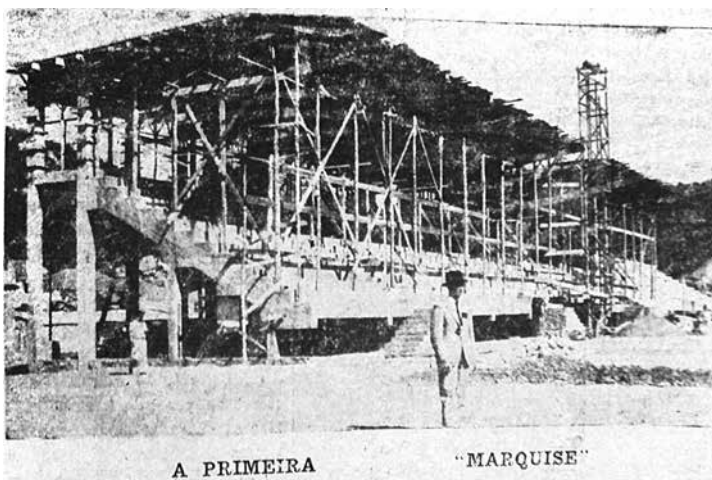


Figura 13 – A primeira marquise em construção
Fonte: *Diário da Manhã*, 31 maio 1936, s/p.

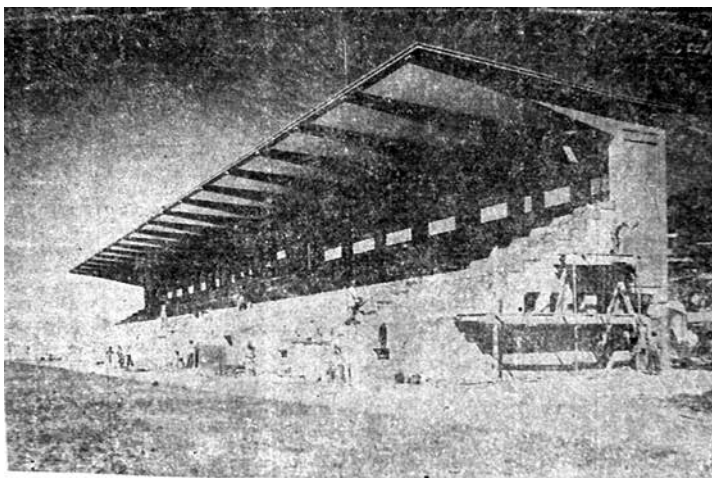


Figura 14 – Vista geral da arquibancada
Fonte: *Diário da Manhã*, 31 maio 1936, s/p.



Figura 15 – Vista geral da inauguração

Fonte: Revista *Chanaan*, n. 412, s/p, jun. 1936.



Figura 16 – Discurso das autoridades no dia da inauguração
Fonte: *Chanaan*, n. 5, maio 1936.

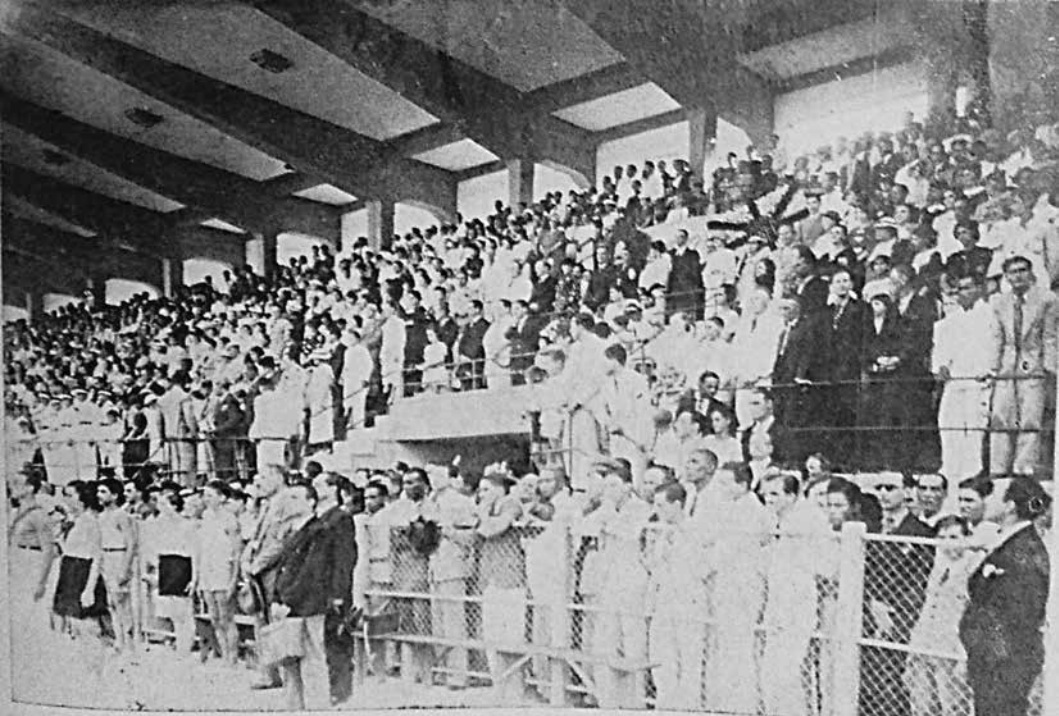


Figura 17 – Multidão que compareceu ao estádio Governador Bley
Fonte: Revista *Vida Capixaba*, Vitória, maio 1936.

Além de mobilizar a sociedade capixaba em torno de sua inauguração, a construção dessa praça de esportes “[...] forçou, como curioso fator social, a expansão de todo um bairro – Jucutuquara” (GOMES FILHO, 2002, p. 67) e, podemos acrescentar, de toda uma cidade, que também se organiza e/ou se modifica em função do esporte. Segundo Melo (2007), referindo-se ao Rio de Janeiro, é fortíssima a relação entre o desenvolvimento de um sistema de transporte público e a popularização dos esportes nas cidades brasileiras. Assim, da mesma forma que a melhoria nos transportes da cidade foi fundamental para o sucesso das atividades dos clubes, as instalações esportivas geraram focos de urbanização ao seu redor, o que criou a necessidade de uma estrutura mais adequada de mobilidade para o conjunto da população. É o que podemos identificar na matéria com o título *Em Benefício da Coletividade*, na qual se noticia que a Companhia Central Brasileira de Força Elétrica

[...] lançou, coincidindo admiravelmente com a inauguração da obra monumental que é o Stadium Governador Bley um esplêndido Bonde [...].

Foi um benefício em prol da colectividade capixaba e compatível com seu progresso actual, pois o veículo em apreço está optimamente lançado; amplo, definitivo, agradável, o bonde novo, como está cognominado, prestou desde a sua recente sahida das officinas da Central Brasileira de Força Electrica, bons serviços ao povo, justamente no dia em que a cidade se movimenta além do habitual, com a concurrencia do publico aos prélios esportivos no bairro de jucutuquara (CHANAAN, 1936, n. 5, maio, p. 8).

A construção do estádio “Governador Bley”, desse modo, representou significativa centralidade simbólica no imaginário social, “obrigando” a cidade a se preparar para o legado decorrente de sua presença na paisagem. É o que podemos notar em matéria publicada no *Diário da Manhã*, às vésperas de sua inauguração, em 1936:

O Espírito Santo vai possuir do dia 30 de maio em diante o terceiro estádio do Brasil. É a exclamação jubilosa que vive no coração dos capixabas, e que revela o nosso orgulho pela brilhante conquista do alvinegro; a fim de comemorar condignamente essa realização tão luminosa, movimentam-se todas as forças espiritosantenses, todos os espíritos comungam o mesmo ideal de fé, o mesmo sentimento de entusiasmo e a mesma alegria radiosa. Os hotéis têm quase todos os seus aposentos reservados telegraficamente (DIÁRIO DA MANHÃ, 1936, 20 maio, p. 3).

Nos dias que antecederam a inauguração do estádio, as matérias, nos jornais e revistas, ganharam maior espaço nas publicações. Em 25 de abril de 1936, no jornal *Diário da Manhã*, menciona-se o estado em que se encontram as obras, bem como se destacam as dimensões máximas do campo e informações sobre as instalações físicas dessa praça de esportes. Segundo consta, a esplêndida área

[...] possui quadras de tênis e bola ao cesto, vestiários, dormitórios, dependências diversas e uma

grande e futurista arquibancada de cimento armado em toda extensão da lateral do campo. E Punaro Bley não vem poupando esforço para que o Brasil veja o seu adiantamento esportivo (DIÁRIO DA MANHÃ, 1936, 25 abr., s/p)

Na matéria “O Stadium Governador Bley”, do jornal *Diário da Manhã*, assinada por Cid Etienne Dessaune, o jornalista nos conta qual foi a impressão que teve ao entrar nas instalações do estádio “Governador Bley”: “[...] obra monumental soberba e majestosa, magníficas instalações internas como externas, imponências das suas linhas architectonicas e sobriedade de todo o edifício, e mais que entusiasmo e extasia o visitante” (DIÁRIO DA MANHÃ, 1936, 1 jun., s/p). A edição do *Diário da Manhã*, de 20 de maio de 1936, a matéria “A inauguração do Stadium Governador Bley será um acontecimento retumbante”, menciona a homenagem que o clube decidiu prestar ao capitão João Punaro Bley, colocando seu nome no estádio, como reconhecimento da ajuda que o seu governo vinha fornecendo ao clube. Em outra matéria da mesma edição, intitulada “Num gesto de requintada nobreza”, João Punaro Bley tenta declinar da homenagem que o *Rio Branco Football Clube* lhe prestou e sugere que o verdadeiro merecedor de tal honra seria o capitão Carlito de Medeiros, conforme reproduzimos a seguir:

O Senhor Exmo. Governador Punaro Bley em officio abaixo, datado de 27 do corrente, procura num gesto de justiça, tão próprio do alto espirito de S. exa. Galardear o esforço do illustrado cap. Carlos Marciano de Medeiros. Sugerindo o nome desse digno militar para substituir o seu na homenagem que lhe será prestada pelo Rio Branco, fazendo patrono do importante stadio que será inaugurado. Esse officio foi respondido pelo Clube ao Punaro Bley. A diretoria do Rio Branco não voltou atrás.

No jornal *Diário da Manhã*, anuncia-se que se voltam as vistas de todos os desportistas de nossa terra e do Brasil para a inauguração do estádio, o “[...] majestoso templo da força audaciosa da raça Espiritosantense” (DIÁRIO DA MANHÃ, 1936, 21 maio, s/p), “[...] erguendo, sob os céos do Brasil, triumphal-

mente, em pugnas memoráveis, as côres gloriosas do esporte capichaba” (DIÁRIO DA MANHÃ, 1936, 31 maio, s/p). Na matéria “O primeiro Stadium Capichaba”, assinada por Gualter W. Oliveira, no jornal *Diário da Manhã*, do 1º de junho de 1936, conclui-se que

[...] a inauguração do stadium vem preencher uma lacuna que se fazia sentir sensivelmente nos meio esportivos da terra de Maria Ortiz. [...] decididamente marca um acontecimento patriótico e desportivo no âmbito dos desportos capichaba e marca o bairro de Jucutuquara onde foi plantada uma semente de uma frondosa arvore. [...] nada mais fará o povo capichaba do que incentivar a outros para novas realizações como a do Rio Branco Foot-ball Club.

Em outra matéria, desta vez publicada na revista *Chanaan* (1936, n. 4, p. 40), mais uma vez fica explícita a relação entre a construção do estádio e os ideais patrióticos, tão evocados durante o Estado Novo:

Para essa realização, tão grandiosa quão necessária, todos os elogios, todas as referencias que se façam ao Rio Branco F. C. serão merecidas. Por que, justo é confessar, a empresa foi difficil, foi ousada, foi grandiosíssima. Só mesmo muita energia, grande devotamento aos interesses colectivos, e perfeita comprehensao da finalidade sportiva da obra, poderia levar um club a carregar nos hombros tão grande responsabilidade [...]. E delle, da sua realidade, podemos tirar positivas conclusões, conclusões estas tão vivas e quanto insophismaveis, que dellas poderemos nos servir, como índice, como incentivo seguro, do quanto póde produzir a collectividade humana, se ella se associa, se ella se irmaniza, se ella se dispõe a um trabalho são e efficiente para conseguir as justas aspirações dos seus congregados, tão bem expressa na velha phrase de velho pensador: - ‘a união faz a força’.

O estádio, além disso, foi concebido para ser um grande palco do cultivo da “cultura physica” da mocidade capixaba,

conforme podemos observar na homenagem prestada pelo clube ao então interventor Punaro Bley:

Na maravilhosa apotheose de hontem, que co-roôu de radioso exito a iniciativa, energica e perseverante, dos que realizaram a bella construcção do monumento esportivo – o estádio Governador Bley – mereceu, com justiça, o preclaro chefe do Executivo espírito-santense que lhe realçassem o nome digno, fazendo-o patrono da obra imperecível, por que o seu apoio e o seu applauso, moral e materialmente, sempre tem estado espontaneos, pressurosos e sinceros ao lado dos que trabalham cooperando no desenvolvimento da cultura physica de nossa mocidade ou erguendo, sob os céos do Brasil, triumphamente, em pugnas memoráveis, as côres gloriosas do esporte capichaba (DIÁRIO DA MANHÃ, 1936, maio, p. 3).

Na matéria “O *Stadium* como índice de civilização”, assinada por Pérsio Nascimento, fica evidente o interesse do Estado em “regenerar” os corpos e incentivar as práticas esportivas na população em favor de uma mocidade mais forte e sadia. Diz a letra da publicação que o Brasil, ainda que com algum atraso, segue o passo de outros países, despertando de um sonho que pouco a pouco vai se transformando na mais promissora realidade, pois já “[...] cuida do aprimoramento de sua raça, reconhecendo no *Stadium* um meio capaz de seleccionar typos e estabilisar padrões”. Cumpre, assim, ao Rio Branco Football Clube,

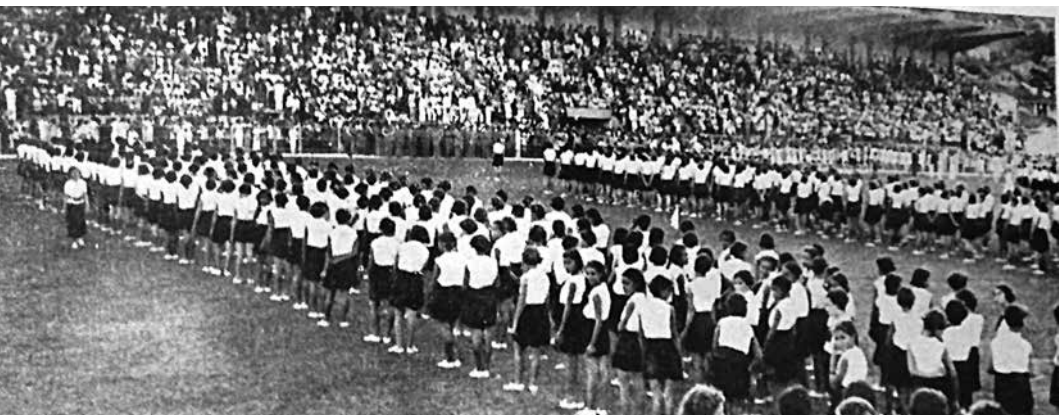
[...] onde se destaca a figura do Capitão Carlos Marciano de Medeiros, outro benemérito para os nossos desportos, uma das maiores exigências actuaes: dotar o solo pátrio de verdadeiro aparelhamento technico para os desportos, trazendo, conseqüentemente, maior animação nas disputas, e, o mais importante, o fortalecimento da raça brasileira (DIÁRIO DA MANHÃ, 1936, 1 jun., s/p). O Stadium Governador Bley, que se inaugura na data de hoje, é, pois, uma conquista da civilização para a civilização. É a cidade do sport. Lá, o

homem capichaba vae temperar os músculos e amoldar um envolucro perfeito para o espirito desenvolvido que já possui (VIDA CAPICHA-BA, 1936, maio, s/p).

O estádio, desse modo, foi pensado pelo Poder Público como um espaço para a melhoria da raça brasileira, por meio da formação física, moral e cívica da juventude. Não surpreende o “Departamento de Cultura Physica” estar sediado em suas instalações. Segundo consta no decreto que cria o “Departamento de Cultura Physica” (Decreto n.º 1.366, de 26 de junho de 1931), “[...] a existência de um aparelho administrativo encarregado de promover e dirigir a educação physica [...] lhe dará certamente maior amplitude e eficiencia, afim de que possa corresponder à aspiração colletiva relativamente ao preparo de homens fortes e sadios” (ESPÍRITO SANTO, 1931). O primeiro diretor do Departamento foi o Capitão Carlito de Medeiros, então presidente do *Rio Branco Football Clube*. Coube ao órgão que dirigia a responsabilidade de organizar a “Demonstração de Educação Physica” que aconteceu no dia de inauguração do estádio (Figuras 18 e 19). O evento foi um grande ato cívico-político de amplitude estadual, ao envolver o interventor federal, outros políticos e demais autoridades. A cerimônia pretendeu mostrar a força do “Governador Bley”, consubstanciada na própria construção monumental, além de materializar concepções como ordem, coletividade, unidade e beleza.

Figura 18 – Demonstração de Educação Physica na inauguração do estádio

Fonte: *Chanaan*, n. 16, jul. 1936.



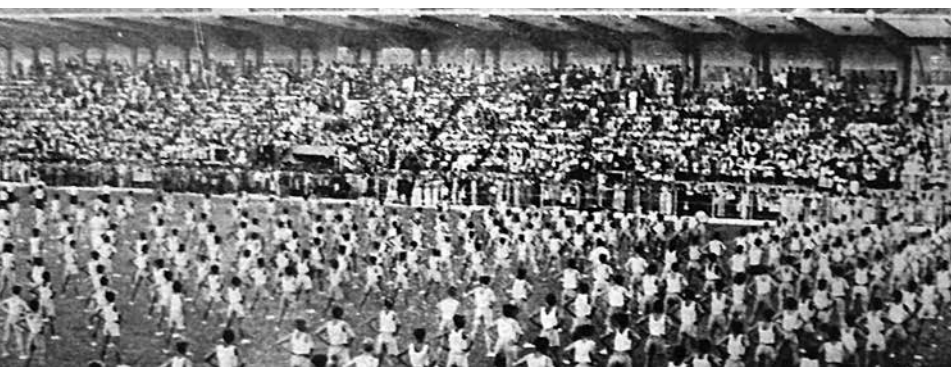


Figura 19 – Demonstração de Educação Physica na inauguração do estádio
Fonte: *Chanaan*, n. 16, julho 1936.

Nos anos seguintes à sua inauguração, o estádio “Governador Bley” transformou-se, no Espírito Santo, no palco principal das comemorações das datas cívicas de nosso País. Segundo Drumond (2003), os esportes e as festas públicas funcionavam como a teatralização de uma imagem de Nação feliz e longeva. Nessas “Demonstrações de Educação Physica”, os ideais de patriotismo, raça e sacrifício foram potencializados e ressignificados, constituindo, assim, momentos marcantes na educação de crianças e jovens (CUNHA; MAZO, 2011). Isso é o que podemos ver na matéria publicada na revista *Vida Capichaba*, ao referir-se ao Estadio Governador Bley como o local em que “[...] se patenteou o progresso da educação physica no Espirito Santo, onde a raça se apura e aperfeicôa, para a gloria da Terra e grandeza da Pátria” (VIDA CAPICHABA, Vitória, maio, 1936, s/p). Em outra das edições da mesma revista, publica-se um texto que fazia referência à “Demonstração de Educação Physica” realizada durante as comemorações de 7 de setembro de 1940. Assim dizia o texto:

Preparadas para a vida, que exige fortaleza de raça, alma sadia em corpo forte, são as brasileiras de amanhã que já constituem um grande orgulho da pátria. Assim o Brasil do futuro terá os seus filhos cada vez mais aptos á sua defeza, tanto mais quanto é elle uma das mais ricas nações do mundo e,

justamente por isso, necessita de que o seu povo, pela inteligência e vigor da raça, esteja sempre pronto ás incertezas do amanhã (VIDA CAPI-CHABA, Vitória, out. 1940, s/p).

Ao controlar as pulsões de seus praticantes, fomentando o comportamento civilizado entre os capixabas, os esportes teriam o poder de ajudar na criação de uma sociedade na qual os homens fossem educados pelos exercícios físicos, capazes de aliar o ensinamento do senso de coletividade ao de disciplina na consolidação física, moral e intelectual da almejada raça brasileira.

Considerações finais

As fontes acessadas evidenciam a relação entre as práticas atreladas ao ócio, ao lazer e ao esporte e à paisagem urbana de Vitória, na medida em que o advento e a proliferação dessas práticas implicaram a reestruturação do espaço geográfico da Capital, redefinindo os usos do seu espaço ou mesmo intervindo em sua forma por meio da introdução de novos objetos na paisagem.

Tomamos, como ponto de partida de nossas análises, a construção do Novo Arrabalde, ainda no governo de Muniz Freire (1892-1896). Argumentamos que o projeto conduzido por Saturnino de Brito, além de importante para a ocupação de uma área até então inabitável, construiu avenidas e estradas que conduziam à área praiana, o que favoreceu a popularização dos banhos de mar. Seu projeto incluía, ainda, a construção de jardins e áreas de passeios destinados ao ócio e ao lazer da população, mesmo que esses, à época, tivessem um caráter mais contemplativo. Não foi possível verificar uma preocupação, entre os signatários do projeto, no sentido de transformar terrenos baldios ou espaços ociosos em áreas destinadas à prática do esporte propriamente dito. E isso porque o esporte ainda não era uma experiência social em voga na Capital, antes da virada para o século XX. O Novo Arrabalde, em realidade, apenas refletia o (não)lugar ocupado, em Vitória, pelas práti-

cas esportivas na transição do século XIX para o século XX. A cidade não possuía esses espaços e, conseqüentemente, as construções adequadas para essas práticas.

A análise das fontes catalogadas nos permitiu perceber que, se comparada com outras cidades que aqui exerciam suas influências, como São Paulo, mas, principalmente, Rio de Janeiro, Vitória levou um pouco mais de tempo para responder aos apelos dos desenvolvimentos dos esportes. O movimento nessa direção tornou-se intenso, entre nós, somente nos primeiros anos do século XX, inicialmente com a criação de dois clubes particulares: o Álvares Cabral e o Saldanha da Gama, que provocaram importantes modificações na geografia da cidade. Essas alterações na paisagem urbana se intensificaram ainda mais nos anos seguintes, com o surgimento dos clubes de futebol e de outras modalidades, como o tênis, a natação, o *water-polo* e o basquete.

Centramos nossa atenção, neste capítulo, nos dois principais clubes de remo e nos dois mais populares times de futebol da Capital: o Vitória e, principalmente, o Rio Branco, clube em torno do qual se concentraram os esforços no sentido de construir as duas primeiras praças de esporte na Capital: o Estádio de Zinco e o Governador Bley.

A construção dessas praças de esportes expressa a importância que o esporte passou a ter para os capixabas em algumas décadas (1896-1940), desde a elaboração do projeto do Novo Arrabalde, com seus jardins e áreas de passeio para contemplação e ócio, até a construção do que seria o terceiro maior estádio do País àquela época: o Governador Bley. De modo semelhante ao que observou Negreiros (1997), referindo-se à construção, em 1938, do Estádio do Pacaembu, é surpreendente que o mesmo Poder Público que, anos antes, mal tinha clareza de qual deveria ser a sua relação com as atividades ligadas ao ócio, ao lazer e aos esportes, passasse, poucas décadas depois, a defender a necessidade da construção de um estádio esportivo, proporcional ao tamanho da cidade e ao grau de

importância que os esportes já haviam adquirido em Vitória. A construção do Estádio Governador Bley, assim, é o principal termômetro para caracterizar a febre esportiva (MASCARENHAS, 1999) que assolou os capixabas nas décadas iniciais do século XX, em especial a partir dos anos 1920. Sua inauguração, desse modo, coroa um processo em que a cidade de Vitória foi se modificando para atender cada vez mais às novas experiências sociais decorrentes do propósito de se tornar uma cidade moderna.

Em nossa descrição, e amparados nos estudos históricos sobre o esporte em outras localidades do País, pudemos perceber as especificidades assumidas pelo desenvolvimento da prática esportiva em Vitória. Por exemplo, o fato de o início da organização do esporte entre os capixabas estar vinculado ao desenvolvimento do remo (e não do turfe) e a relativa demora na introdução do futebol na cidade, o que aconteceu somente a partir dos anos de 1910. Apesar dessas particularidades, foi possível identificar também semelhanças em relação ao que ocorreu em outras Capitais. Conferimos destaque a dois elementos: a) a relação entre os dirigentes esportivos e os governantes locais; b) o investimento público, sobretudo do interventor João Punaro Bley, na construção de monumentos esportivos. Os clubes capixabas e os políticos locais reagiram aos apelos para o desenvolvimento do esporte no Brasil, em especial durante o Estado Novo. Demonstramos como esses apelos se materializaram no caso do estádio “Governador Bley”, cuja construção nos evidenciou:

1. A capacidade da prática esportiva em produzir novas formas espaciais, alterando a paisagem do território e, desse modo, redefinindo os usos do espaço urbano. A existência desse monumento esportivo, por sua vez, foi acompanhada de outros investimentos em setores igualmente importantes para a remodelização de Vitória, sua modernização. Por exemplo, podemos mencionar a abertura de estradas que levavam aos locais de jogos ou, então, a criação e/ou deslocamentos de linhas de bonde com a

finalidade de conduzir o grande público às competições (fenômeno semelhante observou-se no Rio de Janeiro, São Paulo e em outras localidades, corroborando a tese de que os esportes são capazes de produzir, nas cidades, substanciais alterações geográfico-espaciais). Movimentou, além disso, o comércio da região em torno de sua prática e incentivou a expansão de todo um bairro (Jucutuquara). O estádio “Governador Bley”, assim, pode ser tomado como uma “paisagem-marca” (BERQUE, 1998), resultante que foi do advento de valores e práticas socioculturais que se materializam num dado momento de um lugar. Nesse sentido, configurou-se como um patrimônio histórico-cultural, mas também pode ser concebido como uma “paisagem-matriz”, pois participou ativamente da vida cotidiana, no plano simbólico e no plano da ação.

2. Por um lado, seu emprego como símbolo cultural para demonstrar ao Brasil o estágio avançado em que se encontrava o esporte no Espírito Santo e, em particular, na cidade de Vitória; por outro lado, o estádio não foi somente um monumento para a realização de jogos, mas também um ambiente da divulgação dos novos ideais em voga no Brasil e no Espírito Santo, na década de 1930. Dessa forma, favoreceu a construção de uma identificação cultural, por meio da intensa participação nas comemorações cívicas e da realização expressiva de competições esportivas. Tanto os desfiles (as “Demonstrações de Educação Physica”), quanto as competições que lá aconteciam devem ser compreendidos como práticas culturais simbólicas, que impuseram crenças comuns à população ao traçarem imagens fundadoras da nacionalidade. Sua construção representou a importância que a prática do exercício físico (ou a “cultura physica”) adquiriu com vistas à transformação do brasileiro em um novo homem (regenerado física, moral e intelectualmente). Afinal, Vitória, à semelhança do que acontecia nas principais cidades do País, não podia ficar alheia à “reforma” das mentes

e dos corpos pretendida pelo regime político que ditava os rumos da Nação naquele momento.

Pelo exposto neste capítulo, podemos concluir que o movimento que difundiu as práticas de ócio, lazer e esportes em Vitória apresentou dois fatores diretamente relacionados com os espaços públicos: por um lado, a criação de espaços e/ou a introdução de objetos na paisagem com vistas a reunir o público em torno do espetáculo esportivo; por outro, o incentivo às atividades ao ar livre (nas praias, nos jardins, nas praças e nos “passeios”), tendo o sol e a oxigenação como ingredientes de uma vida saudável.

Referências

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elemento da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, R.; ROSENDAHL, Z (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

BRASIL. Decreto-lei n.º 4969, de 20 de junho de 1934. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Vitória, 24 jun. 1934.

BRITO, F. S. R. **Projeto de um Novo Arrabalde**: relatório apresentado ao presidente do Estado. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1896. Disponível em: < <http://www.ape.es.gov.br> >. Acesso em: 30 jul. 2010.

CHANAAN, **Stadium**, Vitória, n. 4, 1936, s/p.

_____. **Em benefício da coletividade**, Vitória, n. 5, maio 1936, p. 8.

_____. **Auxílio aos esportes**, Vitória, n. 16, jul. 1937, s/p.

CUNHA, M. L. O.; MAZO, J. P. As demonstrações de educação física no Parque Farroupilha em Porto Alegre: décadas de 1930 a 1940. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-13, jan./abr. 2011.

DEMONSTRAÇÃO de Educação Phisica no dia da Pátria. **Vida Capichaba**, Vitória, out. 1940, s/p.

DERENZI, L. S. **Biografia de uma ilha**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1965.

DIÁRIO DA MANHÃ. **Planta do esplêndido campo de Sport**, Vitória, 28 set. 1915, s/p.

_____. **O início do foot-ball entre nós**, Vitória, 3 out. 1926, s/p.

_____. **Rio Branco F. C.**, Vitória, 25 abr. 1936, s/p.

_____. **A inauguração do Stadium Governador Bley será um acontecimento retumbante**, Vitória, 20 maio 1936, s/p.

_____. **A inauguração do Stadium “Governador Bley**, Vitória, 21 maio 1936, s/p.

_____. **A 12 anos...**, Vitória, 31 maio 1936, s/p.

_____. **O Stadium Governador Bley**, Vitória, 1 jun. 1936, s/p.

DRUMOND, M. **Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2003.

_____. **Pátrias em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas e Perón**. In: MELO, V. M. (Org.). **História comparada do esporte**. Rio de Janeiro: Editora Shape, 2007. p. 61-75.

ESPÍRITO-SANTO. Decreto-lei n.º 1.366, de 26 de junho de 1931. Crêa o Departamento de Cultura Physica do Estado. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Vitória, 27 jun. 1931.

GOMES FILHO, O. Rio Branco Atlético Clube: história e conquistas. Vitória: Oficinas da Imprensa Oficial do Estado do Espírito Santo, 2002.

LIMA JÚNIOR, C. B.; SOARES, S. C.; BONICENHA, W. **Baía de Vitória: aspectos históricos e culturais.** Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida, Universidade Federal do Espírito Santo, 1994.

LUCENA, R. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro.** São Paulo: Autores Associados, 2001.

MALHANO, C. S. E. M. B.; MALHANO, H. B. **São Januário: arquitetura e história.** Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2002.

MARQUES, B. Vitória (ES) 100 anos: meninos de 'sangue azul' criam futebol capixaba. Globoesporte.com, Vitória, 1 out. 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/es/noticia/2012/10/vitoria-es-100-anos-meninos-de-sangue-azul-criam-futebol-capixaba.html>>. Acesso em: 3 out. 2012.

MASCARENHAS, G. M. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 17-39, 1999.

MELO, V. A. **Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

_____. Remo, modernidade e Pereira Passos: primórdios de uma política pública de esporte e lazer. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 1-22, 2006.

_____. **História comparada do esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 2007a.

_____. **Dicionário do esporte no Brasil**. Campinas: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, 2007b.

_____. **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010.

NEGREIROS, P. J. L. **O estádio do Pacaembu**. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 5., 1997, Ijuí. **Coletânea ...** Ijuí: Unijuí, 1997. p. 31-44.

_____. Futebol nos anos 1930 e 1940: construído a identidade Nacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba: Editora UFPR, n. 39, p 121-1151, 2003.

O CLUB “SALDANHA DA GAMA” E SUA NOVA SEDE. **Vida Capichaba**, Vitória, n. 251, s/p, nov. 1930.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania: uma história social do futebol (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PRADO, M. M. A modernidade e o seu retrato: imagens e representações das transformações da paisagem urbana de Vitória (ES) - 1890-1950. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, v. 3, p. 87-102, 2004.

SEM AUTORIA. A história do Álvares Cabral. **O Cabralista**, Vitória, edição especial, p. 5-6 1982.

SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, N. (Org.). **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 513-619.

SILVA, A. J. S. Os estádios do Rio Branco. **Revista IHGES**,

Vitória, n. 64, p. 159-182, 2010.

VASCONCELLOS, J. G. et. al. **Vitória**: trajetória de uma cidade. Vitória: IHGES, 1993.

VIDA CAPICHABA. Vitória, n. 332, 15 jan. 1933, s/p.

VIDA CAPICHABA, Vitória, maio, 1936, s/p.

VIDA CAPICHABA, Vitória, n. 251, nov. 1930, s/p.

Relatórios

BRASIL, O. I. **Relatório do prefeito**. Vitória, 1928.

MÜLLER, P. **Relatório do prefeito**. Vitória, 1936.

NOVAES, H. **Relatório do prefeito**. Vitória, 1918.

SARLO, A. **Relatório do prefeito**. Vitória, 1935.

SOARES, A. M. **Relatório do prefeito**. Vitória, 1933.

Figuras

Figura 10 – Quadra de bola ao cesto com piscina de *water-polo*. Fonte: **Revista Chanaan**, Vitória, n. 17, s/p, ago. 1937.

Figura 11 – Clube Saldanha da Gama antes do aterro (1935). **Revista Chanaan**, Vitória, n. 17, ago. 1937.

Figura 12 – Última estaca batida para construção do campo. Fonte: **Revista Vida Capichaba**, n. 392, s/p, 15 ago. 1935.

Figura 13 – A primeira marquise em construção. Fonte: **Diário da Manhã**, 31 de maio 1936, s/p.

Figura 14 – Vista geral da arquibancada. Fonte: **Diário da Manhã**, 31 de maio 1936, s/p.

Figura 15 – Vista geral da inauguração. Fonte: **Revista Cha-**

naan, n. 412, s/p, jun. 1936.

Figura 16 – Discurso das autoridades no dia da inauguração.
Fonte: Revista Chanaan, n. 5, maio, 1936.

Figura 17 – Multidão que compareceu ao estádio Governador Bley. Fonte: **Revista Vida Capichaba**, Vitória, maio 1936.

Figura 18 – Demonstração de Educação Physica na inauguração do estádio. **Revista Chanaan**, n. 16, jul. 1936.

Figura 19 – Demonstração de Educação Physica na inauguração do estádio. **Revista Chanaan**, n. 16, jul. 1936.



ESPORTE E NACIONALISMO EM VITÓRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO JORNAL (1939-1945)

Felipe Quintão de Almeida • Ivan Marcelo Gomes
Thacia Ramos Varnier

Introdução

Apesar de a literatura registrar investigações que tratam da relação entre o esporte e a Nação no início do século XX (MACEDO, 2008; DRUMOND, 2008; NEGREIROS, 1998; FRANZINI, 2003), pouco sabemos sobre a materialização desse laço em Vitória, Capital do Espírito Santo. Este capítulo visa a cobrir, parcialmente, essa lacuna, ao estudar sua manifestação nas páginas do jornal “A Tribuna”, publicação diária fundada em 22 de setembro de 1938 (e ainda hoje em circulação no Estado).

Sobre a periodização da pesquisa, damos visibilidade, neste capítulo, às reportagens publicadas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), pois, neste período, exacerbou-se o vínculo do esporte com a Nação e, claro, o próprio discurso de caráter nacionalista recrudesce. São escassas as análises que tenham enfatizado a construção do discurso nacionalista, por meio do esporte, durante a vigência da Segunda Guerra Mundial. É desconhecida, além disso, a história do esporte, em Vitória, nesses anos. Não sabemos, por exemplo, que reações produziu, no campo esportivo da Capital, a entrada do País na

Guerra. Em relação ao conteúdo analisado, debruçamo-nos sobre as matérias diretamente relacionadas com o esporte, todas elas reunidas na página intitulada “Todos os Esportes”, pois é nela em se relatam os principais acontecimentos esportivos da Capital e do interior do Estado. A página estava organizada em colunas, sendo a principal delas “Comentário Esportivo”. Diante do material coletado, utilizamos, para a interpretação, a abordagem da análise de conteúdo de Bardin (1977).

O capítulo está organizado em dois tópicos (em que se procura dar visibilidade ao objetivo anunciado), seguido das considerações finais.

O ideário nacionalista no esporte capixaba: “A Tribuna” em perspectiva

O Brasil tudo espera da juventude enquadrada perfeitamente nas aspirações do Estado Novo. Guardando as aspirações do passado continuando a ordem e o progresso atual, é para a grandeza do futuro que volta as suas vistas, as novas gerações terão papel decisivo a desempenhar, pois o muito que já somos é ainda bem pouco diante do que poderemos ser com as nossas imensas possibilidades (A TRIBUNA, 6 set. 1942, s/p).³³

De acordo com Negreiros (1998), na transição dos anos 1920 para os 1930, nacionalismo e autoritarismo constituíam-se em eixos fundamentais da prática política e da obra de vários intelectuais brasileiros. Para eles, a República, até então, não havia sido capaz de forjar uma “verdadeira” Nação, já que, entre outros motivos, os particularismos regionais ainda eram dominantes. Assim, para os setores que exerciam o domínio político no País, uma tarefa urgente se impunha: construir a Nação brasileira. Com a instauração do Estado Novo (1937-1945), esse objetivo foi alteado à prioridade. Nesse contexto, o esporte se apresentou como um dos pilares necessários à construção de um sentimento

33

Trecho do discurso de Getúlio Vargas.

de identidade nacional. Foi por meio desse potencial, desencadeado, sobretudo, pelo futebol (FRANZINI, 2003; NEGREIROS, 1998), que categorias até então bastante abstratas, como a noção de Povo ou Nação, foram experimentadas como visíveis, concretas e determinadas. Essa é uma tese bastante recorrente e conhecida no âmbito dos estudos historiográficos do esporte. Vários pesquisadores (FRANZINI, 2003; NEGREIROS, 1998, 2003; DRUMOND, 2008; GOELLNER, 2008; MACEDO, 2008) sobre ela já se debruçaram; gostaríamos de interpretá-la recorrendo ao sociólogo Zygmunt Bauman, para, na sequência, verificar como o discurso nacionalista, e sua divulgação por meio do esporte, se materializou na Capital do Espírito Santo.

A compreensão dos vínculos entre nacionalismo e esporte, a partir da interpretação de Bauman, pressupõe uma compreensão de sua leitura e crítica da modernidade. Em inúmeros livros, o autor tem defendido a tese de que a modernidade correspondeu a um tipo de organização social que fez da “ordem como tarefa” sua forma precípua de operação. Foi, portanto, na luta contra a ambivalência, a desordem ou o caos que a modernidade se constituiu. Em suas palavras, a ordem, “[...] concebida como um projeto, determina o que é um instrumento, o que é matéria-prima, o que é inútil, o que é irrelevante, o que é perigoso, o que é uma erva daninha e o que é uma praga. Classifica todos os elementos do universo pela relação que têm com ela” (BAUMAN, 1998, p. 115). Bauman (2001), desde a publicação de “Modernidade líquida”, tem adjetivado essa modernidade de “sólida”. A modernidade sólida, obcecada pela ordem, promovia o derretimento dos sólidos (por exemplo, das tradições, dos laços comunitários, religiosos etc.) na perspectiva de instalar uma nova ordem (um novo sólido!), mais duradoura, confiável e verdadeira, em seu lugar. Nesse contexto, o esforço de ordem pretendia limpar a área “[...] para novos e aperfeiçoados sólidos; para substituir o conjunto herdado de sólidos deficientes e defeituosos por outro conjunto, aperfeiçoado e preferivelmente perfeito, e por isso não mais alterável” (BAUMAN, 2001, p. 9).

Os laços da ordem como tarefa e a modernidade sólida ficam mais evidentes quando observamos a análise que o autor

faz do Estado nacional. Segundo sua interpretação, a Nação era a outra face do Estado e a arma principal em sua luta pela soberania sobre o território e sua população. Nesse contexto, o nacionalismo foi uma “religião da amizade” e o Estado nacional uma igreja que “força o rebanho” a praticar o culto. O nacionalismo “[...] foi um programa de engenharia social e o Estado nacional deveria ser sua fábrica” (BAUMAN, 1999, p. 74). Em relação ao casamento do Estado com a Nação, Bauman explicou seu funcionamento recorrendo à metáfora da jardinagem. O Estado-Nação moderno funcionaria à imagem e semelhança de um jardineiro, daí cunhar a expressão “Estado jardineiro” (BAUMAN, 1998, 1999, 2010) para caracterizá-lo. Em todo projeto de jardim, diz ele, o jardineiro tem uma prévia visão do que pretende construir. Nesse programa, nem todas as plantas ou “culturas silvestres” são desejadas, de modo que precisam ser eliminadas. Em outras palavras, há ervas daninhas que precisam dar lugar a plantas previamente selecionadas e que, doravante, serão cuidadosamente regadas, assistidas e adubadas. O trabalho do jardineiro, portanto, pressupõe os atos de incluir/excluir, cortar/regar, limitar/expandir. Cabe ao jardineiro, assim, fazer viver ou providenciar a morte de algumas “culturas silvestres”.

Considerando, então, essa interpretação do Estado-Nação a partir da metáfora da jardinagem, como situar o discurso nacionalista por meio do esporte?

Regularização, normatização e planejamento racional são elementos que se coadunam com a busca da ordem como tarefa. Por isso, como veremos, o Estado jardineiro, também no Brasil, foi divulgador e patrocinador de um sentido (legítimo, verdadeiro) para as práticas corporais ou exercícios físicos, como no caso do esporte. Em Vitória, seguindo uma tendência nacional, o estreitamento do vínculo entre esporte, Nação e “estratégias de jardinagem” teve um grande impulso no Estado Novo. O potencial (político) do esporte na tarefa de reinvenção da identidade nacional (e a consequente construção de uma “cultura de jardim”, devidamente planejada) foi um dos principais argumentos arrolados para justificar os interesses

do Estado nessa área (GOELLNER, 2008). Essa justificativa, acompanhada da necessidade de se aperfeiçoar a raça brasileira (um novo jardim merece novas espécies de plantas, regeneradas, cultivadas), esteve muito presente nas reportagens de “A Tribuna”. Uma síntese desses ideais pode ser conferida na matéria a seguir, em que o colunista Jair Etienne Dessaune relata a contribuição dos clubes náuticos para o engrandecimento do País e para a melhoria da raça:

[...] Para que servem os clubes nauticos? Para a formação de atletas nauticos. Para a formação de homens que nadem e remem bem, aperfeiçoando o fisico e a raça. Para a perfeição da raça brasileira? Para a grandeza do Brasil. E qual será o supremo fim que colima o chefe de Estado, o Presidente do Brasil, senão a grandesa nacional? Ora, si assim é, não podemos duvidar tambem que dentre desses principios salutaes se enquadra a necessidade de se formar uma mentalidade superior, e nunca uma mentalidade inferior, mercenaria venal, na qual possa ter confiança. Fazer esporte por interesse, não é para todos. É para meia duzia. E esporte para meia duzia, não interessa a Nação, porque o esporte é pela Patria. Se o esporte é pela Patria, precisamos fazer esporte criando no espirito moço, o despreendimento, a coragem, o civismo, o entusiasmo sadio que conduz o homem á luta pelo seu clube, na conquista ideal, e nunca na conquista da remuneração, porque remuneração atinge, e o ideal é sagrado e inatingível. Os homens que se educarem dentro do principio do devotamento de seus clubes, aqueles que fizerem esportes nauticos pela beleza justa, pela grandeza de suas côres sociais, serão aqueles mesmos homens que no momento periclitante da nacionalidade, saberão, com maior despreendimento, com maior coragem, com maior civismo, empunhar o ideal sagrado da Patria, e conduzi-lo á Gloria, porque eles já se acostumaram a ser despreendidos, já souberam ser heróis de justas desportivas, e serão mais facilmente heróis das lutas pela Patria, porque arrebatados de maior ardor, de mais coragem, de maior devotamento. É porque compreendeu bem o valor da formação espiritual da mocidade dentro dos clubes nauticos [...]. Procuremos, pois, formar uma

mentalidade esportiva superior, para a grandesa de nosso grande Brasil (O ESPORTE E O GOVERNO, 2 ago. 1941, s/p).

Como é possível perceber na citação acima, não bastava a intervenção no físico com vistas à melhoria da raça; era preciso “energizar o caráter” (LINHALES, 2009), operando, assim, na “mentalidade”, no “espírito”, quer dizer, na formação de uma nova moralidade, mas afinada à “causa” nacional. Essa é, também, a mensagem da reportagem do dia 23 de outubro de 1941, em que se comenta a viagem do selecionado de futebol capixaba para disputar, contra o time do Bahia, uma partida pelo campeonato brasileiro de seleções. Assim, mesmo em uma “simples” partida de futebol, o argumento que vincula a prática do esporte à grandeza nacional está presente:

Depois de grandes sacrifícios, quer da parte dos dirigentes e dirigidos, a embaixada futebolística segue com espírito voltado para a sua terra natal, disposta a tudo empregar em defesa das suas já gloriosas côres. Tudo foi empregado, esforços inauditos foram despendidos, despesas vultuosas foram feitas, visando unicamente, o maior incremento das relações esportivas entre todos os brasileiros, no afan de auxiliar, patrioticamente, os desejos do nosso grande Presidente Getúlio Vargas. O Chefe da Nação, com o alto espírito nacionalista e com a visão indiscutível de que é possuído, vê que o esporte é um dos grandes meios de conagração entre todos os que tiveram a ventura de nascer em terras deste País bendito. Portanto, todas as energias que foram dispensadas em prol desse movimento indestrutível, são verdadeiramente minúsculos tomando-se em conta o tamanho grandioso dessa obra [...]. Dedicuem todas as energias e, podem estar convictos, de que o Espírito Santo os receberá de volta, vencedores ou vencidos, de braços abertos, pois, souberam cumprir o dever que lhes foi imposto (COMENTÁRIO ESPORTIVO, 23 out. 1941, s/p).

O Estado jardineiro de Getúlio Vargas não poupou esforços para colocar em “ordem” o esporte no País. Na matéria

do dia 29 de abril de 1941, o clamor em favor do caráter patriótico do esporte foi destaque devido à publicação do Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que estabelecia as bases de organização do desporto no País. Segundo a reportagem, a regulamentação do esporte teria vindo em boa hora, sobretudo porque

[...] o ambiente esportivo no Brasil estava se tornando uma escola de desagregação social e dissolução moral, ante as constantes intrigas e soezes, do que um templo de ‘desenvolvimento corporal, de aquisição de hábitos higienicos, de formação do caráter e de adaptação social’. Quando o desporto – como bem acentuou o dr. Luiz Aranha – ‘deve ser não só uma escola de cultura física mas, sobretudo, uma escola de civismo. Desde meninos os atletas devem aprender a defender com orgulho e ardôr as côres de sua bandeira e esse sentimento vai se aprimorando até que aprendam a empregar-los na defesa da sua propria Patria, quer colaborando pelo trabalho, quer empregando-se na defesa de sua Patria nas horas tragicas de lutas’ [...]. O esporte brasileiro, agora, pôde-se dizer, corresponderá aos desejos de nacionalidade e tudo se operará em torno deste ideal: uma verdadeira formação do caráter da juventude a par de uma educação completa – física, moral e cívica (COMENTÁRIO ESPORTIVO, 29 abr. 1941, s/p.)

Esses “desejos da nacionalidade”, proporcionados pela prática dos esportes, justificavam os investimentos que o Governo Federal empregava no desenvolvimento do esporte em Vitória. Para expressar essa tônica, reproduzimos uma passagem na qual se noticia o auxílio que o Presidente Vargas concedeu ao Clube de Regatas Náutico Brasil:

O Sr. Presidente da Republica deferiu ontem um requerimento do clube Nautico do Espirito Santo, que solicita auxilio do Governo. [...] O Nautico Brasil havia alcançado suas pretensões junto aos poderes publicos federais. O senhor Getúlio Vargas, o chefe que tanto estimamos, não se negara a prestar o auxilio solicitado pelo veterano clube

capichaba. Mais uma prova de como o insigne idealizador, do Grande Estado Nacional encara com interesse o problema dos esportes no Brasil, partilhando benefícios ás instituições que verdadeiramente merecem o amparo dos poderes públicos [...]. Resta, agora, que o Nautico saiba retribuir á notável contribuição com que acaba de ser agraciado. O novo barco, por certo, servirá de incentivo para que se multipliquem em esforços os componentes da falange rubro-negra. Trabalhar por um clube que produz grandes atletas - é trabalhar pela Pátria; pois o Brasil, - hoje, mais do que nunca, - está necessitando de homens fortes (TODOS OS ESPORTES, 13 jan. 1943, s/p).

Em reportagem publicada no dia 3 de junho de 1942, “A Tribuna” destaca a homenagem que todos os clubes de remo do Rio de Janeiro prestaram ao Presidente Vargas, concedendo-lhe o título de “comodoro de honra” como retribuição pelo aforamento dos terrenos de marinha, liberando os clubes das taxas “[...] de foro e de ocupação e, ainda, com direito á indenização e á substituição dos terrenos que ocupam na hipótese de precisar o Governo aproveitá-los” (A TRIBUNA, 3 jun. 1942, s/p). A matéria inicia seu argumento justificando esse decreto ao conjunto de medidas tomadas pelo chefe da Nação com vistas a cuidar, defender e melhorar as condições de eugenia do povo, “[...] de modo a assegurar a todos os brasileiros um aspecto robusto, garantidor de uma capacidade de produção do mais alto valor econômico” (A TRIBUNA, 3 jun.1942, s/p.).

O corpo, nesse contexto, é funcional, máquina, objeto do domínio da natureza, que pode ser aperfeiçoado, melhorado, fortalecido em sua robustez, em sua capacidade física. O corpo visado é o corpo produtivo, eficiente, disciplinado e moldado para o trabalho. Atuar sobre o corpo produtivo pressupunha, também, influenciar a vontade, o vigor, combater a preguiça e outros comportamentos indesejáveis socialmente. A moral predominante, nessa direção, foi a ascética, portanto, uma moral coerente com a ética do trabalho, típica da modernidade sólida. As ervas daninhas a serem eliminadas ou transformadas em “culturas de jardim” (BAUMAN, 2010) eram representadas, por exemplo,

por aqueles indivíduos indispostos a viver sob a tutela do Estado ou, então, inaptos para o trabalho e sua vida ascética (incapazes, assim, de “uma capacidade de produção do mais alto valor econômico”). Em vez do “Jeca Tatu”, preguiçoso e doente,³⁴ o “jardim” projetado precisava de homens fortes para fazer a Nação forte (BERCITO, 1991). Fortalecer o corpo individual era o mesmo que fortalecer a Nação. Essa atitude individual era uma crença de que assim algo maior sobreviveria longamente. Acima de um corpo saudável, estaria uma Nação saudável (BAUMAN, 2000). Seja pela ótica do trabalho, seja pela do lazer, o trabalho corporal (no esporte, por exemplo) é reconhecido como essencial ao desenvolvimento da Nação porque é capaz de mobilizar, simultaneamente, duas energias: a do corpo individual e a do corpo social.

Em se tratando de energizar o caráter e fortalecer a raça, há indícios, em “A Tribuna”, de que é a experiência alemã (sua “cultura de jardim”) o modelo a ser adotado pelos capixabas. A matéria a seguir ilustra bem essa possibilidade:

O exercício físico e a ginástica vêm sendo, na Alemanha de Hitler, um dos problemas que mais têm contribuído para a defesa da raça. O povo alemão tem consciência de que a cultura física faz parte integrante da higiene e é, por si só tão indispensável ao organismo humano como os alimentos e o descanso. Sua posição privilegiada na Europa Central, como potência líder, há vários anos, demonstra que a prática dos exercícios físicos e da ginástica, prática essa intensificada juntamente com a campanha de seleção e pureza da raça ariana, forneceu aos dirigentes do terceiro Reich os elementos vitais para uma resistência surpreendente [...]. Homens e mulheres, elementos de força e ação da unidade germânica destes dias terríveis que correm, aí estão para exemplo de outros povos, ensinando o rumo exato para a renovação das forças, que fazem das novas gerações a grandeza e a segurança de uma nação (TODOS OS ESPORTES, 2 set. 1942, s/p).

34 Jeca Tatu é um famoso personagem do livro “Urupês”, de Monteiro Lobato, um dos grandes nomes da literatura brasileira.

Essa adoração pela Alemanha não era uma exclusividade de “A Tribuna”. Ao analisar a revista “Educação Physica”, publicada entre os anos de 1932 e 1945, Schneider (2003) argumenta que, para os editores desse periódico de circulação nacional, a Alemanha, sob o regime nazista, constitui-se em um ótimo exemplo do que a implementação da Educação Física e dos esportes poderia fazer em prol da juventude. Nesse contexto, os discursos eugenista e higienista foram fundamentais para legislar³⁵ (BAUMAN, 2010) e, assim, legitimar as ações do Estado (jardineiro) brasileiro (Estado Novo) no novo projeto de ordem da Nação brasileira. Suas políticas em torno da regeneração física, moral e intelectual do povo, atreladas ao discurso da melhoria da raça por meio do esporte, tinham, no Estado jardineiro alemão e nas suas políticas de higiene racional, o modelo a partir do qual se deveria proceder para alcançar o projeto de ordem almejado.

Essa admiração do Brasil pela Alemanha se justifica pela simpatia (velada) do chefe da Nação brasileira às ideias de Adolf Hitler. De acordo com Carneiro (1995), Vargas organizou e estruturou o governo brasileiro tomando como modelo as ditaduras europeias de direita. Mas, diante das pressões externas, Vargas procurava sempre camuflar seu caráter centralizador, defendendo ideias democráticas. Contudo, enquanto pôde, manteve relações cordiais com a Alemanha nazista e procurava jogar equilibrado com os EUA e os países do Eixo. Segundo Macedo (2008), o Brasil só tomou posição no conflito depois da pressão do movimento dos Aliados para que Vargas cedesse um “pedaço” do Rio Grande do Norte para a instalação de bases militares americanas. O Brasil se viu obrigado a romper definitivamente suas relações diplomáticas com os países do Eixo a partir de janeiro de 1942, após um encontro de chanceleres no Rio de Janeiro (BASBAUM, 1976). De fevereiro a julho desse mesmo ano, muitos navios mercantes brasileiros foram afundados por

35 Se Bauman empregou a metáfora da jardinagem para caracterizar o trabalho do Estado jardineiro na busca da ordem, vai utilizar a metáfora da legislação para expressar o tipo de esforço desencadeado pelos intelectuais (como os médicos) no estabelecimento de uma nova ordem social.

submarinos inimigos. Essa situação fez Vargas declarar, em 22 de agosto, estado de beligerância; e, a seguir, em 31 de agosto, o estado de guerra contra a Alemanha e a Itália.

O Brasil em Guerra: repercussões no esporte de Vitória

A entrada oficial do Brasil na guerra é sentida no jornal. A partir de então, as notícias referentes à guerra se multiplicaram. Manchetes e páginas inteiras são dedicadas aos noticiários do conflito. Como consequência, a página esportiva cede espaço para o relato desses fatos. Um acontecimento é particularmente importante: a Alemanha nazista deixa de ser a referência para o jornal em termos regeneração da raça e do projeto para a reinvenção da identidade nacional. Em uma matéria comentando o ataque dos navios alemães a uma frota brasileira, fica bem claro qual é a nova posição brasileira em relação ao País que, outrora, era seu modelo de perfeição física, moral e intelectual:

De todas as partes do país, os clubes esportivos tomam a única atitude que o verdadeiro esporte – fonte de civismo, lealdade e formação do caráter – poderia exigir quando os sicários do ‘eixo’ investem furibundos contra vítimas indefesas dentro de nossas águas territoriais, no ataque mais bestial que já sofreu o Brasil em toda a sua existência. Nunca o povo brasileiro foi vítima de agressão mais insolita, mais miserável, mais hedionda. Uma agressão só digna mesmo de alemães e de nazistas! (TODOS OS ESPORTES, 26 ago. 1942, s/p)

A entrada do Brasil no conflito gerou uma onda de medo e insegurança nos diferentes setores do País. A desconfiança dos governantes nacionais com a vinda dos novos cidadãos das terras agora inimigas, em sua maioria, imigrantes italianos e alemães e seus descendentes, levou a uma ação de controle do Estado em várias esferas. Segundo Carneiro (1995, p. 156), o Brasil

[...] fechou-lhes as portas adotando medidas restritivas em nome da 'construção de uma nação forte, de uma raça eugênica e de proteção aos sem trabalho'. Oficialmente enumerou os 'inimigos da Pátria' colocada em perigo com a presença de elementos tidos como indesejáveis, nocivos à constituição de uma identidade nacional.

Novas estratégias de jardinagem, portanto, foram desencadeadas pelo Estado jardineiro no Brasil. O que antes era amigo, agora virou inimigo. Essa oposição distingue a verdade da falsidade, a beleza da feiura, o bem do mal, “[...] o que é de bom gosto e o que não fica bem. Ela torna o mundo legível e, com isso, instrutivo. Ela dispersa a dúvida. E capacita o inteligente a prosseguir. Ela garante que se vá onde se deve ir” (BAUMAN, 1999, 63).

A esfera esportiva não ficaria alheia a esse controle. Embora essa vigilância, conforme demonstra Mazo (2007), fosse anterior à entrada do Brasil no conflito, ela se intensifica com a presença no Brasil na Segunda Guerra Mundial. Para Negreiros (1998), diante do panorama mundial, era fundamental para o governo “nacionalizar” os clubes, não permitindo que integrantes associados a nações inimigas pertencessem aos seus quadros. Somente nessas circunstâncias a Nação estaria livre das ameaças que poderiam destruir a harmonia pretendida. Nesse sentido, a imprensa se encarregou de divulgar as devidas medidas para a proteção nacional. Assim, foi criado um “[...] movimento dos esportistas nacionais” (TODOS OS ESPORTES, 26 ago. 1942, s/p), formado, inicialmente, na Capital Federal e que se propagou em terras capixabas com a ajuda da imprensa. No dia 26 de agosto de 1942, “A Tribuna” publicou, em sua página esportiva, uma matéria encaminhada à redação esportiva pela Capital Federal, Rio de Janeiro, em que, em tom imperativo, solicitava aos esportistas de todo o Brasil que “[...] se alistassem no grande exército civil que se encarregará da vigilância contra a quinta-coluna, tanto de estrangeiros como de maus brasileiros, para que estes miseráveis inimigos da Pátria sejam denunciados e punidos exemplarmente por iniciativa dos esportistas

brasileiros [...]”. Na sequência da reportagem, está muito clara a necessidade de banir dos clubes capixabas todos aqueles que, de algum modo, estivessem ligados aos “inimigos”, representados pelos países do eixo:

Não é possível que fiquemos nos platonicos protestos. Precisamos de ação e ação energica contra sobretudo esses maus brasileiros que em todas as partes, dentro mesmo de nossas instituições esportivas, se acham a serviço de Hitler, de Mussolini e de Heroito, expulsando-os o quanto antes de nosso seio, castigando-os exemplarmente, se necessario, entregando-os ás autoridades para as medidas que se fizerem mister [...]. Em todos os campos de foot-ball do Brasil, em todas as piscinas, pistas de atletismo, courts de ténis, em todas as canchas esportivas do país, antes das provas de domingo proximo fossem realizadas manifestações contra os italianos, alemães e japoneses, miseraveis inimigos do Brasil e contra os todos maus brasileiros que ainda se acham a serviço do integralismo, filial do grupo nazi-fascista. Que em nenhum campo de esporte do Brasil deixe de se fazer uma repulsa aos inimigos do Brasil. Que nenhum clube nacional deixe no seu seio os miseráveis súditos do eixo e que enxote igualmente todos os brasileiros que se mostrarem indignos de ser brasileiros (TODOS OS ESPORTES, 26 ago.1942, s/p).

Assim, os clubes esportivos foram obrigados a expulsar os seus dirigentes e associados estrangeiros que possuíam vínculos com países contrários aos países da aliança brasileira. Para ilustrar esse aspecto, encontramos a matéria do dia 2 de setembro, em que o clube futebolístico Vitoria F. C. toma a iniciativa de demitir do seu quadro todos os sócios do clube que eram de nacionalidades do eixo oposto ao que o Brasil se aliava:

Realizou-se ante-ontem, na sede do alvi-anil, a sessão semanal do clube, onde dentre muitos assuntos estudados, ficou deliberado o seguinte: ‘Demitir todos os socios do clube que são de na-

cionalidade das nações nossas beligerantes'. Assim sendo, foi revisto o livro de associados e excluídos os socios enquadrados na deliberação acima tomada. Não se pode deixar de merecer nossos elogios a atitude simplesmente patriótica dos dirigentes do Vitória F. C., que deu demonstrações mais uma vez de seu franco apoio às medidas de precauções a serem tomadas contra os suditos dos países que são considerados nossos beligerantes (TODOS OS ESPORTES, 2 set.1942, s/p).

No caso do Clube de Regatas Álvares Cabral, conforme podemos observar nas reportagens do dia 3 de setembro de 1942 e do dia 4 de setembro de 1942, sua contribuição aconteceu de modo diferente: seus diretores aumentaram em dois mil réis a taxa de contribuição mensal dos associados, com o propósito de destinar esse aumento aos “esforços da guerra”:

O movimento, que é ‘sui generis’, consiste em a mensalidade de cada socio, que é de 10\$000, passar a ser 12\$000. O crescimento de 2\$000 consistirá em auxílio de guerra para nosso País. A campanha durará até o termino do conflito atual, dando-se ás importancias arrecadadas o destino conveniente. A auspiciosa iniciativa reveste-se, dêsse modo, de um cunho de elevado patriotismo e possui um alcance indiscutivelmente benemerito para a tarefa ingente que foi imposta á Nação (TODOS OS ESPORTES, 3 set. 1942, s/p).

O jornal “A Tribuna” também participou da construção do ideário nacional, lançando, em suas publicações, a “Campanha da Medalha”. No caso, as medalhas serviriam de auxílio para o governo confeccionar materiais para a guerra, como armas e canhões. Segundo a “letra” do texto, a campanha da medalha

[...] representa muito mais que os sacrificios despendidos por um jogador, representa a base solida de uma Vitoria não em prol de um clube, mas sim, de um povo, um povo que nunca se acovardou diante da morte e que está disposto a manter sua atitude, mesmo que ponha em jogo sua própria

vida. Nada mais significativo para um brasileiro do que um recorte do jornal onde figure o seu nome como contribuinte da Nação [...] (TODOS OS ESPORTES, 10 set. 1942, s/p).

Dias após o lançamento da “Campanha da Medalha”, o jornal “bombardeia” a página esportiva com manchetes em clamor ao movimento:

Esportista!... Que te vale u’a medalha, se á Patria vais dar a propria vida? Contribua para a ‘Campanha da medalha’. Esportista!... Não é o valor monetario de tua medalha que necessita a Patria e sim a materia prima nela contida. Contribua na ‘Campanha da medalha’. Esportista!... Remeta-nos a tua medalha e guarde o jornal que publicou teu nome como contribuinte da Patria, para que no futuro sirvas de exemplo ao teu filho (TODOS OS ESPORTES, 12 set. 1942, s/p).

Aderiram a esse movimento dezenas de esportistas capixabas, que deixaram suas marcas no jornal “A Tribuna”. Esportistas consagrados no cenário de Vitória, como Wilson Freitas, fizeram do esforço individual o engrandecimento da Nação brasileira. O imperativo da colaboração foi endereçado também aos clubes da Capital. Identificamos reportagens em que os clubes (TODOS OS ESPORTES, 3 set. 1942, s/p; TODOS OS ESPORTES, 11 set. 1942, s/p) anunciam suas doações em favor da “causa nacional”. Muito interessante é a reportagem que noticia as doações do Vitória Futebol Clube. Segunda a matéria, mesmo afundando numa crise financeira sem precedentes em sua história, esse clube repassou ao Estado

[...] 6 lustros de gloriosas conquistas em memoráveis competições esportivas em nossa terra [...]. Chegado o momento em que a Nação reclama o sacrifício, o desprendimento e a renúncia de seus filhos, a mobilização de nossos recursos em prol do fortalecimento belico nacional, eis que o Vitoria prontamente atende ao chamamento do Brasil e renuncia a tudo, não hesitando em despojar-se de

sua única fortuna, passando-a, numa espontaneidade tocante, às mãos de nosso Governo, como contribuição para a Campanha que levará à vitória as côres do nossa Patria (TODOS OS ESPORTES, 11 set. 1942, s/p).

Podemos perceber, contudo, que tais laços coletivos também se deram a partir de uma faceta mais negativa vinculada a esse clamor por uma comunidade nacional. As práticas excludentes adotadas pelos clubes capixabas estão vinculadas a uma característica do discurso nacionalista apresentada por Bauman.³⁶ No entendimento desse autor, esse discurso se afirma pela agressão e ódio aos inimigos da sua Nação, acreditando “[...] que todos os infortúnios de sua própria nação são resultado de conspirações estrangeiras [...]” (BAUMAN, 2001, p. 199). Articulada a essa faceta, a unidade nacional também se ancora (como na “campanha da medalha”) em um pertencimento visto como destino e não como escolha. Assim, “[...] a única escolha disponível ao indivíduo é entre abraçar o veredicto do destino com as duas mãos e de boa fé, ou rebelar-se contra ele e assim tornar-se um traidor da sua vocação” (BAUMAN, 2001, p. 201).

Essa exaltação nacionalista era intensificada com a chegada do “Dia da Pátria”. Isso explica por que o mês de setembro de 1942 foi aquele em que encontramos a maior incidência de matérias esportivas com esse teor. O “Dia da Pátria” era celebrado no Brasil, desde o início do governo Vargas, em estádios de futebol. Em Vitória, não foi diferente. Com a instauração do Estado Novo, essas celebrações se intensificaram. Os esportes e as festas públicas funcionavam como a teatralização de uma

36 Vale lembrar que, na argumentação baumaniana, nacionalismo e patriotismo apresentam retóricas distintas, mas que na prática política podem aparecer entrelaçadas. Inspirando-se em Claude Lévi-Strauss, o autor diz que a fórmula patriótica pode “[...] inspirar estratégias ‘antropofágicas’ (‘devorar’ os estrangeiros, de modo que sejam assimilados pelo corpo de quem devora e se tornem idênticos às outras células deste, perdendo sua própria distintividade), enquanto que [o nacionalismo] se associa mais à estratégia ‘antropoêmica’, de ‘vomitar’ e ‘cuspir’ aqueles que não são ‘aptos em nós’, seja isolando-os por encarceramento dentro dos muros visíveis dos guetos ou nos invisíveis (ainda que não menos tangíveis por essa razão) muros das proibições culturais [...]” (BAUMAN, 2001, p. 201). Nesse sentido, operamos com a ideia de nacionalismo para interpretar o esporte em Vitória durante a Segunda Guerra.

imagem de Nação feliz e longeva. Reafirmavam, na ideia do coletivo e em sua coesão, as bases da propaganda nacionalista (DRUMOND, 2008). Além dos estádios, as ruas da cidade se tornavam o palco para as comemorações, e a imprensa era a responsável por convocar seus sócios para participar do desfile cívico, como atesta a matéria a seguir:

O Club Nautico Brasil, procurando colaborar de maneira decisiva, com todos os bons brasileiros, em todos os atos que visem o engrandecimento de nossa Pátria querida, convida os seus sócios, reservistas, para aderirem ao desfile diante do Altar da Patria, no dia 7 de Setembro próximo (TODOS OS ESPORTES, 2 set. 1942, s/p).

Os desfiles devem ser compreendidos, portanto, como práticas culturais simbólicas que impuseram crenças comuns à população ao traçarem imagens fundadoras da nacionalidade.

Considerações finais

O objetivo do capítulo foi, por meio do jornal “A Tribuna”, averiguar como se materializou o discurso que vinculava o esporte à construção da identidade nacional. Para tanto, demos ênfase às publicações do jornal “A Tribuna” durante a Segunda Guerra Mundial. Concluimos que o esporte, no jornal investigado, foi uma ferramenta responsável por “recrutar” e unir a sociedade em prol de um objetivo maior: o engrandecimento da Nação, seja porque sua prática favorecia o fortalecimento da raça, seja porque ele contribuía para a forja de uma identidade nacional. Ao desenvolver esse argumento, trouxemos à baila algumas contribuições do sociólogo Zygmunt Bauman, em especial suas metáforas da “ordem” e da “solidez”. Foi por meio delas que refletimos sobre os vínculos entre o esporte e o discurso nacionalista com vistas ao estabelecimento de uma nova ordem no Brasil. No novo “Projeto de jardim”, os discursos eugenistas e higienistas foram importantes para a reinvenção nacional pretendida (a “reforma” dos corpos e mentes).

Destacamos, também, como a entrada do Brasil na Guerra gerou reações nacionalistas nos clubes capixabas, expressas tanto nas medidas contra os estrangeiros (sobretudo italianos e alemães) como nas campanhas em favor da obtenção de recursos para a Guerra. Para as agremiações, de alguma forma era preciso contribuir para os novos “sólidos” que se pretendiam instaurar no País.

As informações reunidas neste capítulo trazem a público determinados aspectos da constituição do esporte em Vitória, um terreno ainda muito pouco explorado. A iniciativa se junta, assim, a outros recentes esforços (MELO, 2010) que estão no mesmo processo, quer dizer, divulgar elementos da história do esporte em cidades menores, fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, mostrando, com isso, como a “febre esportiva” que assolou o Brasil nas décadas iniciais do século XX se desenvolveu nesses lugares, em suas semelhanças, peculiaridades mas, também, diferenças. No caso da investigação que realizamos, predominou aquilo que já foi identificado em outras localidades do Brasil, de modo que foram menos visíveis, na fonte consultada, iniciativas que se colocassem na contramão do que era esperado da relação entre o esporte e os Poderes Públicos do período.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASBAUM, L. **História sincera da República**: de 1930 a 1960. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Modernidade e ambivalência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Em busca da política.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Legisladores e intérpretes:** sobre a modernidade, a pós-modernidade e os intelectuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BERCITO, S. D. R. **Ser forte para fazer a nação forte:** a educação física no Brasil (1932–1945). 1991. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

CARNEIRO, M. L. T. **O anti-semitismo na era Vargas:** fantasmas de uma geração: 1930-1945. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DIZARD, W. J. **A nova mídia:** a comunicação de massa na era da informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DRUMOND, M. **Nações em jogo:** esporte e propaganda política em Vargas e Perón. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

FRANZINI, F. **Corações na ponta da chuteira:** capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GOELLNER, S. V. *As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil do início do século XX.* **Recorde:** Revista de História do *Esporte*, v. 1, p. 5, 2008.

HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. **O esporte na imprensa e a imprensa no esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LINHALES, M. A. **A escola e o esporte**: uma história de práticas culturais. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

MACEDO, R. L. O esporte no Estado Novo: vigilância, formação e controle em época de guerra. In: ENCONTRO DA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE ESTUDIOS SOCIOCULTURALES DEL DEPORTE (ALESDE): ESPORTE NA AMÉRICA LATINA: ATUALIDADES E PERSPECTIVAS, 1., 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: [s.n.], 2008.

MAZO, J. Z. A nacionalização das associações esportivas em Porto Alegre (1937-1945). **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 43-63, set./set. 2007.

MELO, V. A. **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.p. 21-51.

NEGREIROS, P. L. **A nação entra em campo**: futebol nos anos 30 e 40. 1998. 346 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Universidade Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

SCHNEIDER, O. **A revista Educação Physica (1932-1945)**: estratégias editoriais e prescrições educacionais. 2003. 345 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Educação: História, Política e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

Jornal

A TRIBUNA. Vitória, 6 set. 1942, s/p.

_____. Vitória, 3 jun. 1942, s/p.

COMENTÁRIO ESPORTIVO. **A Tribuna**, Vitória, 23 out. 1941, s/p.

_____. **A Tribuna**, Vitória, 29 abr. 1941, s/p.

O ESPORTE E O GOVERNO. **A Tribuna**, 2 ago. 1941, s/p.

TODOS OS ESPORTES. **A Tribuna**, Vitória, 26 ago. 1942, s/p.

_____. **A Tribuna**, Vitória, 2 set. 1942, s/p.

_____. **A Tribuna**, Vitória, 3 set. 1942, s/p.

_____. **A Tribuna**, Vitória, 10 set. 1942, s/p.

_____. **A Tribuna**, Vitória, 11 set. 1942, s/p.

_____. **A Tribuna**, Vitória, 12 set. 1942, s/p.

_____. **A Tribuna**, Vitória, 13 jan. 1943, s/p

_____. **A Tribuna**, Vitória, 2 set. 1941, s/p.

_____. **A Tribuna**, Vitória, 6 set. 1942, s/p.



IMAGENS DA MULHER NA REVISTA VIDA CAPICHABA (1940-1949)

Cecília Nunes da Silva • Felipe Quintão de Almeida
Ivan Marcelo Gomes

Introdução

Este capítulo, na esteira de Goellner (2003), diz sobre imagens da mulher na revista *Vida Capichaba*. A reflexão empreendida dialoga, por um lado, com um referencial que se ocupou em narrar a história das mulheres³⁷ e, por outro lado, com uma literatura que enfatiza essa história na sua relação com a moda e/ou com o esporte.³⁸

Para empreender a investigação, duas decisões metodológicas foram tomadas. A primeira delas, temporal, elegeu os anos de 1940 (1941-1949) como o período em que nossas análises estariam concentradas, por acreditar que muitas mudanças sociais, iniciadas ainda na transição do século XIX para o século XX, teriam se consolidado, em Vitória, nessa década. Essas transformações, decerto, impactaram na imagem que a sociedade projetava da mulher capixaba. A segunda decisão refere-se à escolha da revista *Vida Capichaba* (1923-1957) como fonte. Segundo Xavier (2008), foi o principal impresso do Estado na primeira metade do século XX, circulando en-

³⁷ Ver Perrot (2008), Sant'Anna (1995), Del Priore (2004), Lipovetsky (2000) e Albino e Vaz (2008).

³⁸ Ver Lipovetsky (1989), Goellner (2003, 2008), Laver (1989), Feijão (1989, 2011), Barthes (1967) e Soares (2010).

tre 1923 e 1957. A *Vida Capixaba* inaugurou na sociedade local um novo espaço de circulação de ideias. A revista investia nos atrativos propiciados pelos recursos gráficos, como cores, imagens e papel de maior qualidade. Tais características tornavam a leitura mais amena e sedutora para os leitores da época. O sucesso/longevidade da *Vida Capixaba* baseou-se na capacidade de reunir vários dos atributos do estilo de vida moderno (RANGEL, 2011). O periódico era ilustrado com fotografias de adultos e crianças, festas sociais, concursos diversos, eventos escolares, cívicos e esportivos. As capas tinham traços estilizados e modernos; eram constituídas de fotografias com paisagens capixabas ou, então, reproduziam, na maioria das vezes, imagens de corpos femininos.

As prescrições endereçadas à mulher eram comuns na revista, estando espalhadas ao longo de cada edição ou, então, reunidas em três seções dedicadas a elas: “A Eterna Vaidade”, “Feminea” e “Elegância feminina”. As mulheres capixabas compunham o público leitor desse periódico. Por isso, colunas como as citadas eram dedicadas à redação de temas considerados de interesse do público feminino. A cronista Ilza Dessaune tratava, na seção “Feminea”, de assuntos de moda, conselhos de conduta e relatava os eventos ocorridos em Vitória. A seção “A Eterna Vaidade” era “recheada” de dicas de comportamento e vestuário, direcionadas a ambos os sexos. Na página “Elegância Feminina”, observamos as últimas novidades na moda e alguma publicidade direcionada ao vestuário.³⁹

A análise das imagens femininas disseminadas em periódicos se constitui como estratégia de trabalho bastante utilizada. No campo da Educação Física, um dos trabalhos mais importantes (por seu pioneirismo) é o de Goellner (2003). Em Vitória, destacamos a pesquisa de Xavier (2008) e de Rangel (2011), as quais discutem, respectivamente, as relações de poder e o feminismo presentes nas páginas da *Vida Capixaba*.

39 Não identificamos a autoria das seções “A Eterna Vaidade” e “Elegância Feminina”.

Organizamos o capítulo em três tópicos. No primeiro, descrevemos os valores culturais e morais esperados das mulheres, em que se enalteciam as imagens do sexo maternal, frágil e belo. No segundo, narramos como a moda (esportiva) foi importante para desconstruir o “dever ser” feminino vinculado à maternidade e à fragilidade do “belo sexo”, introduzindo a imagem de uma mulher moderna, atenta aos novos ideais da moda e da prática esportiva. Nas considerações finais, apontamos a presença de uma dualidade dos discursos direcionados à mulher e a importância do esporte na construção de um novo corpo feminino.

Imagens da mulher na revista *Vida Capichaba*: entre o casamento, a maternidade, a fragilidade e a beleza

Analisando as 112 edições publicadas entre os anos de 1940 e 1949, é possível concluir quais eram as imagens da mulher mais comuns na revista *Vida Capichaba*. Identificamos, por exemplo, a imagem feminina atrelada às tarefas relacionadas com a família e a casa, pois seu lugar não seria o espaço público, mas, sim, os deveres privados, do lar. Nessas circunstâncias, também verificada em outros periódicos da mesma época (BASSANEZI, 1996; GOELLNER, 2003), a revista buscava ensinar as leitoras a cuidar da casa e a criar um “ambiente de felicidade ao lar”, já que a dona de casa perfeita era o modelo de boa educação, tornando-se objeto de interesse dos homens e obsessão para as mulheres (PERROT, 2008). Muitos anúncios da revista retratavam a importância da mulher para a construção de uma família feliz. Por exemplo, em uma nota publicada em março de 1941, dizia-se que seria distribuído gratuitamente às assinantes da revista um manual que as ensinaria a fazer belos bordados e que, uma vez efetuados, dariam aos lares um ambiente de felicidade:

Brevemente, iremos distribuir gratuitamente as assinantes desta revista a esplendida e útil publicação, ‘riscos e bordados do mensageiro do lar’, como suplemento feminino, contendo em cada número, belos e numerosos modelos de bordados

e um grande mapa de riscos em tamanhos naturais, além de várias seções que alegrarão nossas leitoras, e cujos modelos uma vez executados, darão aos lares um ambiente de felicidade. Dessa forma ‘O mensageiro do lar’ institui a Rêde Jornalística Nacional (R. J. N) contribuindo poderosamente em prol da unidade da família brasileira (VIDA CAPICHABA, 1941, s/p).⁴⁰

O ideal feminino estava, primordialmente, ligado ao casamento; a revista *Vida Capichaba* veiculava essa norma, já que a constituição da família era função primordial da mulher, e “o casamento seria sua grande realização” (XAVIER, 2008). Rangel (2011) ratifica essa conclusão, ao apontar que o discurso predominante na *Vida Capichaba* era o da mulher como “anjo do lar”, tendo como função o casamento e a maternidade. Como mãe e esposa, a mulher era colocada como a grande responsável pelo funcionamento e bom andamento do lar. As mulheres eram exaltadas pelo seu papel de esposa, donas de casa e “mães de família” (RANGEL, 2011).

Relatos de noivados e casamentos eram constantes nas páginas da revista (Figura 20): a Coluna “Alfinetadas” sempre trazia os enlaces anunciados na sociedade capixaba, como demonstrado neste breve trecho: “A funcionária moreninha da prefeitura fez-se noiva... Parabéns” (VIDA CAPICHABA, s/p, 1942). Como também no poema de Paulo Setubal, publicado em fevereiro de 1943:

És noiva...Em breve há de raiar o dia,
Festivo, azul, vibrante de alegria,
Que te sorri num céu de rosciclér,
Irás à igreja. E num altar formoso,
Branca de anseio, trêmula de gozo,
Verás florir teu sonho de mulher
(VIDA CAPICHABA, s/p, 1943).

40 Mantivemos a originalidade da escrita.



Figura 20 – Anúncio de enlace matrimonial
Fonte: *Vida capichaba*, 15 jul. 1941.

Ao mesmo tempo em que sua imagem estava associada ao ambiente privado do lar (boa mãe, boa esposa), a mulher era portadora de uma saúde frágil, necessitando, assim, de cuidados específicos para os males que as assolavam. Na revista *Vida Capichaba*, esse ideal de fragilidade feminina se fez bastante presente. A delicadeza da mulher era declamada em poemas que enalteciam seus encantos, sua doçura, passividade e feminilidade, como observamos no excerto a seguir:

As mulheres são adornos da sociedade. As flôres enfeites da natureza. Nas flores admiramos cores tão belas, que parece só podiam serem dadas por Deus: as mulheres apresentam cores tão lindas, que parecem criaturas do céu. As flôres são tão frágeis, que qualquer aragem as destroe; as mulheres são tão fracas que qualquer pesar as abale. As flores tornam o ar agradável com seus aromas divinos. As mulheres embelezam a vida com seu espírito. Qualquer inseto destroe a flor e a mata. Qualquer maldade aniquila a mulher e a perde. As flores adornam as nossas mesas. As mulheres enfeitam a nossa vida (VIDA CAPICHABA, 1946, s/p).

De acordo com Xavier (2008), o desenvolvimento dos estudos na área da ginecologia e obstetrícia reforçou os conceitos de que a mulher possuía uma saúde mais debilitada. Nessas circunstâncias, o uso de fortificantes e estimulantes era visto como auxiliares no fortalecimento do corpo das senhoras e contribuía para a manutenção de sua saúde, como ilustrado nas figuras abaixo:



Figura 21 – Anúncio de estimulantes e fortificantes
Fonte: *Vida Capichaba*, 30 de jan. 1940.



Figura 22 – Anúncio de estimulantes e fortificantes
Fonte: *Vida Capichaba*, 15 de abr. 1942.

Outro exemplo desse vínculo entre saúde e tônicos pode ser encontrado na propaganda do “Regulador Gesteira”, um elixir que diminuía os sofrimentos femininos e que proporcionava grandes melhoras para as mulheres:

Quando levar uma queda, um susto, ou tiver rai-vas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isso um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência. Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use Regulador Gesteira. Faça assim que evitará muitas doenças perigosas. Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, sensação de sufocação, tonturas, peso e dormência nas pernas, falta

de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero. Regulador Gesteria evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações (VIDA CAPICHABA, 1943, s/p).

A revista *Vida Capichaba* não veiculou apenas imagens femininas atreladas ao lar e à fragilidade de sua saúde, mas, também, associou essa imagem aos ideais de beleza. A revista exaltava a beleza feminina, de modo que várias matérias forneciam dicas sobre como realçá-la. Conforme ilustra matéria assinada por Denise Vedrone, a qual dizia que “[...] não há mulheres feias, há apenas mulheres que não sabem tirar partido do seu rosto” (VIDA CAPICHABA, 1946, s/p). Os discursos que referenciam a mulher como sendo o “belo sexo” (LIPOVETSKY, 2000), detentora do capital beleza, carregam consigo um imperativo: o de fazer-se bela (ALBINO; VAZ, 2005). A responsabilidade que a revista acarreta a mulher faz com que ser bela deixe de ser uma possibilidade e passe a ser um dever. Na passagem abaixo, isso é evidente. Nela, a revista destaca seu dever de ser bela, sedutora e feminina, um imperativo que se iniciava já na vida privada:

Sendo tão previdente e exigente quando se trata de passeios, você é sem dúvida muito mais diante de seus filhos e de seu marido. Vendo ao jantar, a correção de seu penteado, concluímos que foi refeito a tarde. Certamente não gostaria de almoçar com os seus, dando-lhes o espetáculo melancólico de uma beleza que não se cuida e que só realça os encantos para os passeios: use então um lenço, graciosamente amarrado para esconder grampos, laços e papelotes. Devemos ser sedutoras para a sociedade, mas o primeiro dever de uma mulher é mostrar encanto no lar e prodigalizá-lo àqueles que lhes são íntimos (VIDA CAPICHABA, 1946, s/p).

O rosto toma um lugar importante nos cuidados com o corpo, no qual emergem estratégias para torná-lo cada vez mais belo. A revista, ao se colocar como parceria da mulher,

ajuda-a nessa tarefa imprescindível, dando-lhes conselhos sobre a maquiagem ideal para cada tipo de rosto, como:

Se você tem o rosto quadrado – Antes de mais nada você sabe que isso é um sinal de coragem e perseverança? Você deve portanto ter energia de sobra. Entregue uma parcela dessa grande qualidade em se tornar mais bonita. [...] Espalhe o rouge entre as orelhas e o queixo o que dará a sua face um bonito arredondado, não depile demais as sobrancelhas. Se você lhes der uma linha horizontal e muito fina acentuará mais ainda os traços quadrados do seu rosto. Dê-lhes uma fôrma curva (VIDA CAPICHABA, 1946, s/p).

Obviamente, os cabelos não poderiam ficar fora desse arsenal de cuidados:

Por Malou – O penteado ocupa um lugar de grande importância na elegância e encanto feminino [...] Assim, ao levantar-se, deverá pentear-se ou prender os cabelos numa rede de renda, a menos que prefira esconder o <<mise en plis>> com um daqueles turbantes cujo segredo a parisiense conhece, dando-lhes um cunho pessoal e que são usados tanto em casa, como nos passeios e saídas para compras (VIDA CAPICHABA, 1946, s/p).

Os cuidados femininos vão além da superfície; não basta fazer uma boa maquiagem ou um belo penteado. Com as novas descobertas médicas, a compreensão da pele como órgão permite às mulheres se preocupar com a saúde da cútis, o que contribui na manutenção de sua juventude:

É preferível prevenir, a ter que corrigir os defeitos da pele, que tanto enfeiam o rosto. Rugol, usado diariamente em massagens, evita o aparecimento de cravos, espinhas, sardas, manchas e rugas. Rugol, penetra até as camadas sub-cutaneas e fortalece os tecidos, impedindo que a pelle se torne flácida, sem viço, e que se formem rugas e pés de gallinhas. Rugol é a garantia de sua mocidade e

da conservação da beleza de sua cútis
(VIDA CAPICHABA, 1942, s/p).

As dicas das novidades da Medicina estética, desse modo, “[...] sugerem à leitora que é possível ter um corpo semelhante aos das modelos, ou que a beleza que as ‘estrelas’ possuem é fruto do correto investimento (possíveis para todas) em seus corpos” (ALBINO; VAZ, 2005, p. 215). De acordo com Lipovetsky (2000), nesse período, o uso de cosmético é um imperativo de civilidade e a boa aparência se torna por vez dimensão essencial do feminino. A *Vida Capichaba* preenchia suas páginas com muitas imagens de rostos de mulheres jovens. Os gestos e costumes que buscaram uma fisionomia mais à moda revelam, também, as diversas nuanças do sonho de ser moderno e civilizado (SANT’ANNA, 1995), como mostra uma fotografia, publicada na edição de agosto de 1949, do rosto da miss Espírito Santo de 1949, a qual, de acordo com a revista, merece homenagem devido aos “seus dotes físicos, de espírito e pela sua elegância” (VIDA CAPICHABA, 1949).

Trata-se, a partir de então, de uma mulher provida de informações e com um tipo de “licença” social para educar e dominar o seu corpo para a conquista da beleza. O que prevalece é a máxima de que todas podem ser bonitas, desde que invistam em si mesmas. A beleza feminina não é mais um privilégio da natureza, reservado a um pequeno número de mulheres, mas

O princípio de livre posse de si tornou ilegítima a cultura da aceitação do dado, valorizou a vontade de domínio soberano sobre a aparência a fez cair as antigas resistências à otimização da beleza. Ao esquema tradicional que define a beleza como intangível presente dos céus sucedeu o dispositivo da beleza passível de apropriação, expressão estética do princípio moderno de controle ilimitado do mundo (LIPOVETSKY, 2000, p. 163).

Ao mesmo tempo em que essas prescrições eram dirigidas às mulheres, foi possível identificar, nas páginas do impresso,

discursos que contrariavam o dever ser feminino vinculado à maternidade e à fragilidade do “belo sexo”. Nesse contexto, a moda, em especial a com inspiração esportiva, foi fundamental para introduzir, nas páginas de *Vida Capichaba*, outras imagens ou modos de se viver a feminilidade. São olhares que se diversificam e para os quais as imagens de mãe, dona de casa e frágil não retiram da mulher outras possibilidades de viver a sociedade e seu tempo. Vejamos isso no tópico a seguir.

Imagens da mulher na *Vida Capichaba*: as mulheres no ritmo da moda (esportiva)

A moda no Brasil, até os meados do século XIX, caracterizava-se por vestidos volumosos de cores sóbrias. Essa aparência pesada se vinculava a uma elite ainda muito ligada ao meio rural (DEL PRIORE, 2004; FEIJÃO, 2011). A fragilidade e a dependência da mulher desse tempo eram vistas em suas vestimentas. Trajes complicados, peças que encerravam o corpo em suas camadas, em seu peso e volume. Isso refletia “simbolicamente a falta de autonomia da mulher” (FEIJÃO, 2011).

É a partir dos anos de 1920, com a simplificação do vestuário feminino, que a moda se torna mais acessível, pois é mais facilmente imitável (LIPOVETSKY, 1989). E revistas, como a *Vida Capichaba*, têm papel fundamental nessa acessibilidade, ao mostrar os modelos, ao dizer as cores que estão em alta e declarar os aparatos que passam, então, a se fazer presentes. Assim, o vestuário (a moda) é um ato significativo, capaz de “revelar” o indivíduo. Na interpretação de Soares (2010), “[...] a sua aparente futilidade, banalidade, superficialidade, efemeridade indicam maneiras de viver, indicam pertencimento”. A *Vida Capichaba* estava atenta às mudanças que vinham acontecendo; suas páginas destacam o uso de roupas como um ato de distinção, como símbolo de modernidade. O impresso estava cheio de imagens de jovens modelos portando o que se chamava, então, de “as modas modernas”; junto às imagens, havia sempre a descrição do

modelo e dicas de como utilizá-lo. Uma matéria da página “Elegância Feminina”, de 1940, diz que

Estão em moda as blusas e mais do que nunca estiveram. Pode-se dizer que é uma das notas mais interessantes da actualidade. No guarda-roupa feminino cheio dellas, pelo encanto renovado, pela singeleza, pelo trabalho maravilhoso de <<lingerie>>, essas prendas sugerem mil recursos a toilette, acompanhando <<tailleurs>> os mais elegantes e fazendo parte do conjunto os mais singelos (VIDA CAPICHABA, 1940, s/p).

Feijão (2011) afirma que o uso do *tailleur* tornou-se muito comum nos passeios pela cidade. Tal vestimenta se caracterizava por um conjunto de saia e blusa/casaco diretamente inspirado no guarda-roupa masculino, o que reforçava a ligação desse tipo de vestimenta com as atividades até então de domínio masculino, pois, nesse período, as mulheres já estão “autorizadas” a extrapolar a esfera privada do lar. De acordo com Feijão (2011), elas trabalham, viajam e fazem compras. Esses são hábitos cosmopolitas, obviamente inspirados pelo anseio de ser moderno, sem, contudo, abandonar a singeleza e a leveza (Figura 23).

A moda dos cabelos à *La garçonne*, junto ao uso de *tailleur*, dava às jovens uma sensação real de mudança de época, de viverem em um período novo, mais liberal (PERROT, 2008). O cabelo é o sinal mais visível de feminilidade e o corte de cabelo corresponde à imagem de uma mulher moderna, detentora de uma nova feminilidade. As Figuras 24 e 25 retratam o novo corte de cabelo, que costumeiramente era acompanhado de pequenos chapéus, permitindo maior comodidade junto a um desejo de leveza (PERROT, 2008). Os cabelos à *La garçonne* rompiam com as vastas cabeleiras de outrora, proporcionando às moças uma aparência assustadoramente masculina (SEVCENKO, 1992), trazendo a ideia de uma mulher mais combativa.



Figura 23 – Hábitos cosmopolitas
Fonte: *Vida Capichaba*, 15 nov. 1943.

Elegancia Feminina



Figuras 24 – Anúncios de tendências de cortes de cabelo femininos
Fonte: *Vida Capichaba*, 30 maio 1941



Figuras 25 – Anúncios de tendências de cortes de cabelo femininos
Fonte: *Vida Capichaba*, 15 set. 1943

Conforto e eficácia (SOARES, 2010) também fazem parte desse novo estilo de se vestir, sem abdicar, contudo da elegância:

Os vestidos de noite, cuja linha requer um destaque apropriado, conta também com essas blusas realizadas em tecidos de certo esplendor, para ceias e até para bailes. As combinações, neste sentido, são sempre sóbrias, para bellos efeitos. Assim fica linda, mais linda uma blusa de chiffon rosa pálido, decotada, inteiramente plissada, sem mangas, acompanhada de saia comprida, que pode ser negra de seda [...]. Com a mesma saia outra blusa não terá menor beleza e será a interpretada em lamê, cor celeste e ouro, cujo decote seria alto e redondo e cujas mangas se armem em globo. Se for para ceia o completo é um pequeno bolero do mesmo panno da saia. Nas atividades desportivas, as blusas que se impõem são as cortadas em forma de colete e as de estilo <chemesier>. O material preferido para fazel-as varia entre os crepes e as sedas, com bolas ou listas (VIDA CAPICHABA, 1940, s/p).

Nesse contexto, o esporte foi um fenômeno cultural que teve um papel de primeiro plano na revolução democrática do parecer feminino. A valorização dos esportes contribuiu para desencadear um processo de desnudação do corpo feminino (LIPOVETSKY, 1989; FEIJÃO, 2011, BARTHES, 1967). Posição semelhante possui Soares (2010, p. 119), para quem “Ao esconder e revelar voluntariamente partes escolhidas do corpo, elas [as roupas] acentuam a nudez, ou um corpo nu, como expressão de cultura. São as roupas que criam e destacam toda a *erotização* de um corpo que se *desveste*”. Os modos de se vestir se modificam, as vestimentas encurtam, os decotes tornam-se abundantes, as blusas sem manga transmitem novas sensações e os tecidos propiciam leveza e transparência. De fato, os esportes tiveram grande influência no desuso das antigas anáguas e saias pesadas, ao propagar ideais de corpos mais maleáveis e dinâmicos. A moda esportiva vai possibilitar, assim, a expressão de uma nova sexualidade (GOELLNER, 2003). Vejamos isso na passagem a seguir, referente à prática dos patins entre as moças:

«Skaterina» é uma palavra nova americana que apareceu com o resurgir da moda de patins de rodas nos Estados-Unidos. «Skaterina» (derivada de «skate» - patins) é o termo com que são denominadas as saínhas curtas tiornadas conhecidas no mundo inteiro pela encantadora Sonia Henje, e agora adoptadas por todas as «fans» de patinação. Foi justamente a adopção d'essas saínhas (e respectivos calções de seda) pelas freqüentadoras dos «rinks» de patinação que veio despertar um novo interesse pelo sport – pois que permitindo essa indumentária todos os movimentos e acrobacias, sem os entraves que os vestidos compridos apresentavam, isso veio tornar a patinação um divertimento ainda mais interessante para as «girls» - sem falar do bem mencionado facto que todas as pequenas gostam de exhibir uma perna bem feitinha [...] (VIDA CAPICHABA, 1940, s.p.).

A anunciada liberdade de movimento não estava restrita ao vestuário específico às práticas esportivas e aos adeptos das atividades físicas, mas se ampliava na sociedade como um modelo e estilo de vida, pois nesse período triunfam os contornos físicos desembaraçados e uma maior liberdade de movimento (SOARES, 2010). Na página de moda da *Vida Capichaba* (1940, s/p), dizia-se que as mulheres capixabas se interessavam pelo estilo esportivo devido “[...] as rodas femininas capixabas serem dotadas de grande senso artístico”. Estilo esse que já era comum às mulheres de todo o mundo (Figura 26).

André Ledoux, que vestia desde as mulheres que praticavam esportes náuticos até as que jogavam golfe, foi elogiado na Revista:

André Ledoux, grande costureiro de esportes de inverno, pensa hoje nas temporadas, nos week ends felizes. Veste a mulher que pratica esportes náuticos, a que escala montanhas ou que joga golf. Despe com originalidade a que vai à piscina

ESTYLO DESPOR- TIVO

BIBLIOTECA

Esse estylo despórtivo tem merecido, ultimamente, a melhor acceitação pelo mundo feminino de Victoria, como de todo o mundo official. E de facto, é uma indumentaria que, feita com apreciavel gosto da arte, impressiona, mui agradavelmente. Jean Desses offerece este modêlo de facil realização, em linho branco completado com a bluz de jérsey vermelho. É um esplendido «tailleur», que Victoria saberá apreciar, tal o senso artistico, para modas, que possuem as nossas rodas femininas.



Figura 26 – Estilo desportivo

Fonte: *Vida capichaba*, 30 maio 1940.

ou à praia. Ver a coleção de Ledoux é evocar toda alegria do Sol Para o iate, calças, blusas e camisas inteiramente clássicas, o branco, o vermelho vivo, mas, sobretudo o azul. Eis uma encantadora saia baiadeira, amarela, marrom e branca, com uma blusa amarela; tirando-se a saia, vê-se um <short> justo e curto (os <shorts> tem este ano, as

dimensões das roupas de banho). Um vestido para noite, chamado <Palm Beach> deixa os ombros inteiramente descobertos, tendo de cada lado da cintura, uma <panier> inesperado. O tecido é de cor viva semeado de estrelas do mar (VIDA CAPICHABA, 1946, s/p).

Para Barthes (1967), as cores fortes na moda (como o “vermelho vivo” que aparece na vestimenta de André Ledoux) revelam independência, agressividade e liberdade, o que se relaciona com o comportamento das moças modernas, já que a moda do período realça a liberdade, “[...] repudiando tudo quanto é artificial e postiço, tudo que embaraça os movimentos e sufoca a natureza” [...] (SEVCENKO, 1992, p.52).

A moda esportiva implica, também, a produção de novos sentidos em relação aos espaços de lazer e de sociabilidade nas cidades. Paradigmático, a esse respeito, é o caso da praia e dos banhos de sol, uma vez que o bronzamento tornou-se uma exigência de elegância e um novo ideal de beleza se constitui: o do corpo bronzeado. A moda do corpo bronzeado faz parte do estilo de vida de uma elite que valorizava as atividades ao ar livre, apropriando-se de modelos vividos na Europa e nos EUA (SOARES, 2010). A ida à praia, aos clubes para banhar-se nas piscinas, a prática do remo, entre outras modalidades, instituem-se como parte do cotidiano da vida moderna. Assim,

[...] falar de uma pele bronzeada, de uma outra tonalidade de pele, torna-se tema bastante instigante, pois, uma pele bronzeada não é, simplesmente, uma pele *naturalmente* escura e sim, resultado de um processo cuidadoso de exposição do corpo ao sol, ou às lâmpadas e cabines de bronzamento (SOARES, 2010, p. 105).

Em matéria de 30 de setembro de 1948, a revista *Vida Capichaba* ensina e alerta quanto aos cuidados com os banhos de sol, não sem antes elogiar e relatar como são as banhistas que se aventuram nessa prática moderna:

Uma coisa que impressiona em nossas praias (sem falar das palpitações que nos causam as garotas em diáfanos maillots e em shorts shortíssimos) é o espetáculo de banhistas deitadas na areia sob um sol abrasador a se deixar torrar plácida durante horas e horas (VIDA CAPICHABA, 1948, s/p).

Os esportes aquáticos também não ficaram alheios à moda esportiva, incorporando as modificações decorrentes dos novos valores corporais em tela. As mulheres capixabas estavam atentas a isso; como observamos na capa de 30 de março de 1947, estampada pela Srta. Sophia Reblin, a Miss do Clube de Regatas e Natação Álvares Cabral. Vestir roupas específicas para a prática esportiva, ser *miss* de um clube esportivo e posar para a capa da revista mais importante da cidade na época constitui e atesta um lugar social diferenciado, confirmando a importância do esporte e das vestimentas na formação de novos valores femininos.

Considerações finais

Observamos, na análise da revista, como se reafirmaram ou se modificaram os imperativos na formação da mulher moderna, tendo como dispositivo de análise o vestuário e a moda. Em outras palavras, como se mantiveram ou se inovaram discursos sobre seu corpo.

Os discursos incitavam as mulheres a mostrar seu corpo, mas também diziam que elas deveriam aderir à modernidade sem deixar de preservar suas virtudes “naturalmente” femininas, ressaltando que elas não poderiam esquecer-se dos seus deveres e atribuições com a família. Identificamos, assim, que os discursos se entrelaçam, são notoriamente ambivalentes e ambos falam de um “dever ser” feminino. Um “dever ser” moral, constituído por um comportamento adequado, por valores tidos como destinados à mulher, como a fragilidade, a ternura e a aptidão para o matrimônio. Ou um “dever ser”

que se faz presente na necessidade de se fazer bela e moderna, símbolo de civilidade e urbanidade. Aqui há um “equilíbrio de antagonismos” (LIPOVETSKY, apud GOLDENBERG, 2006), pois a construção do corpo feminino é conservadora e subversiva, ao mesmo tempo. No momento em que a mulher começa a ter um grau de liberdade, ela continua a sofrer pressões sociais na ordem dos valores morais e sociais. Por um lado, propicia-se maior gestualidade corporal, maior liberdade de movimentos; por outro, exige-se mais cuidados corporais, já que agora o corpo está mais à mostra.

Com a imprensa, as mulheres passaram a ser informadas sobre a “última novidade” em vestuário, podendo vestir-se na moda graças aos moldes, as imagens e as dicas de como usar determinado traje. Afinal, a *Vida Capichaba* estava atenta em veicular as ideias de modernidade, venerando o progresso, a civilidade e a tecnologia, influenciando novos estilos de vida.

Há uma influência mútua entre as roupas do cotidiano, a prática esportiva e as roupas específicas para a prática do esporte. Junto a isso aparece o desejo (e a obrigação) de beleza, eficiência, flexibilidade, agilidade e as mulheres não devem esquecer-se da elegância. Todas essas são características tipicamente modernas e que se manifestam no corpo. Essas sensibilidades moldaram um novo corpo feminino, corpo esse que foi o lugar no qual esse conjunto de técnicas e pedagogias foi posto em ação.

Referências

ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. “Mulher, como deves ser”: um estudo sobre a educação do corpo feminino no jornal *Dia e Noite* (1940-1941). **Temas e Matizes**, Cascavel, ano IV, n. 7, p. 63-74, 2005.

BARTHES, R. **Sistema da moda**. Lisboa: Edições 70, 1967.

BASSANEZI, C. **Virando as páginas, revendo as mulheres**: revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro: Contexto, 2004.

FEIJÃO, R. **Moda e modernidade na belle époque carioca**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí. 2003.

_____. As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-28, jun. 2008.

GOLDENBERG, M. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em movimento**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-123, jul./dez. 2006.

LAVER, J. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

_____. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

RANGEL, L. A. S. **“Feminismo ideal e sadio”**: os discursos feministas nas vozes das mulheres intelectuais capixabas. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de

Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

SANT'ANNA, D. B. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 121-139.

SETUBAL, P. Sê Feliz. **Vida Capichaba**, Vitória, v. 20, n.565, 28 de fev., 1943

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

SOARES, C. L. **As roupas nas práticas corporais e esportivas**: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940). 2010. Tese (livre-docência)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

XAVIER, K. R. L. **Mulher e poder nas páginas da revista Vida Capichaba**. (1923-1945). 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

Revistas

VIDA CAPICHABA. AS NOSSAS LEITORAS, Vitória, s/p. 15 mar. 1941.

_____. Vitória, s/p. 15 jul. 1941.

_____. Vitória, s/p. 15 abr. 1942.

_____. Vitória, s/p. 28 fev. 1942.

_____. Vitória, s/p. 30 jan. 1940.

_____. Vitória, s/p. 30 mar. 1943.

_____. PARA A MULHER CAPICHABA, Vitória, s/p. 30 mar. 1946.

_____. Vitória, s/p. ago. 1949.

_____. ELEGÂNCIA FEMININA, Vitória, s/p. 30 maio 1940.

_____. ELEGÂNCIA FEMININA, Vitória, s/p. 15 nov. 1943.

_____. ELEGÂNCIA FEMININA, Vitória, s/p. 30 maio 1941.

_____. ELEGÂNCIA FEMININA, Vitória, s/p. 15 set. 1943.

_____. Vitória, s/p. 30 de jan. 1940.

_____. Vitória, s/p, 30 de set. 1940.

_____. Estylo desportivo, Vitória, s/p. 30 maio 1940.

_____. Os prazeres do sol, Vitória, s/p. 30 nov. 1946.

_____. Cuidado com os banhos de sol, Vitória, s/p. 30 set. 1948.

_____. Capa da revista, Vitória, 30 mar. 1947.

Figuras

Figura 20 – Anúncio de enlace matrimonial. Fonte: **Revista Vida capichaba**, s/p, 15 jul. 1941.

Figura 21 – Anúncio de estimulantes e fortificantes. Fonte: **Revista Vida capichaba**, s/p, 30 de jan. 1940.

Figura 22 – Anúncio de estimulantes e fortificantes. Fonte: **Revista Vida capichaba**, s/p, 15 de abril 1942.

Figura 23 – Hábitos cosmopolitas. **Revista Vida capichaba**, s/p, 15 nov. 1943.

Figura 24 – Anúncio de tendências de cortes de cabelo femininos. Fonte: **Revista Vida capichaba**, s/p, 30 maio 1941.

Figura 25 – Anúncio de tendências de cortes de cabelo femininos. Fonte: **Revista Vida capichaba**, s/p, 15 set. 1943.

Figura 26 – Estilo desportivo. Fonte: **Revista Vida capichaba**, s/p, 30 maio 1940.

Esta publicação foi composta utilizando-se as famílias
tipográficas Adobe Garamond Pro e DIN 1451 Std.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada
a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

